



PLUTARCO BRASILEIRO

I

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

§ 1.º

No anno de 1758, em que, por alvará de 8 de Maio, ordenou El-Rey D. José 1.º, que a todos os gentios do Brazil, e a todos os seus bens, sem restricção alguma, se estendessem os beneficios das cartas de ley de 6 e 7 de Junho de 1755 (*), em cumprimento da constituição do Papa Benedicto XIV, de 20 de Dezembro de 1741, considerando-se elles livres, e no pleno gozo de todos os seus direitos civis, — veio ao mundo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.

Foi logar do seu nascimento a actual cidade de S. João d'El-Rey, em Minas Geraes; era então illa, estabelecida em 1718 pelo governador

(*) Estas cartas de ley só dizem respeito aos indigenas do Grão Pará e do Maranhão.

conde de Assumar (*), nas proximidades e margens do Rio das Mortes; fôra terreno famoso pelos combates sanguinarios que alli houveram entre Paulistas e Taubatenos, que ambicionavam todos possuí-lo, pela abundancia de suas ricas faisqueiras de ouro; resultando-lhe das mortes, que presenciára, o triste appellido, porque ainda hoje se conhece toda a comarca.

Governava Gomes Freyre de Andrade não sómente as capitánias do Rio de Janeiro e Minas Geraes, senão também as capitánias do Sul do Brazil, havendo regressado do Uruguay, n'este mesmo anno de 1758, e continuando no exercicio da autoridade de governador e capitão general.

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga descendia de pais pobres; mostrando viveza e engenho, logo nos primeiros annos, obteve o auxilio de uma subscrição de amigos, e veio para o Rio de Janeiro, aonde cursou as aulas de instrucção secundaria, e aonde, obtendo maior somma de protectores, conseguiu passar-se para Portugal, seguir para Coimbra, matricular-se na universidade, e formar-se bacharel em leys.

(*) Monsenhor José de Souza Azevedo de Aranjó Pizarro. Tomo 2.º, 2.ª parte das Memorias historicas. Convém entretanto dizer que uma memoria historica de Claudio Manuel da Costa dá no anno de 1719, e não no de 1718, a creação da villa de S. João d'El-Rey. Uma historia corographica da capitania de Minas, por José Joaquim da Rocha, attribue-a no anno de 1715, sendo governador D. Braz Balduino da Silveira, Manuel Ayres do Casal, emfim, na Corographia Braslica, Tomo 1.º allega que teve logar em 1712:

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado
 sob o número 5495
 do ano de 1946

Desde a mais tenra idade patenteou-se-lhe subido talento poetico; na universidade admiravam seus companheiros suas composições, e os proprios lentes não podiam deixar de tecer elogios ao genio feroso e brilhante, que fructos já delicados e saborosos appresentava com tamanha facilidade.

Terminados seus estudos, dirigio-se a Lisboa, aonde praticou a advocacia por alguns annos; a saudade da patria o chamava entretanto; e em despeito de mil commodos, e felizes resultados que obtinha na capital de Portugal, preferiu abandoná-la, volvendo aos lares, que sabia apreciar, e sinceramente adorava.

Escolheu a cidade do Rio de Janeiro para sua residencia: continuou, como em Lisboa, advogado, sem olvidar um momento as doçuras da musa, que lhe fallava á alma, sorria-lhe ao ouvido, fascinava-lhe a intelligencia, e fazia de gosto palpar-lhe o coração.

Em 1779 começou a exercer seu cargo de Vice-Rey do Brazil Luiz de Vasconcellos e Souza, da illustre casa de Castello-Melhor. Com elle, que era homem de gosto litterario, e de esclarecida intelligencia, abriu Manuel Ignacio da Silva Alvarenga estreitas relações de amizade. O Vice Rey nomeou-o professor regio de rhetorica, e deu-lhe sempre as maiores demonstrações de estima par-

quantas diversas opiniões! Nós seguimos a de Mousenhor Araujo Pizarro por nos parecer mais bem fundada.

ticular, e de apreço a seus elevados talentos, e composições poeticas.

Por este tempo chegava de Portugal, desgraçado, e como que foragido, José Basilio da Gama; Manuel Ignacio da Silva Alvarenga recebeu-o como amigo, tratou-o como irmão, e deu-lhe a amizade do Vice-Rey. Haviam no Rio de Janeiro bastantes litteratos e sabios; já por vezes no Brazil se tentára crear academias litterarias; no tempo do governo do conde de Sabugosa, na Bahia, fundou-se uma, que pouco tempo durou; — as que se lhe seguiram não lhe excederam em tempo de duração; José Basilio da Gama e Manuel Ignacio da Silva Alvarenga concordaram aproveitar o auxilio do Vice-Rey, e a protecção do bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, e organisar nova sociedade, modelada pela Arcadia de Roma, e que reunisse em seu seio todos os sujeitos instruidos do Brazil.

O uso das academias e associações litterarias transplantara-se da Italia para Portugal, nos finaes do seculo xvii, e principios do seculo xviii. As academias da Crusca — dos Indomitos — dos Impacientes — dos Inquietos — e dos Nocturnos — de Milão, de Roma, de Veneza, de Bolonha e de Padua, originaram irmãs em Portugal, com titulos da mesma natureza, como a — Instantanea (*) — dos Generosos (**) — das Conferências

(*) Era a que estabeleceu o bispo do Porto D. Fernando Correia de Lacerda.

(**) Foi creada por D. Antonio Alvares da Cunha.

eruditas (*) — dos Solitarios de Santarém — e dos Insignes de Lisboa: o gosto litterario da época assim se diffundia e se espalhava.

Da nova academia estabelecida no Rio de Janeiro foram principaes membros, além de José Basilio da Gama, e de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Bartholomeu Antonio Cordovil (**), Domingos Vidal Barboza (***), João Pereira da Silva (****), Balthasar da Silva Lisboa (*****), Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon (*****),

(*) Era a que o conde de Ericeyra D. Francisco Xavier, abria em sua livraria.

(**) Bartholomeu Antonio Cordovil nasceu no Rio de Janeiro em 1646, compoz poesias de muita inspiração, belleza e gosto; algumas se publicaram, e d'ellas ha uma selecção no Parnaso Brasileiro; 2 vols., 1844, Rio de Janeiro.

(***) Domingos Vidal Barboza, medico formado em Pariz, nascido no Rio de Janeiro, e poeta distincto, foi um dos companheiros de Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, e outros revolucionarios de Minas; morreu exilado na Africa.

(****) João Pereira da Silva nasceu em 1743 no Rio de Janeiro; foi conego e poeta distincto, e litterato de gosto.

(*****) Balthasar da Silva Lisboa nasceu na Bihia em 1761, irmão do celebre visconde de Cayrú; formou-se em Coimbra, e foi juiz de fóra no Rio de Janeiro, durante os governos de Luiz de Vasconcellos e do conde de Rezende; provou muita energia e dignidade com este ultimo Vice-Rey; foi litterato, e autor de estimados — Annaes Historicos do Rio de Janeiro, obra de muito cabedal e fundo, em 7 vols.; magistrado honrado, morreu em 1841.

(*****) Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, brigadeiro do exercito, varão illustrado, e irmão de D. Francisco de Lemos, bispo de Coimbra, e de João Pereira Ramos; nasceu em 1733 em Marapicú — Rio de Janeiro — Fez muitos importantes descobrimentos e serviços.

Manuel de Arruda Camara (*), José Ferreira Cardozo (**), José Marianno da Conceição Velloso (***), Domingos Caldas Barboza (****), e Joaquim Francisco do Livramento (*****).

Feliz foi de certo essa época de enthusiasmo e de esperanças; o Vice-Rey e o bispo eram litteratos, e praticavam com os sabiões e os littera-

(*) Manuel de Arruda Camara nasceu em Pernambuco em 1752; foi naturalista muito instruido, e varão de vastos conhecimentos em outros diversos ramos dos conhecimentos humanos.

(**) José Ferreira Cardoso nasceu na Bahia; foi mestre de rhetorica, e poeta de gosto; escreveu em latim o poema-Tripoli-, que Manoel Maria Barboza de Bocage traduziu em versos portuguezes.

(***) José Marianno da Conceição Velloso nasceu em S. José do Rio das Mortes, em Minas, em 1742; pertenceu á ordem seraphica da immaculada Conceição do Rio de Janeiro; foi mestre de rhetorica, pregador de conhecimentos, litterato instruido, e um dos primeiros naturalistas; escreveu obras diversas sobre botanica; compoz a — *Flora do Brazil* — uma das mais importantes obras de historia natural, que foi depois mandada publicar em Pariz e aperfeçoar (no tempo de D. Pedro 1.º), por uma commissão de tres Brasileiros naturalistas instruidos, Mannel de Arruda Camara, o bispo de Anemuria, e o Dr. João da Silveira Caldeira.

(****) Domingos Caldas Barboza, poeta satyrico e abundante, nasceu no Rio de Janeiro em 1738.

(*****) Joaquim Francisco do Livramento, vulgarmente conhecido pelo nome de irmão Joaquim: nasceu em Santa Catharina em 1761; veio para o Rio em 1783, depois de crear n'aquella ilha o hospital da Caridade; estabeleceu e fundou na igreja de Santa Anna, no Rio, uma casa de asilo e educação de meninos orphãos; creou outra egual casa no Rio Grande do Sul, e na Bahia; suas aventuras e viagens são romances, e mereceriam ser tra adas especialmente; foi um dos homens, a quem mais serviços deve a mocidade e a pobreza; não anheou e não procurou senão a felicidade dos homens; morreu em Genova indo para Roma.

tos; os sabios e os litteratos ajudavam-nos com as suas luzes, e com a sua popularidade; por esta razão o governo de Luiz de Vasconcellos e Souza é o mais popular de todos os governos dos tempos coloniaes do Brazil: grandes fundações se começaram; obras de importancia se delineáram; ideias uteis e generosas se espalharam, que, com quanto por algum tempo ainda suffocadas, no futuro sempre germinaram.

Mas em 1790 teve Luiz de Vasconcellos e Souza que entregar ao seu successor, o conde de Rezendes, as redeas do governo do Estado. O conde era, no character, o avesso de Luiz de Vasconcellos; temia a força e a influencia dos homens intelligentes; as academias litterarias causaram-lhe desconfianças e receios; e, em vez de firmar o poderio de seu governo sobre esta força e influencia, que ellas poderiam ter, como tão facilmente o praticara seu antecessor, julgou melhor attaca-las de frente, e destrui-las completamente.

As academias foram dissolvidas por uma ordem do Vice-Rey; seus principaes membros, e entre elles, Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, recolhidos á cadeia, aonde jazeram pelo espaço de quasi um anno, sem processo algum ou fórma de juizo: quando voltaram á liberdade, era geral o terror, e nem-uma voz ousaria censurar o acto da autoridade, a menos que dezesse immediato castigo.

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga entregou-se,

desde então, ao estudo e a solidão; viveu ainda sob o governo de outros Vice-Reys, que substituíram ao suspeito conde de Rezende, até que, no dia 1.º de Novembro de 1812, a Parca cruel lhe cortou os fios da v. da, e o arrastou a sepultura.

§ 2.º

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga dirigiu todas as suas poesias eroticas á sua adorada Glaura, que a phantasia lhe creára e embellesára com todos os dotes e prendas; Laura fora a amante de Francisco Petrarca, e que tão bellas poesias iníspirára ao vate italiano; Laura havia sido a heroína de Manuel da Vega, nos seus deliciosos descantes, sob o nome de Amphryso (*); em imitação a estes poetas, Glaura appellidou-se a Deusa, que escohera a imaginação de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, para dedicar-lhe seu sangue, seus versos, e sua vida.

Os poetas eroticos criam todos um ente divino, quando o não ha real para os seus amores; devem adormecer e sonhar ao som da magica palavra; devem pensar e viver, diante da adorada imagem; noites e dias — tardes e manhãs — horas e minutos — tudo é poesia que deslisa seus labios; — tudo são canticos, que lhes saltam

(*) Glaura de Amphryso, poemas eroticos de Manuel da Vega.

à mente; — tudo são inspirações que recebem; e esta poesia, estes canticos, estas inspirações, ora de — exaltado amor, ora de — delicias serenas; ora de — negros ciumes, ora de — voraz incendio; ora de — melancholicos suspiros, ora de — prazeres alegres; ora de — illusões, ora de realidades; ora de — dôres, ora de alegrias; — esta poesia, estes canticos, estas inspirações, lá vão voando com o vento, a procurar o anjo, cujas graças celebram, cujos attractivos adoram, e cujos amores procuram.

As estrellas, os ventos, a terra, o mar, a lua, o sol, a noite, o dia, os rios e as florestas, tudo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga interroga, a tudo pergunta por sua Glaura; do alto das montanhas lança o olhar pela veiga, e pela planicie, e lhes dirige os seus suspiros, para que a planicie e a veiga os transmittam a Glaura, às margens do rio desfia sons cadentes e melancholicos, para que as aguas do rio os carreguem aos pés de Glaura; ao soído do vento communica seus queixumes, para que o vento enamorado os deslize aos ouvidos de Glaura; ao sol, à lua, quer resplandeçam com toda a sua magestade, quer merencoriamente se encubram com seus diaphanos véos, pede protecção, e implora auxilio; como as florestas, julga-se solitario e abandonado; como a noite, considera-se triste e infeliz; como a rola, geme, e com seus gemidos commove o coração; e depois acha nas estrellas seus amores, no dia suas delicias, nas flôres seus

perfumes, e em uma palavra a ventura de toda a sua vida.

Se não tem os poemas eroticos de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga a doçura, a maviosidade e o sentimentalismo terno, melancolico e saudoso das lyras de Thomaz Antonio Gonzaga, se lhes não chegam a competir na harmonia da phrase, na perfeição artistica do verso, e na cadencia e melodia da rima; ha entretanto mais diversidade de tons, mais variedade de movimentos, e mais originalidade de expressão; Manuel Ignacio da Silva Alvarenga muda o cantico, quando lhe apraz; inspira-se na occasião, e no momento, á proporção, que lhe falla a ideia enamorada; passa da melancolia ao prazer, das dôres á alegria; e por esta fôrma segue vereda differente, que tem tambem seus prazeres e seus encantos.

Que bello que é o seu cantico á lua, quando subindo ella ao firmamento, e esclarecendô-o com sua luz divina, como que amostra o vasto panorama da muda e terna scena, que a existencia move em torno do homem! Como se descrevem poeticamente o palpitar, e o estremecer do astro soberbo, que, pallido como o destino, tem vozes que fallam tão directamente ao coração!

« Como vens tão vagarosa,
O' fermosa, e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

Geme, ó Céos! — mangueira antiga,
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar!

Entre pallidos desmaios
Me achará teu rosto lindo,
Que se eleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar!

Como vens tão vagarosa,
O' fermosa, e branca lua!
Vem co'a tua luz serena,
Minha pena consolar!

Sente Glaura mortaes dôres:
Os prazeres se occultaram,
E no seio lhe ficaram
Os amôres a chorar!

Infeliz! Sem lenitivo
Foge tímida a esperança,
E me afflige co'a lembrança
Mais activo o meu pesar!

Como vens tão vagarosa,
O' fermosa, e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar!

A causada phantasia
N'esta triste escuridade,
Entregando-se á sandade,
Principia a delirar.

Ji me assaltam, já me ferem
Melancolicos cuidados:
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

Como vens tão vagarosa,
 O' fermosa, e branca lua,
 Vem co'a tua luz serena
 Minha pena consolar!

O' que lugubre gemido,
 São d'aquelle cajueiro!
 É do passaro agoireiro
 O sentido lamentar.

Puro amor! Terrível sorte!
 Glaura bella! Infausto agoiro!
 Ai de mim! E o meu thesoiro,
 Impia morte, has-de roubar?

Como vens tão vagarosa,
 O' fermosa, e branca lua!
 Vem co'a tua luz serena
 Minha pena consolar! »

Que lindas côres enfeitam este cantico! — Que delicioso ruído deixa elle apoz de si! — Como este vagar da lua, lento e monotonô, derramando ondas de luz sombria e melancolica, é habil e artisticamente desenhado! — Como combina com os sentimentos, que descreve o poeta, e sentimentos, que elle bebe na mesma patria natureza, que o rodeia, que lhe sorri, e que o encanta! Estes versos doces e languidos, cadentes e melancolicos, são proprios de um poeta meridional; o quebrado som, o carpir moderado, os sonoros gemidos reflectem-se n'elles como a physionomia sobre o espelho ou sobre as placidas aguas do lago battido pelas azas do branco cysne: o poeta segue egual methodo em

outros canticos, desfia as mesmas harmonias, espalha a mesma doce e poética poesia; como quadram seus sentimentos no cantico seguinte, que elle dirige á roseira!

« N'este loiro pendurada
Fi arás, ó doce lyra,
Onde o vento, que respira
Te fará soar de amor.

Feras, troncos e rochedos,
Já moveste de ternura;
Só de Glaura sempre dura
Não abrandas o rigor.

Ad-us, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor!

Plantei n'alma o puro agrado,
Que pendia dos teus olhos;
Vi nascer crueis abrolhos,
Em logar de terno amor.

Estes bosques, estas fontes,
Estas flôres, este prado,
Tudo — ó Céos! — vejo mudado,
Tudo sente a minha dôr.

Adens, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor! »

Quando pela sorte da copada e esbelta roseira compara o poeta a sorte da sua Glaura, uma ingrata, fermosa, e barbara, e a outra galante,

cruel e ferina, quantos sentimentos delicados não deposita na alma do leitor?

« Da risonha primavera
E-pereí os bellos dias:
Glaura... ó dôr!... os teus cabellos
Quem podera coroar!

Já não vives, oh que magoa!
E a roseira, que foi tua,
Eu a vejo esteril, nua,
Junto d'agua desmaiar! »

A queda ou ruído do verso se assemelha ao correr brando e doçoroso do regato, ou ao gem do vago e sombrio do vento? Como é triste e languida a ideia, e como são as phrases tristes e languidas! O sentimento exprime-se com a palavra, e morre com a palavra, sendo uma a imagem perfeita do outro.

Entretanto muda o poeta o painel, quando lhe apraz; passa da dôr á alegria, da angustia ao prazer; ou Glaura lhe sorriu, e n'este sorriso viu elle vida nova; ou pretende abandonar Glaura, e enquanto se resolve, vôo prasenteiro embebe-se-lhe pelo espirito, e espectaculo de ventura se lhe manifesta, que o leva a exprimir immediatamente suas metamorphosadas impressões; já amante feliz e alegre de'ixa a triste lida pela doce calma, entrega sua alma ao bem, e ancia ser transformado em beija-flôr, que é quem lhe parece individualisar a ideia de felicidade.

« Todo o corpo n'um instante
Se atenua, exala, e perde:
É já de oiro, prata, e verde
A brilhante e nova côr.

Vejo as pennas e a figura,
Provo as azas, dando giros,
Accompanham-me os suspiros,
E a ternura do pastor.

E n'um vôo, ave ditosa,
Chego intrepido até onde
Riso e perolas esconde
O suave e puro amor. »

Que variedade de canticos! Quantos ineffaveis prazeres não derrama a leitura d'esta poesia indolente, e ao mesmo tempo arrebatadora! — E não é somente delicioso este genero de poesia, quando se transmite em versos octosyllabos, pelos quaes o apertado da rima, o curto do phrascar, e a ligeireza da expressão ajudam o poeta, aceitam-lhe perfeitamente o pensamento, e rendem-no com a precisa melodia; Manuel Ignacio da Silva Alvarenga usou tambem, para traduzir suas ideias eroticas, de versos endecasyllabos, entrepneando-os de versos menores, e conseguiu egual e tão feliz resultado; o exemplo encontra-se nos seguintes canticos.

« Dryade, tú, que habitas amorosa
Da mangueira no tronco aspero e duro;
Ah! recebe, pedosa,
A gritalda, que terno aqui penduro;

Pela tarde calmosa,
 Glaura saudosa e bella.
 Te busca, e vem com ella mil amores;
 Mil suspiros te deixo entre estas flores.

Folha por folha, e cheio de ternura,
 Beijarei esta angelica mimosa,
 Beijarei esta rosa,
 Que hão-de adornar de Glaura a fermosura.
 Ah! Ventura! ventura!
 Cominigo sempre esquiva!
 Mostra-te compassiva a meus amores;
 Beije Glaura estas flôres,
 E os encontrados beijos
 Dêem novo e puro ardor aos meus desejos.

O' sombra delectosa,
 Onde Glaura se abriga pela sesta,
 Enquanto o ardor do sol os prados cresta;
 Ah! — Defende estes lyrios, e esta rosa,
 E, si a nympha mimosa
 Perguntar quem colheu as lindas flores,
 O' sombra delectosa,
 Dize-lhe que os amores,
 E a tímida ternura
 Do Pastor namorado, e sem ventura, »

§ 3.º

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga primou
 tambem em odes e poemas de maior grandeza;
 ha algumas odes suas, que revelam engenho apu-
 rado, idéas poeticas de valor, e elevada inspi-
 ração; ha tambem poemas, especialmente alguns

satyricos, que merecem honrosa menção, e que não são menores titulos de gloria para o seu auctor, do que os bellos e maviosos canticos, de que temos fallado.

Quanta el vação de ideias, e que dignidade de pensamentos exprime a ode, que Manuel Ignacio da Silva Alvarenga dirigiu á mocidade portugueza! — Imagens ousadas, linguagem austera e energica versificação, caracterisam esta ode admiravel; o principio corresponde ao fim; a ideia geral é vasta, bem comprehendida, perfeitamente desenvolvida; ha ver-os, cuja paternidade não recusariam os melhores versificadores; como abre o poeta as primeiras paginas da sua composição de rosto severo, mas benevolo, com ousada inspiração, mas benigna e bondadosa!

« A fastosa indolencia

Tarda preguiça, e molle ociosidade,
Tiveste por sciencia,
Infeliz Lusitana mocidade!
Viste passar, cahindo de erro em erro,
Barbaros dias, seculos de ferro.

Parece não tocada

A arcia, que já foi por tantas vezes
Com o mar regada
Dos sabios, dos antigos Portuguezes,
Que em premio das fadigas alcançaram
Os verdes loiros, de que a frente ornaram. »

Descreve então o poeta, em elevada poesia, a corrupção do seculo, a ruina da patria, os

triumphos da superstição, e da ignorancia, tudo ao vivo com indeleveis traços, e exclama entusiasmado:

« E vós, ou vos criasse

A nobre Lysia no fecundo seio,

Ou já vos convidasse.

Amôr das letras no regaço alheio,

Cortando os mares desde as praças, onde

O oiro nasce, e o sol o carro esconde.

Pizai, cheios de gosto,

Da bella gloria os asperos caminhos,

Em uanto volta o rosto;

O fraco, e o inerte, á vista dos espiuhos;

E fazei que por vós inda se veja

O imperio florescente, e firme a igreja.

Enchei os ternos votos

Da nascente esperança portugueza;

Por caminhos remotos

Guia a virtude ao templo de grandeza:

Ide, correi, voai, que por vós chama

O Rey, a Patria, o mundo, a gloria, e a fama!

Se gloria obteve Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, descantando amôres alegres, e faceis, e saudosos, e tristes amores, — como os antigos Trovadores, que, apóz sua dama adorada, corriam de castellos em castellos, suspirando em romantico ataúde hymnos variados, e já nos rotos andrajos de peregrino, já cobertos com o manto de religioso e eremita, já cingindo espada e elmo, peitos d'aço, e escudo de guerreiro, deixavam de

si eterna loada, e memoria indelevel; sabia tambem arrancar da lyra grave sons fortes e elevadas; e não sómente soia descrever poeticamente os rios, e as arvores, as flôres, e os fructos, a terra e o clima de sua querida patria, na frauta deliciosa de Diogo Bernardes, e de Rodrigues Lobo, senão trocava tambem as vestes do pastor, para elevar-se ao gráu de discipulo de Pindaro, e tangia com equal felicidade a lyra, o ataúle, e a frauta.

Luiz de Vasconcellos e Souza merecia do poeta canticos de gratidão; Manuel Ignacio da Silva Alvarenga não faltou ao seu dever, e entre diversas composições que lhe dedicou, uma ode realça pela magestade do pensamento, pela dignidade da expressão, e pela energia e suavidade do verso; o Vice-Rey havia sido protector do recolhimento para meninas desvalidas, denominado de Nossa Senhora do Parto; o poeta aproveita este acto de religião e de humanidade de Luiz de Vasconcellos e Souza, para lhe tecer os merecidos elogios. Que poesia nobre, elegante e sincera! É a alma, que falla, é o coração do poeta, que se revela, com toda a suavidade de sua pureza, e em toda a extensão da escala musical e poetica, que o aprimora.

« De que servem á fraca humanidade
Esses de falsa gloria monumentos?

Insulta los dos ventos

Esteréis pa-saraõ de idade a idade;
Qual Gelboé, que o Geo não abençoa,
E só d'aridas pedras se povoa.

Tu, sim, com gloria ao mundo, e aos Céos aceito
 Te elevas, firme asylo da innocencia!
 Tua magnificencia
 Co'as virtudes se abraça em laço estreito;
 Estes não são os muros, aonde dorme
 A yã superstição, e o vicio enorme!

Eu te admiro, qual arvore frondosa,
 Que novos fructos produzindo, cresce;
 Por ti risouha desce
 Suave primavera delitosa;
 Nem temas que te roube astro maligno
 O orvalho creador do Céu benigno.

Em vão gelado inverno estenda as azas
 Sobre o carro de Boreas procelloso;
 Em vão o cão raivoso
 Chammas espalhe nas celestes casas;
 Sempre illesa serás, segura, eterna!
 Quanto se deve á mão, que nos governa!

O' generosa mão, que não desmaias,
 No meio das fadigas! Ou dos montes
 Desçam as puras fontes;
 Ou fuja o mar infesto ás nossas praias;
 Ou a peste horrorosa, magra, e escura
 Ache no antigo lago a sepultura.

As artes se levantam apressadas,
 E alegres a colher a flôr e o fructo;
 E as Musas por tributo,
 Enlaçando corôas engraçadas,
 Mandam nas azas do ligeiro vento
 Hymnos de paz ao claro firmamento.

Doce paz! Ah! não fujas! — Longos annos
A guerra a outros campos homicida
 Semeie enfurecida
Co'a mão ensanguentada os mortaes damnos;
E emtanto no seu bosque alto, e sombrio,
Descanse em urna d'ouro o patrio rio. »

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga era também litterato profundo e critico de gosto; escreveu poemas satyricos, nos quaes mostra o sal de Horacio á par das facecias de Nicoláu Tolentino; um foi dirigido aos vicios, que descreve perfeitamente; outro tinha por titulo — o Desertor das Lettras —, e si bem que se não possa compara-los justamente com o admiravel — Hyssope — de Antonio Diniz da Cruz e Silva, tem todavia seu merecimento litterario, e demonstra a bem assisada erudição do seu auctor: e quantas bellas allegorias não produziu o seu engenho! Que de poesias imitativas de Ovidio? O — Templo de Neptuno — é uma pedra preciosa roubada aos poetas latinos do seculo de Augusto. A mythologia com suas terrestres ficções, e graças artisticas, reaparece brilhante, e ao mesmo tempo singela, como as eras gregas; o — Templo de Neptuno — é uma allegoria comparavel em bellezas ás mais lindas allegorias de João Goethe, no estylo, nas graças, nas formulas das litteraturas mortas. A — Gruta Americana, outra allegoria tão pittoresca e tão graciosa, de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, tendo por base e fundamento assumpto Brasileiro, cobre-se com as vestes das canções Romanas,

toma-lhes as formulas, rouba-lhes o colorido; é entretanto a — Gruta Americana — uma composição habilmente concebida, maraviosamente desenvolvida e poeticamente acabada. Como são bellas as descripções do valle e do rio mineiro, ainda que seja o velho pai das Nymphas quem esteja a brincar com as palhetas de ouro e os magníficos diamantes, que de suas entranhas se arrancam! Que elegancia de phraseologia! Quanta profusão de riquezas descriptivas! As arvores do Brazil, os seus animaes, os seus passaros multicôres, apparecem na magestosa natureza, com que foi o paiz brindado; o poeta, depois de patentear a immensidade das riquezas naturaes do Brazil, finda exclamando:

« Ide, sinceros votos,
Ide, e levai ao throno Lusitano
D'estes climas remotos,
Que habita o forte e adusto Americano,
A pura gratidão e a leal lade,
O amor e o sangue, e a propria liberdade. »

O eloquente e erudito auctor da — Historia das Literaturas meridionaes da Europa (*) não duvidou mencionar o nome de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga no numero dos poetas da primeira ordem, que illustraram a nação portugueza; este juizo de auctoridade tão recommendavel, e tão

(*) Sismonde de Sismondi — Histoire des littératures du midi de l'Europe — 4.^{me} vol.

competente, demonstra mais do que qualquer elogio nosso a superioridade do engenho poetico de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga; nem é elle esquecido pelos Srs. Adriano Balbi (*), e Fernando Diniz (**), nos seus interessantes escriptos sobre Portugal e Brazil; e se estranhos admiram a belleza de suas poesias, o que faráõ nacionaes, que, além de elevados pensamentos, n'ellas deparam melodia de dicção, que sómente nacionaes podem devidamente apreciar?

O que se póde dizer de mal do cantico mavioso, que o poeta dirige ao mez de Dezembro, e cujo variado colorido extasia, e encanta? — Como fechar-se olhos e ouvidos, quando a harmonia musical do verso, e a suavidade pura e innocente dos pensamentos vão impressionando e exaltando os olhos e ouvidos?

• Já Dezembro mais calmoso
 Preguiçoso o gyro inclina;
 Illumina o sol rotundo,
 Quer o mundo incendiar.

Vem, pastora, aqui te esperam
 Os prazeres d'este rio;
 Onde o sol e o secco estio
 Não poderam penetrar.

Nuas graças te preparam
 A conxinha transparente,
 O coral rubro e luzente,
 Que buscaram sobre o mar.

(*) Statistique de Portugal, par Adrien Balbi.

(**) Histoire de la littérature portugaise, par Ferdinand Denis.

Já Dezembro mais calmoso
Preguiçoso o gyro inclina;
Ilumina o sol rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Entre os mimos e a frescura,
Entre as sombras, e entre as agoas,
Do Pastor as tristes magoas,
E a ternura has-de encontrar.

Pelo golpho curvo e largo,
Apparece a Deusa bella;
Ora a vaga se encapella,
Ora o pargo surge ao ar.

Se são sómente palavras musicaes, sonoras e melodiosas essas, que o poeta emprega, grande artista e musico, que é elle; — mas não; — poesia ha tambem ali abundante, fresca e bella, que denuncia doirada phantasia, e imaginação creadora; — poesia que sahe d'alma, revela sentimentos d'alma, e falla a todas as fibras do coração humano.

II

SALVADOR CORREIA DE SÁ E BENAVIDES

§ 1.º

Mem de Sá, Estacio de Sá, e Salvador Correia de Sá, foram os fundadores da cidade do Rio de Janeiro; o primeiro, governador geral do Brazil, retirou-se para a Bahia, capital então do Estado; o segundo pagou com seu sangue, e sua vida, a gloriosa conquista, para que tanto concorrera; e o terceiro governou-a até que, em 1572, recebeu ordem de passar a administração a Christovam de Barros.

Era o governo da capitania do Rio de Janeiro subordinado ao governo geral do Brazil; El-Rey D. Sebastião, em 1574, considerou melhor dividir a administração em dous governos independentes, com as denominações de Sul e de Norte, sendo capital do primeiro a nova cidade do Rio de Janeiro, para o qual nomeou a Antonio de

Salema; e continuando capital do segundo a cidade da Bahia.

Não durou por muito tempo esta separação; inconvenientes appareceram de tamanha gravidade que, em 1577, ordenou El-Rey voltassem as cousas ao seu antigo estado; e foi novamente nomeado Salvador Correia de Sá governador do Rio de Janeiro.

Complicada e trabalhosa era de certo a tarefa d'estes governadores; não lhes cabia unicamente desenvolver os fundamentos da cidade, conceder sesmarias de terras, animar o cultivo d'ellas, e promover o augmento da população; tinham que sustentar guerras continuas com os gentios Tamoyos, que cediam o terreno unicamente á força, e no derradeiro extremo, retirando-se e embrenhando-se então pelos immensuraveis sertões e virgens mattas do interior. Quasi todas as nações de indigenas do Brazil se cathequisaram, se aldearam, e se travaram de amizade com os Portuguezes, já com o medo e temor das suas armas, já móvidas das praticas habilitadas dos jesuitas, que os procuravam, tranquillisavam e chamavam ao gremio da religião e da sociedade. Os Tamoyos do Rio de Janeiro, porém, como que eram de tempera diversa, não ouviam conselhos de paz, não attendiam as vozes dos jesuitas; não se cathequisaram, e menos se aldearam; combatiam constantemente; e quando vencidos e derrotados, foram abandonando terreno, e retirando-se para dentro do paiz;

preferiram perder suas bellas e magestosas terras, sua vasta e magnifica bahia, seus folgaes no oceano, e seus jogos maritimos, — guardando sua vida livre e nomade. Um Tamoyo se não ligou a Portuguezes; as terras interiores do Brazil receberam essa nação cavalheirosa e valente, que a força venceu, mas que se não curvou aos vencedores.

Durante o primeiro governo de Salvador Correia de Sá, um filho lhe nascera no Rio de Janeiro, Martim de Sá (*). Em 1590, Martim de Sá casou-se com D. Maria de Mendonça Benavides, filha de D. Manuel de Benavides, governador de Cadiz: em 1594, achando-se Martim de Sá empregado nas obras militares do Rio de Janeiro, ainda sob o governo de seu pai, Salvador Correia de Sá, nasceu-lhe seu filho Salvador Correia de Sá e Benavides (**). Coube aos mem-

(*) Monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro, tomo 2.º das — *Memorias Historicas do Rio de Janeiro*, — declara que no Rio de Janeiro nascera Martim de Sá. Este facto acha-se plenamente comprovado por uma carta sua de 1624, publicada no 1.º vol. da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, na qual Martim de Sá, tratando dos embarços do seu governo no Rio de Janeiro diz: « em todas as partes por onde andei acho, pois n'ellas sou mais acatado, mais amado e mais estimado do que aquí sou com as mercês, que S. M. me faz. Atribuio ao proverbio — *nemo profeta in patria sua* — pois poderei cuidar que será inveja? »

(**) Sebastião da Rocha Pitta, na lista dos Brasileiros illustres, com que findou sua — *Historia da America Portugueza* — cita o nome de Salvador Correia de Sá e Benavides; Monsenhor Araujo Pizarro — tomo 3.º, pag. 204, das — *Memorias historicas do Rio*

bros quasi todos da familia dos Sás a honra de dirigirem a administração da capitania do Rio de Janeiro; Mem de Sá, Estacio de Sá, Salvador Correia de Sá, Martim de Sá, e Salvador Correia de Sá e Benavides foram por diversas vezes seus governadores.

Martim de Sá obteve pela primeira vez, em 1603, o posto de governador do Rio de Janeiro, e o de vice-almirante das costas do mar do sul do Brazil: durou sua administração até 1608, em que regressou a Lisboa, sendo substituído por Affonso de Albuquerque: segunda vez tomou as redes do governo da capitania, em 1623.

Em seu filho Benavides muito cedo madrugaram o valor e os brios; dedicou-se ás armas, que eram as armas a carreira que lhe competia; n'ellas haviam adquirido gloria seus antepassados, — quer nas guerras d'Africa, — quer nas conquistas d'Asia, — quer nos descobrimentos e lutas do Brazil: que espelhos de acções dignas e memoraveis lhe appareciam, folheando as vidas de seus predecessores! Que quadros de heroismo luziam a seus olhos, quando elles se esten-

de Janeiro — refere o seu assento de baptismo, que teve logar na igreja de S. Sebastião do Castello; além d'estas provas irrecusaveis, ha uma carta escripta por Salvador Correia de Sá e Benavides á camara de S. Vicente, em data de 10 de Janeiro de 1641, em que declara ter nascido no Rio de Janeiro. Entretanto alguns escriptores castelhanos pretenderam ser elle natural de Cadiz, patria de sua mãe; esta pretensão porém cedeu a documentos e provas, que evidenciam pertencer ao Brazil a gloria de seu nascimento.

diam pelo immenso theatro de guerra, que levantára Portugal em toda a parte do mundo! Que aureolas de gloria phantasiava sua imaginação embebida nas historias de Diu, Damão e Malacca, nas chronicas de Ceuta, Tangere, Alzira e Marrocos!

Brios herdavam-se com o sangue, enthusias-mavam-se com os exemplos, e firmavam-se com as acções gloriosas; Salvador Correia de Sá e Benavides tinha desoito annos de idade, e já se hab tuava a sustentar combates contra Hollandezes, no meio do oceano, ao jogar das vagas, e ao susurrar dos ventos; acompanhando diversos combois de navios mercantes, que navegavam entre o Brazil e Portugal, quantas vezes encontrou náus hollandezas! Quantas vezes mediu com ellas forças portuguezas! Quantos piratas aprisionou em suas viagens! — Os mares coalhavam-se então de corsarios, que por toda a parte infestavam e atacavam os navegantes: e não pouco arriscadas eram essas commissões de acompanhar combois de navios mercantes, defendendo-os de ataques e de roubos!

Seu corpo ainda tenro se avezou a esses exercicios continuos, e a essa maravilhosa actividade, que distinguem o guerreiro; seu espirito dedicou-se todo ao estudo da estrategia e da sciencia, que aperfeiçoa, domina, e dirige a pratica militar; e era-lhe preciso unir a intelligencia ao valor pessoal, liga-los estreitamente para que conseguisse collocar-se ao nivel dos

grandes acontecimentos que o esperavam, e que lhe cumpria vencer.

E não tardou muito a época das provas.

Em 9 de Maio de 1624, os Hollandezes attacam inopinadamente a Bahia; prenderam o governador Diogo de Mendonça Furtado, que mandaram para Amsterdão; assenhorearam-se da cidade, e cercaram-na com todo o cuidado e fortaleza. Chegando esta noticia a Martim de Sá, tratou immediatamente de auxiliar os seus compatriotas, e de soccorre-los em transe tão amargurado. Preparou uma frota, e fê-la seguir para a Bahia, confiando o seu commando a Salvador Correia de Sá e Benavides: o pai já via no filho aquelle ardor, nobreza, valentia e pericia, que affiançavam honrosos feitos, e promettiam glorioso porvir.

A frota teve que arrostar horrivel tempestade, pelas aluras dos Abrolhos; grandes avarias soffrendo, demandou o Espirito Santo, e ahi arribou, afim de as reparar: e foi a Providencia que ali chamou a Salvador Correia de Sá e Benavides, e não — unicamente para salvar aquella importante capitania, senão tambem para conceder-lhe victoria de nomeada e de gloria. Uma frota hollandeza, bem equipada e aparelhada, andando ao curso, dirigio-se ao Espirito Santo, na persuasão de achar a capitania desprevenida, e na intenção de saquea-la. Salvador Correia de Sá e Benavides conheceu quanto era inferior o numero dos seus soldados á copia de forças hollandezas;

o valor porém se não mede pelo numero; sempre os brios fallam antes do calculo. Animou seus soldados; desembarcou-os em terra, que já da terra estavam de posse as forças hollandezas; e começou o combate com aquelle ardor heroico, e caloroso entusiasmo, que não dá tempo á victoria a decidir-se; os Hollandezes ainda sustentaram o ataque com a frieza de seus climas; a mortandade porém que lavrou por entre suas fileiras, obrigou-os a abandonar a terra, e a procurar suas náus; não foi perdida esta occasião para Salvador Correia de Sá e Benavides; soube senão cortar inteiramente a retirada dos inimigos, o que não era possível pela sua diminuta força, causar-lhes ao menos destroço tão cruel, que lhes ficaria em eterna lembrança, e — completaria a victoria das armas Lusitanas; numero immenso de Hollandezes juncou com seus cadaveres o campo da batalha; o mar recebeu e tragou oito dos seus vasos de guerra, que o valor portuguez metteu a pique; e já no transe da fuga de terra, — já a bordo das launchas e dos escaleres, — já mesmo a bordo dos seus navios, que consideraveis perdas de homens não tiveram os Hollandezes! (*)

(*) *Francisco de Britto Freire*, Liv. 2.º da — *Guerra Brasileira* — refere esta victoria de Benavides, sem minuciar o numero dos vasos de guerra Hollandezes, que foram a pique. *Luiz Moreri*, no seu importante — *Grande Dicionario Historico*, art — *Correia* — enumera oito. O mesmo numero conta *Manuel de Faria e Souza* na sua — *America Portugueza*; — *Monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro*, nas suas — *Memorias historicas do Rio de Janeiro* — cingese á opinião de *Faria e Souza*, e de *Moreri*. O Sr. *Francisco Adolpho*

Obtida tão bella victoria, libertada a capitania do Espirito Santo, e separados os navios da frota portugueza, seguiu Salvador Correia de Sá e Benavides para a cidade da Bahia

Logo que fôra preso o governador, e cahira a cidade em poder dos Hollandezes, os habitantes todos se refugiaram para o reconcavo; ali se reuniram, se organisaram, e se defenderam, ao principio, com diminuta força, e nem um successo; depois foram a pouco e pouco recobrando os animos, e reclamando soccorros das visinhas capitancias; estes soccorros foram chegando; os primeiros de Pernambuco mandados por Mathias de Albuquerque, governador e capitão-general (*) serviram de muito para animar e enthusiasmar o povo portuguez: de Lisboa veio tambem D. Fradique de Toledo commandando uma boa frota; ainda porém forças não tinham os Portuguezes bem regularisadas e arregimentadas para tomar a offensiva e attacar a cidade; chegou em

de Varnhagen, em um artigo publicado no 3.º vol. da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, declara que apenas constava a frota hollandeza de seis náus. Não sabemos em que se fundou o Sr. *Varnhagen* para allegar esta asserção.

(*) O general Mathias de Albuquerque nasceu no Maranhão, e descendia de boa familia portugueza; governou a capitania de Pernambuco, á qual estavam annexas as capitancias do Norte; sustentou com valor diversos combates contra os Hollandezes; acabando o seu governo, foi chamado á côrte de Madrid, reinando Felipe IV, e ali foi preso: ignora-se a época e occasião da sua morte, e tambem a época do seu nascimento; porém Sebastião da Rocha Pitta, e alguns chronistas, confirmam o facto de haver elle nascido no Brazil.

fim do Rio de Janeiro Salvador Correia de Sá e Benavides trazendo o contingente com que entrava seu pai para a restauração da Bahia.

Então organizou-se regularmente um exercito portuguez, que se accampou nas margens do rio Vermelho, na distancia de uma legua da cidade, e começou o assedio d'ella; ao assedio seguiu-se o ataque, e ao ataque a victoria; no dia 1.º de Maio de 1625, depois de sanguinolentos combates, poderam os Portuguezes entrar na Bahia, e restaura-la. Não era porém a mesma bella cidade que tinham possuido, e que lhes era restituída; por debaixo da atmospherá enfumaçada da lucta um montão de ruinas apparecia,—ruinas de grandes casas, e excellentes edificios que, ou o fogo devorára, ou a mão de barbaros conquistadores destruíra; os Hollandezes perderam a praça; não quizeram porém que ella voltasse aos Portuguezes como lhes pertencêra; o ferro, e o incendio foram-lhe applicados, e lhe causaram incalculaveis perdas.

Ao valor, intrepidez e estrategia de Salvador Correia de Sá e Benavides deve-se a melhor parte da victoria; as proprias memorias hollandezas fallam d'elle com elogio (*); D. Fradique de Toledo deu para a côrte parte tão honrosa do seu comportamento, bravura e pericia, que foi

(*) Luiz Moreri — *Grande Diccionario Historico* — palavra — *Correia*.

imediatamente nomeado almirante do Rio da Prata.

Regressando ao Rio de Janeiro, prestou Salvador Correia de Sá e Benavides a seu pai Martim de Sá serviços tão relevantes, como seu pai prestára a seu finado avô; administrou as obras dos fortes de Santa Cruz e S. Thiago, e empregou-se na edificação da nova fortaleza de S. Sebastião, mandada levantar com o fim de premunir a cidade contra quaesquer invasões de inimigos.

Nos fins do anno de 1629 foi chamado á Metropole, e empregado em Lisboa em algumas commissões militares.

No entanto, em 1632, falleceu Martim de Sá no Rio de Janeiro; a mesma terra, que o viu nascer, recebeu-o no seu seio; — aonde echoou o primeiro suspiro da sua vida, — ouviu-se o derradeiro d'ella; illustre por seu nome e familia, honrado por suas acções, e celebrado por seus feitos, foi chorado por todo o povo, que governára como sóe um pai extremoso ser chorado por seus filhos.

O sentimento de Salvador Correia de Sá e Benavides obrigou-o a deixar o serviço publico, a retirar-se á solidão, e a procurar repouso; pouco tempo porém o deixaram no descanso, que nem a sua indole, e nem aos interesses de seu paiz convinha de maneira alguma.

§ 2.º

Em toda a parte central dos domínios hespanhóes, que comprehende a provincia de Tucumã, e a margem direita do rio Paraguay, lavrava antiga e terrivel revolução, fomentada por D. Pedro Chamay, e nutrida com as ideias de liberdade e independencia, que domina todos os povos Americanos; muitas vezes foram pelos révoltados destrôçadas e aniquiladas forças Castelhanas; e não só soffria muito a metropole com a auzencia do seu governo e do seu dominio nos logares sublevados, senão tambem as provincias limitrophes de Buenos Ayres, Corrientes e Entre Rios, padeciam com aquelle estado d'anarchia.

El-Rey D. Felipe IV tencionou terminar de uma vez para sempre com essa rebellião, e trazer á paz, e ao seu dominio todo o territorio do sul da America: necessitando de um general que ainda tivesse a robustez da mocidade, para poder resistir aos combates desiguaes de povos indisciplinados e traiçoeiros, e para atravessar terrenos incultos, vencer distancias immensas, e soffrer e sede e fome, e abandonos e solidões, escolheu a Salvador Correia de Sá e Benavides, cujos feitos já o collocavam ao par dos melhores guerreiros do seu tempo; nomeou-o, em 1634, vice-almirante das costas do mar do sul, e commandante em chefe do exercito castelhao; e ordenou-lhe

que seguisse immediatamente para o destino que lhe dava.

A reputação de Salvador Correia de Sá e Benavides firmou-se com estas campanhas de Tucumã, S. João e S. Luiz; seu sangue regou os campos do magestoso continente, que lhe deram para theatro de seu valor e brios; foram longos e sanguinolentos estes combates; era uma serie coninuada e incessante de luctas; umas apóz outras se seguiam; a victoria de um dia para segurar-se, e completar-se, carecia de segunda, terceira e quarta victoria nos dias immediatos; o inimigo, perdendo o campo da batalha, desaparecia; para descobri-lo atravessavam-se desertos, dobravam-se montanhas, nadavam-se rios, abriam-se florestas; e ainda outra vez, elle se sumia aos olhos, se internava nas solidões, e novos trabalhos, novas fadigas, novos sacrificios se começavam, para avivar a lucta: até que por fim a victoria de Paligarta pacificou a provincia de Tucumã, sendo derrotados completamente os revolucionarios, e preso seu chefe, D. Pedro Chamay. Pôde então Salvador Correia de Sa e Benavides regressar á Madrid, e apresentar ao governo seus loiros, suas cicatrizes, e os despojos dos inimigos.

Em premio, nomeou-o El-Rey, por carta patente de 21 de Fevereiro de 1637, governador e capitão mór do Rio de Janeiro.

Salvador Correia de Sá e Benavides governava o Rio de Janeiro, quando a revolução portugueza

de 1640 acabou com o jugo castelhano, e elevou ao throno D. João IV, Duque de Bragança: seus sentimentos harmonisavam com estes novos e graves acontecimentos; se bem que merecera sempre a attenção de D. Felipe IV da Hespanha, e recebera não equivocas provas de sua real estima, presáva contudo a independencia de Portugal, e saudou-a no Rio de Janeiro, com todas as demonstrações de publico regozijo, sub-mettendo-se immediatamente ao novo monarcha: seu governo, confirmado por patente de D. João IV, durou até 1643.

Foi uma administração de grandes vantagens moraes, e de immensos progressos materiaes para o Rio de Janeiro, e para todo o sul do Brazil: era seu genio incansavel, seu espirito activo em demasia; tudo procurava por si mesmo ver, conhecer e examinar; seus desejos eram augmentar a população, fazer progredir o cultivo das terras, abrir vias de communicação entre diversos pontos e aldeias, que levantava e animava: seu intuito era provar aos olhos de todos, que o paiz, que lhe servira de berço, continha em seu seio copia immensa de fecundas riquezas, e germen seguro de futuras prosperidades; sustentou os jesuitas, na intenção de propagarem os dogmas da religião catholica, cujo freio mais segurava o dominio da civilisação; executou a bulla do papa Urbano VIII, que declarava livres os gentios, na esperança de reunir em torno de seu governo, e na sua obediencia, todos estes

povos, ainda barbaros: e bastante lhe custou este resultado, porque os povos se habituaram a possuir escravos, e se haviam assenhoreado dos indigenas, reduzindo-os á escravidão; preciso lhe foi ir pessoalmente á Santos, a S. Vicente, a S. Paulo, e por si mesmo, já com pacificas insinuações e paternaes conselhos, já com ameaças, accommoda-los e abrandá-los.

E se na paz se mostrára tão apto; se na publica e tranquillã administração, durante o curto espaço de seis annos, em tão larga escala provára sua capacidade; na guerra nome honroso já adquirira, e durante seu governo, pessoalmente dirigio-se á Pernambuco, levando forças e coadjuvando os Portuguezes contra as invasões dos Hollandezes, que n'esta capitania mais tempo se haviam demorado, e como que se tinham estabelecido, mas que se viram obrigados á abandonar, como abandonado haviam todas as demais capitánias.

Luiz Barbalho Bezerra (*) succedeu á Salvador

(*) Luiz Barbalho Bezerra nasceu no Rio de Janeiro, em 1601, segundo o affirmam Sebastião da Rocha Pitta — *America Portuguesa*, — Monsenhor Araujo Pizarro, tomo 3.º — *Memorias historicas*, e Francisco de Britto Freyre — *Guerra Brasileira*. — Es e ultimo historador accellue grandes elogios nos livros 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º da sua impor ante obra, pelos feitos valerosos que Luiz Barbalho Bezerra praticára nas guerras da Bahia e Pernambuco contra os Hollandezes, tendo sido seu prisioneiro de guerra, e cometendo feaças dignas de memoria; chegou ao posto de general do exercito portuguez; falleceu no Rio de Janeiro em 1644, occupando o posto de governador.

Correia de Sá e Benavides no governo da capitania do Rio de Janeiro: Benavides retirou-se para Lisboa, foi nomeado deputado do conselho Ultramarino, e entregou-se ao exercício d'este novo emprego.

Não gozou do descanso por muito tempo. Os Holandezes, expellidos das costas do Brazil, passaram-se para a Africa; chamando á si alguns reys negros, atacaram diversos presidios, apoderáram-se d'elles, tomaram posse de Loanda, e se fortificaram: o commercio portuguez soffreu com este acontecimento grandes revezes; entre a Africa e o Brazil fazia-se a navegação em grande escala; as viagens eram facéis e regulares; os generos africanos transportavam-se então do Brazil para Portugal, considerando-se como armazens de deposito para a Europa, e para a costa da Africa as praças da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro: El-Rey D. João IV ordenou a Salvador Correia de Sá e Benavides, que partisse para o Rio de Janeiro, tomasse posse do governo, ajuntasse forças, e tratasse de restituir á corôa Portugueza os seus dominios d'Africa, expellindo d'elles os Holandezes, e obrigando os reys negros do sertão a submeterem-se a sua autoridade.

Foi pois pela segunda vez Salvador Correia de Sá e Benavides governador do Rio de Janeiro; sua actividade e seu zelo reuniram em pouco tempo força e armada sufficientes, para reconquistar a Africa, que devia de ser novo theatro de seus feitos: fez-se de vela, e foram-lhe propicios

os mares e os ventos. Recontar os pormenores dos combates, que teve de dar, descrever seus planos de campanha, minuciar as victorias e triumphos que conseguiu, longa tarefa seria. Basta dizer que venceu e expellio os Hollandezes; que combateu e destroçou innumeradas hordas de pretos, que com elles se travaram de alliança; que obrigou seus reys e seus chefes, e especialmente o Rey do Congo e a Rainha Ginga de Angola, a curvarem-se a corôa Portugueza, e a reconhecerem seus direitos de soberana; que apôz as guerras e as victorias, tratou da reconstrucção e reedificação dos presidios e fortes, e das villas e cidades, que a invasão assolára e destruíra.

Loanda guarneceu-se e fortificou-se; o Congo e algumas povoações pelo Zaire, foram fundadas; toda a costa foi visitada e examinada; aqui e ali dispersos fortes, levantados presidios, circundaram de inexpugnável muralha os dominios Portuguezes d'Africa.

Monsenhor José de Souza Azevedo Araujo Pizarro (*) afirma que ainda no seu tempo (**) se celebrava annualmente em Loanda uma festividade religiosa, pela victoria de 15 de Agosto de 1648, que obteve Salvador Correia de Sá e Benavides, a qual lhe abriu as portas d'esta importante cidade.

(*) Memorias Historicas do Rio de Janeiro.

(**) 1510 á 1812.

Salvador Correia de Sá e Benavides retirou-se para o Rio de Janeiro, logo que teve cumprida a sua difficil missão, e em premio recebeu d'El-Rey as commendas de S. Julião de Cassia, e de S. Salvador da Lagoa, na ordem de Christo, e a mercê do senhorio de Asseca, e da alcaçaria mór da cidade do Rio de Janeiro, com o privilegio de poder gravar as figuras de dous africanos por supportes de suas armas, e brasão de familia.

Governou ainda o Rio de Janeiro até 1652; continuou a publica administração com o mesmo cuidado, zelo, intelligencia e actividade, que empregara em seu primeiro governo, e que o fizeram estimar e respeitar por todo o povo; comprehendeu o verdadeiro systema do cultivo de terras, e de concessões de sesmarias com o onus de demarcação, posse e trabalho no praso rasoavel; fundou a igreja de S. Salvador, nos amenos e alegres campos dos Goytacazes, ás margens do rio Parahyba; chamou para ahi povoação, estabeleceu engenhos de assucar, e promoveu o cultivo da cana n'esse terreno tão fertil e tão proprio para ella; concedeu a administração da igreja aos monges de S. Bento, como os mais aptos para a conservação e augmento (*); abriu

(*) Memória Topographica e Historica sobre os campos dos Goytacazes, por José Carneiro da Silva, hoje Barão de Araruama— impressa no Rio de Janeiro em 1819. Esta memoria é muito digna de ler-se, e consultar-se, porque a curioso dados estatísticos reúne interessantes noticias historicas.

as necessarias estradas, que communicassem aquelle novo povoado com a cidade do Rio de Janeiro, plantando por ella algumas aldeias já de gentios cathequisados, já mesmo de colonos europeus, misturando-os com os mestiços, e firmando entre elles todos o principio de perfeita egualdade.

§ 3.º

Com a morte d'El-Rey D. João IV, e regencia da Rainha D. Luiza de Medina Sidonia, tutora de seu filho D. Affonso VI, começaram á apparecer em Portugal evidentes symptomas de divisão da nobreza e do povo. Muitos Portuguezes descontentes das qualidades, que, desde sua puericia, mostrava D. Affonso VI, foram-se chegando para o infante D. Pedro, seu irmão menor, e formando em torno d'elle uma côrte especial, apresentando-o desde logo como mais digno da corôa; outros conservaram-se fieis á El-Rey, e reprovavam o comportamento e sentimentos d'aquelles. A Regente, supposto nutrisse predilecção pelo filho menor, cujos dotes mais dignos lhe pareciam, esforçava-se todavia de reunir em derredor do throno as sympathias de toda a nobreza e povo, como as melhores garantias do engrandecimento de Portugal.

Esta divisão do paiz em dous partidos tomou incremento, e progrediu com força; a Rainha

equilibrava-os, porque perspicaz e intelligente, parecia-lhe melhor conservar neutralidade entre elles, e procurar socegar a um e a outro; com bem dôr do seu coração que ella via o fogo nascente! Sob impressão de bem funestos presagios, que ella antevia o futuro!

Salvador Correia de Sá e Benavides deixou o governo do Rio de Janeiro, e retirou-se para Portugal; achou divididas as familias, separado o pai do filho, inimigos entre si os proprios irmãos; encontrou partido de D. Affonso, e partido de D. Pedro!

Não sabia unicamente manejar a espada, commandar exercitos, dirigir armadas, e ganhar victorias; não sabia unicamente administrar capitánias, levantar grandes obras, e importantes presidios, povoar terras, e fundar povoações; dotado fôra de intelligencia superior, e seguira estudos regulares; Luiz Moreri (*) assevera que Salvador Correia de Sá e Benavides escrevera interessantes memorias do seu governo, que se não publicaram, mas que patenteavam forte erudição e talentos sub dos de politico e de estadista.

Salvador Correia de Sá e Benavides pensava que as revoluções quaesquer que fossem sua necessidade, e legitimidade, causam sempre males incalculaveis ao paiz que abalam; com o enfraquecimento do poder, que é seu primeiro resul-

(*) Luiz Moreri — Grande Diccionario Historico — palavra — *Correia.*

tado, soffre a sociedade; para faze-la voltar ao seu estado normal maiores trabalhos se tornam precisos do que para anarchisa-la e dissolve-la; enquanto não é dominada uma revolução, enquanto o poder se não restabelece, e a ordem publica corre risco de ser perturbada a cada momento, — a perda é grave e geral; — Salvador Correia de Sá e Benavides não teve parte na revolução de 1640, com quanto a prezasse, — não só porque temeu os perigos da anarchia, que felizmente preveniu e removeu a energia de D. João IV, senão também porque, militar, considerava a obediencia ao governo constituído como o primeiro dos seus deveres, e o espirito de insubordinação como o maior dos crimes; apenas porém feita a revolução, sancionada pelo paiz todo, Salvador Correia de Sá e Benavides accitou-a e abraçou-a, já por sympathia nacional, já porque respeitava a doutrina dos factos consumados.

Á D. João IV foi fiel e leal, serviu-o com seus talentos, com sua pessoa, com seu sangue; a traição nunca lhe morou no peito; o fingimento jamais lhe desdoirou os labios; era uma alma pura, constante e franca; era um coração de guerreiro obediente e sincero, firme e verdadeiro.

Fallecido D. João IV, era Rey, pelo principio da legitimidade, seu filho mais velho D. Affonso VI: a legitimidade era para Salvador Correia de Sa e Benavides principio salvador, garantia unica

da ordem publica, e da conservação da monarchia; não podia soffrer modificações o direito hereditario, que tinha sido marcado, fixado, e seguido escrupulosamente pelos seus antepassados; e pois para Salvador Correia de Sá e Benavides, não havia Rey possível senão D. Affonso VI; a elle pertenciam seu sangue, sua pessoa, sua vida; a lealdade e fidelidade Portugueza consistiam em reconhecer este principio; o exemplo mais bello e heroico, havia-o dado Martim de Freytas, governador de Coimbra, prestando homenagem a D. Affonso, unicamente quando lho ordenára em Sevilha seu Rey D. Sancho II.

Salvador Correia de Sá e Benavides, através os perigos dos combates, no meio das cruentas guerras, que sustentára à frente de exercitos ou de armadas, — carregado de honras, — elevado aos postos mais importantes, — incumbido de commissões da maior confiança, — rodeiado de gloria, — não conhecera invejosos, inimigos ou adversarios; seu nome fôra sempre repetido com elogios; sua pessoa respeitada geralmente; suas qualidades estimadas e apreciadas por todos; e seus serviços altamente reconhecidos e proclamados por toda a parte, quer por Castelhanos, quer por Portuguezes, quer por indigenas do Brazil, quer mesmo pelos Hollandezes, que tantas vezes e a miude vencêra e derrotára em leaes e grandes combates.

Salvador Correia de Sá e Benavides, porém, manifestando suas opiniões politicas em prol da

legitimidade e direitos de D. Affonso VI, pertencendo ao partido que o sustentava, vio desenfrear-se contra si todos aquelles, que se uniam ao partido do infante D. Pedro; achou em frente de si innumerados amigos de outr'ora, antigos respeitadores do seu merito, convertidos em inimigos cruéis; e tanto mais incremento tomaram os odios, que lhe attrahiram seus politicos sentimentos, quanto Salvador Correia de Sá e Benavides os não sabia esconder.

A Regente, que apreciava suas qualidades, e tinha em conta seus importantes serviços, julgou conveniente arredar Salvador Correia de Sá e Benavides da capital do reyno, ou pela consideração que lhe merecia; ou, como outros pensam, porque, affeição da como era de preferencia ao infante, e descontente mais do comportamento d'El-Rey, que com o andar dos annos mais se relacionava com a classe infima e turbulenta da sociedade, se temesse a Regente da influencia de fidalgo tão nobre, de tantas luzes, e de tanta importancia. Salvador Correia de Sá e Benavides, desgostoso com a côrte, aceitou a carta patente de 17 de Setembro de 1658, para pela terceira vez voltar ao governo do Rio de Janeiro, não já com o simples titulo de governador e capitão mór da capitania, logar subordinado ao Vce-Roy do Brazil, mas sim com o posto elevado de governador geral do sul do Brazil, e dividido o Estado em dous governos independentes.

§ 4.º

Pela terceira vez foi o Rio de Janeiro governado por Salvador Correia de Sá e Benavides; e si bem que tão zeloso voltára elle á publica administração, e os mesmos desejos nutrisse em prol do engrandecimento do paiz, que o vira nascer, como os que já realizados havia, nos seus dous anteriores governos, — a occasião diversa era todavia, e muito differentes as circumstancias.

Portugal estava retalhado pelos dous partidos politicos, que anteriormente descrevemos: a anarchia lavrava em todos os espiritos, e em todos os animos; da metropole passou o mal para as colonias, como é da natureza das couzas; no Brazil haviam por tanto tambem estabelecido seus campos os dous partidos, eahi se guerreavam com egual força, que em Portugal.

O infante D. Pedro tinha por seu representante o jesuita Antonio Vieira, varão de estudos profundos, de sagacidade superior, e de espantosa actividade; promovia o progresso do partido, dava-lhe organização regular com methodo e ordem; constantemente animava, e recrutava amigos, que lhe augmentavam o numero e a força; viajava por todas as capitánias do Brazil, por toda a parte prégava ao povo, que arrebatava com sua maviosa eloquencia, e com seu fogoso enthusiasmo; quem não corria á ouvir um sermão

do padre Antonio Vieira?—Que templo, desde o mais sumptuoso até o mais despido de ornamentos e riqueza, deixou de obter a gloria de repercutir e ecoar os sons de sua poderosa voz? Qualquer que fosse o objecto da predica, quaesquer que fossem seus ouvintes, elle não perdia occasião para semear e espalhar as doutrinas politicas que professava e promovia. Reunindo a grande facundia com a maior actividade, combinando maneiras as mais populares com os meios mais sympathicos e persuasivos, que temivel e importante chefe de partido que era, e em uma colonia ainda nascente?

Para ainda coadjuvar os incansaveis esforços do padre Antonio Vieira, apparecia na segunda linha do partido seu irmão Bernardo Vieira Ravasco (*), sujeito de elevados talentos, e que occupára o importante emprego de secretario d'estado e guerra do governo geral do Brazil; e apóz este outros não menos importantes sectarios tinha no Brazil o infante D. Pedro, todos dedicados, activos, intelligentes, e em uso de continuada correspondencia com os partidistas de Portugal.

A familia dos Sás era importante pelo numero

(*) Bernardo Vieira Ravasco, nasceu na Bahia, em 1617; seu irmão o padre Antonio Vieira nasceu em Lisboa em 1609; sua familia estabeleceu-se na Bahia; Bernardo Vieira Ravasco não só foi poeta distincto, e litterato de gosto, senão tambem foi guerreiro, tendo militado valorosamente, como capitão de infantaria, em todas as guerras com os Hollandezes; morreu na Bahia em 1697.

e pela influencia, que exercia, quer em Portugal, séde primaria d'ella, quer no Brazil, aonde muitos membros occupavam os elevados cargos, e possuiam importantes bens e riquezas; Thomé Correia de Alvarenga, Duarte Correia Vasqueannes, ambos naturaes do Rio de Janeiro, Martim Correia de Sá, filho primogenito de Salvador Correia de Sá e Benavides, e que foi posteriormente o primeiro visconde de Asseca, gozavam de preponderancia e nomeada; toda esta familia pensava politicamente como Salvador Correia de Sá e Benavides; toda ella sustentava a legitimidade de D. Affonso VI.

Quando pois Salvador Correia de Sá e Benavides começou pela terceira vez a governar o Rio de Janeiro, encontrou em frente a si, e — seus inimigos, todos aquelles que seguiam o partido do infante D. Pedro; elles consideravam-no como embaraço invencivel de seus planos; conheciam sua rigidez de principios, sua invariabilidade de opiuiões, e sua energia na administração publica; estas qualidades reunidas tornavam-se motivos mais fortes para causar-lhes serios receios. Ao principio temeram manifestar ostensivamente sua indisposição, receberam-no mesmo com demonstrações de alegria; aproveitaram-se porém, e logo, de uma viagem que o governador pretendeu fazer ás minas da capitania de S. Vicente, cujas riquezas se exageravam muito, para, durante sua ausencia, conseguirem arrancar-lhe o governo.

Pouco tempo havia que estas minas tinham

sido encontradas e descobertas pelos industriosos Paulistas; Salvador Correia de Sá e Benavides, já no seu segundo governo, se esforçara de chama-las para o dominio da corôa, e de promover regularmente a sua exploração; para este fim fundara as villas de Paranaguá e de Ubatuba, esta ao norte de S. Vicente, e aquella ao sul, e para ellas enviára grande copia de trabalhadores; estas minas do littoral, si bem que se não podessem comparar com as minas do interior do paiz, que posteriormente se descobriram, eram comtudo premicias de grandes riquezas, e convinha que fossem aproveitadas e exploradas: para vê-las e examina-las, seguiu Salvador Correia de Sá e Benavides do Rio de Janeiro para S. Vicente.

Apenas partiu o governador, os descontentes do seu governo reuniram-se, e começaram depondo do governo provisório a Thomé Correia de Alvarenga, e nomeando para elle Agostinho Barbalho Bezerra (*); o governador nomeado, não se querendo prestar aos actos dos sediciosos, retirou-se para o convento de Santo Antonio; lá mesmo o foram elles buscar, e o revestiram com a auctoridade suprema; lavraram auto, em que mencionaram suas queixas contra a familia dos Sás, e sua deliberação de não admitti-los mais nos empregos publicos da capitania; prenderam todos

(*) Agostinho Barbalho Bezerra nascera no Rio de Janeiro, e era filho de Luiz Barbalho Bezerra, que fôra governador, e do qual já em outra nota tratámos.

que consideravam infensos a suas opiniões; sequestraram arbitrariamente os bens de Salvador Correia de Sá e Benavides, e obrigaram o senado da camara do Rio de Janeiro a officiar a todas as camaras da capitania de S. Vicente, convidando-as a aquiescerem a seus actos, e a não reconhecerem mais como governador a Salvador Correia de Sá e Benavides.

Assim ficou em poder dos revoltosos a cidade do Rio de Janeiro; seu foi o governo, suas as auctoridades, depostas todas aquellas que lhes eram hostis.

A capitania de S. Vicente, porém, se não achava no estado, em que a consideraram os revoltosos do Rio de Janeiro; verdade é que ali se manifestaram symptomas de inquietação, e de descontentamento contra Salvador Correia de Sá e Benavides, quando, durante seu primeiro governo, obrigou aquelles povos a receberem os jesuitas e a libertarem todos os indigenas, que haviam reduzido á escravidão; os moradores de S. Paulo, de Santos e de S. Vicente julgaram perder com estas providencias do governador; oppuzeram-se-lhe, representando contra ellas. Salvador Correia de Sa e Benavides conseguiu não só sustentar suas medidas, e chamar á ordem e á paz os descontentes, sem que preciso lhe fosse recorrer á força, senão tambem obteve ser estimado e respeitado por elles mesmos, de modo que a capitania de S. Vicente se não prestou ao senado da camara do Rio de Janeiro, e antes deu

não equivocadas provas de obediência e afeição ao governador, offerecendo-se-lhe grande copia de povo para armar-se, acompanhar-lo ao Rio de Janeiro, e defender sua pessoa, seus direitos e seu governo.

Salvador Correia de Sá e Benavides sabia, no entretanto, harmonisar a energia dos actos com a sua moderação; sustentar a dignidade do posto que occupava, poupando força, violencia ou arbitrariedade: logo que teve noticia dos acontecimentos do Rio de Janeiro, publicou um bando concedendo amnistia a todos, que se mostrassem arrependidos, e ameaçando com graves castigos aquelles, que perseverassem, nos seus intentos desleaes: para mais facilmente conseguir o restabelecimento da ordem publica, escreveu a Agostinho Barbalho Bezerra, e nomeou-o governador provisório do Rio de Janeiro, emquanto durasse sua ausencia.

Longe porém de toda a ideia conciliadora estavam os revoltosos; não eram questões de momento que os haviam armado; eram interesses de partidos politicos; e podia o partido do infante D. Pedro consentir no governo supremo do Rio de Janeiro a Salvador Correia de Sá e Benavides, quando os animos de seus co-religionarios politicos de Portugal trabalhavam por depôr o Rey D. Affonso, e elevar ao throno o infante, e qualquer movimento n'este sentido, para se firmar e se solidificar, necessitava de ser aceito e abraçado em todos os dominios da corôa Portugueza? O

bando de Salvador Correia de Sá e Benavides foi despresado; Agostinho Barbalho Bezerra, pelo facto de haver sido nomeado pelo governador, desmereceu no conceito dos revoltosos, e foi deposto; o senado da camara chamou a si toda a administração.

Tornavam-se necessarias medidas energicas; forçoso foi que a ellas recorresse Salvador Correia de Sá e Benavides. Lavrou immediatamente ordens ao desembargador Antonio Nabo Peçanha, que se achava no Rio de Janeiro, para que entrasse em exercicio do emprego de syndicante, organisasse processo contra os revoltosos, e sustentasse sua dignidade: estas ordens foram acompanhadas de força que partio de Santos; a força desembarcou sem opposição no Rio de Janeiro; o syndicante empossou-se do seu emprego, e começou a funcionar; João Correia de Sá, filho do governador, tomou as redeas do governo; os revoltosos se evadiram sem que ousassem desobedecer; alguns foram presos, sem que houvesse resistencia; e assim restabeleceu-se a ordem publica, sem que se derramasse a mais pequena gota de sangue.

Demorou-se ainda Salvador Correia de Sá e Benavides mais de um anno na capitania de S. Vicente; visitou todos os pontos habitados; rasgou estradas importantes; fez levantar innumeradas pontes sobre rios caudalosos, que embargavam o transito; fundou estabelecimentos de mineração; animou a agricultura e a industria; e tão

proveitoso á capitania tornou o seu governo, que ainda actualmente grandes obras se encontram, que lhe devem a sua criação.

Foi recebido com grandes festejos no Rio de Janeiro; conservou-se no governo até Novembro de 1661, e regressou de novamente para Lisboa, sendo substituído por Pedro de Mello.

§ 5.º

Ou por indole, ou por educação, contrahira D. Affonso VI habitos, que mal assentavam em um monarcha; fraco e timorato, estremecia diante de todas as ameaças; esquecido e ingrato, descontentava seus proprios amigos, não lhes mostrando apreço pelo que praticavam em seu serviço; caprichoso e indifferente, arredava de si todas as sympathias populares, e arrefecia o amor, que nutre de ordinario o subdito pelo seu soberano: si lhe apparecia qualquer vassallo a cumprimenta-lo, nem um olhar, — já não meigo, nem prazenteiro, — mas mesmo severo, — recebia d'elle; não soã, como aos monarchas cumpre, affagar e agradar a todos que o procuravam; desgostava a quem se insinuava para merecer-lhe uma palavra; dir-se-ia que prazer nem um lhe causava qualquer extremo ou sacrificio, que por elle seu povo fizesse; e que antes considerava-se tão superior que — indigno fôra de si manifestar seus sentimentos de gratidão, e paternal amor.

E no meio d'esta indifferença, que se lhe notava, e da dissimulação, que entretinha para com seus mais importantes e prestimosos vassallos, fugindo de praticar com elles sobre assumptos d'estado, prestava-se de instrumento a indignos validos, que, sem a menor das qualidades, que os tornassem recommendaveis ao paiz, abusavam, como Antonio Conti, do animo covarde do Rey, para, com fingidos contos e ameaçados futuros, arrancar do desgraçado monarcha as cousas, que lhes serviam aos interesses.

E nem os annos lhe haviam reformado o animo, e nem a rasão pudera conseguir sasonar-lhe o temperamento; sua mocidade corria como se fôra a puericia.

Desgostosa a Rainha sua mãe, abandonou os publicos negocios, e retirou-se a um mosteiro; descontentes os principaes fidalgos, deixaram a côrte e abandonaram o Rey; poucos foram aquelles, que se lhe conseruaram ao lado, leaes e fieis, em despeito de reiterados despresos do seu soberano, — promptos todavia a defende-lo e salva-lo, quando raiasse a occasião propria para isso.

O infante D. Pedro aproveitava no entretanto a força, que o proprio irmão lhe dava, desconceituando-se e despopularisando-se para com seus subditos; o numero dos seus partidistas crescia a olhos vistos, todos os dias, todas as horas; ou o despeito, ou o desejo de trocar um monarcha inhabil e desleixado por outro monarcha activo e zeloso, ou a esperanza de lucros com

a mudança de cousas, ou emfim o presagio de victoria, que rodeiava o infante, traziam-lhe forças continuadas.

Salvador Correia de Sá e Benavides, desembarcando em Lisboa, atristou-se com este espectáculo; razões de particular despeito, se tivessem cabimento em seu animo, poderiam arranca-lo do partido do Rey; mas por interesses não eram em sua pessoa vencidos os principios; fiel e leal conservou-se para com D. Affonso VI, porque o olhava como a sancção da legitimidade; algumas vezes ousou fallar a El-Rey a linguagem da razão e da verdade; pretender encaminha-lo por vereda proveitosa a si e ao paiz; — que seus sentimentos não sympathisavam com a marcha que seguia o soberano. — Baldados esforços foram, — que não agradavam aos reaes ouvidos semelhantes practicas.

Chegou emfim a hora dos grandes acontecimentos, que tantas causas deviam produzir: o infante reuniu suas forças, affrontou a magestade de seu irmão, levou as autoridades subalternas a desobedecer a seus superiores, e arvorou o estandarte da revolta.

El-Rey reuniu conselho dos principaes fidalgos, que se não haviam ainda ligado ao partido de seu irmão; á noite, secretamente, em uma sala retirada do seu palacio, teve logar a conferencia.

Salvador Correia de Sá e Benavides opinou o primeiro em prol de providencias energicas; para elle o throno não recebia condições, e nem pro-

punha concessões; cumpria antes de tudo mandar pegar em armas a toda a tropa, prender o infante, D. Sancho Manuel conde de Villafôr, o conde da Ericeyra, e todos os seus outros partidistas; faze-los julgar immediatamente pelos tribunaes, e levantar-se o throno do abatimento em que se achava. O conde de S. Lourenço e Antonio de Souza Macedo uniram-se a esta linguagem do guerreiro illustre, que se offerecia a tomar o commando da força, e a praticar o que propuzera (*).

Nem El-Rey porém era homem de resistir, e nem talvez tempo mais fosse para se obstar o cumprimento dos planos do infante, que foi immediatamente sabedor do resultado da conferencia de seu irmão, por Roque da Costa Barretto, o qual conseguira que El-Rey preferisse offerecer transacções ao infante a adoptar as medidas, que lembrára Salvador Correia de Sá e Benavides. O

(*) Uma obra publicada no Porto em 1845 pelo Sr. Camillo Aureliano da Silva e Souza, sob o titulo de — *Anti-catastrophe, Historia d'El-Rey D. Affonso VI de Portugal* — contem minuciosos esclarecimentos sobre esta época importante; n'esta obra, escripta por testemunha ocular, se lêem as fallas de Salvador Correia de Sá e Benavides, e de outros fidalgos n'essa conferencia que referimos; muitos documentos officiaes conteem tambem, que lançam luz immensa sobre taes successos; foi ella escripta para servir de resposta à outra obra com o titulo — *Catastrophe de Portugal na deposição d'El-Rey D. Affonso VI* —, que o infante D. Pedro fizera publicar em seu tempo para sua justificação, e com a assignatura de Leandro Dorea Caseres e Faria, mas realmente escripta pelo bispo do Porto. Conferindo-se taes obras com as cartas do padre Antonio Vieira pode-se vir facilmente no conhecimento de todos os successos da deposição de D. Affonso VI.

infante estava adiantado de mais para parar; em politica, é fraco o governo que tem por si unicamente o temor do castigo; a acção moral e religiosa, que impõe aos homens a obediencia para com o poder, é que o fortalece e escora. Quando se sabe que um governo é fraco, ai d'elle, — que o povo prefere sempre o despotismo á fraqueza! Mais poderosas que as opposições materiaes são as opposições moraes; as desordens e a guerra civil findam e morrem com uma batalha; as opposições moraes vão-se infiltrando por toda a parte, levantando a cada passo innumeraveis difficuldades para o poder, e arrastando enfim todas as forças da sociedade para uma interminavel lucta reciproca, da qual resulta a anarquia com todos os seus horrores.

Era da natural ordem das cousas, que o governo de D. Affonso cedesse á acção dos acontecimentos; Salvador Correia de Sá e Benavides, e todos os mais fidalgos, que como elle opinaram, contristados abandonaram o paço; a maior parte d'elles tratou de fugir para os paizes estrangeiros, porque prevendo a victoria do infante, temia suas vinganças; Salvador Correia de Sá e Benavides não quiz acompanhar seus companheiros ao desterro; firme como fôra conservou-se em Lisboa, esperando pelos successos, que se preparavam.

D. Affonso VI foi preso por seu proprio irmão em 23 de Novembro de 1667; e na qualidade de Regente, chegou enfim o infante D. Pedro ao poder que tanto ambicionára.

Nova ordem de cousas começou; o infante não sabia perdoar. A fidelidade que professaram Portuguezes ao seu Rey D. Affonso VI, era crime aos olhos do Regente: havia-o commettido Salvador Correia de Sá e Benavides; e para aggravá-lo se minuciavam as suas praticas com El-Rey, e os seus ultimos conselhos de resistencia e energia na nocturna conferencia do paço.

Salvador Correia de Sá e Benavides foi preso e processado: tinha já de idade 73 annos.

Não se quebrou porém no carcere o seu animo; os ferros lhe algemaram os pulsos, lhe dobraram o corpo, lhe apertaram os membros; mas a alma conservou-se forte e pura, como sempre fôra; e o coração palpitou-lhe com a mesma energia e a mesma regularidade.

Perante os juizes sua constancia, sua fidelidade, e sua franqueza o não abandonaram; os factos, que praticára, recontou-os fielmente; as opiniões que emittira, appresentou-as com toda a sua clareza; as fallas e pratica que tivera, tudo patenteou sem mostrar o menor arrependimento; lamentou a prisão de seu Rey mais do que a sua propria prisão; e para elle El-Rey D. Affonso VI, nos carceres ou no throno, era o unico Rey de Portugal.

Os animos se não achavam ainda em seu estado normal para comprehenderem a grandeza e magnanimidade de semelhante comportamento; os juizes lavraram sentença de dez annos de degredo para os sertões africanos contra aquelle mesmo

illustre guerreiro que os havia libertado, em tempos para elle de felicidade e de gloria!

Alguns amigos lhe appareceram então: esta cruel sentença, que atirava o velho septuagenario nos pestilentos areaes da Africa, pareceu a todos mais barbara do que uma sentença de morte: e que crime commettera, tão horroroso, que merecesse a punição dos assassinos e dos salteadores? Elle, o primeiro guerreiro, o mais illustre e glorioso general Portuguez d'aquella quadra?

Empregaram todos os esforços os poucos amigos, que lhe restavam, para o fim de conseguir a revogação da sua sentença; não que elle — animo forte e seguro — se abaixasse a mendigar favores e graças, ou se mostrasse entristecido com sua sorte. Antes de ser preso, — durante a prisão, — antes do processo, — durante o processo, — e depois do processo, — era o mesmo semblante, — o mesmo espirito, — as mesmas palavras que se lhe notavam. Pareceu receber a sentença, como outr'ora recebia as honras; o guerreiro impassivel, no campo da batalha, diante do crusamento das espadas, em frente das balas que repercutiam, e em presença de cadaveres e de sangue, foi impassivel tambem nos soffrimentos do carcere, e nos horrores dos ferros.

O infante D. Pedro ouviu por fim as vozes da piedade; trocou o degredo d'Africa, a que fôra condemnado Salvador Correia de Sá e Benavides, em prisão pelo mesmo tempo no collegio da Companhia de Jesus; no fim de dous annos,

consentio, a empenhos dos proprios jesuitas; que podesse elle morar com homenagem em sua propria casa; e cumprida a sentença dos dez annos, concedeu que tivesse de novo assento nos conselhos de guerra e ultramar, de que fôra membro.

Longa foi a vida de Salvador Correia de Sá e Benavides; — a primeira época de trabalhos activos, de victorias illustres, e de loiros gloriosos; — a segunda, de dôres, de perseguições, de soffrimentos, de prisão; — a ultima, de silencio, de repouso e de solidão. No 1.º de Janeiro de 1688 se finou, na idade de 94 annos, e tão robusto ainda do espirito, como na idade viril.

Foi enterrado na igreja do convento dos Carmelitas Descalsos, em Lisboa (*).

(*) Salvador Correia de Sá e Benavides foi casado com D. Catharina de Velasco, filha de D. Pedro Ramires de Velasco, Governador do Chile. Seu filho primogenito, Martim Correia de Sá, primeiro Visconde de Asséca, nascido no Rio de Janeiro, foi militar Portuguez de muito merecimento, e valentia, si bem que inferior a seu pai, cujo nome corria em todos os paizes conhecidos. Martim Correia de Sá houve-se com denodo, e gloria nas batalhas de Ameixial (1663) e Montes Claros, e no celebre sitio de Batajóz, no qual foi ferido, sendo então Mestre de campo. Morreu Martim Correia de Sá antes de seu pai, de desgostos e mágoas, pelo vêr preso, processado, e condemnado.

III

SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA

§ 1.º

Nasceu Sebastião da Rocha Pitta na cidade da Bahia, aos tres dias de Maio de 1660.

Si dermos credito ao conego Januario da Cunha Barboza (*), foi elle filho do dezembargador João da Rocha Pitta, natural tambem da Bahia, e chancellor da sua Relação.

Si porém considerarmos mais valioso o testemunho do abbade Diogo Barboza Machado (**), foram seus progenitores João Velho Gondim, e D. Brites da Rocha Pitta, filha do chancellor João da Rocha Pitta.

(*) O conego Januario da Cunha Barboza, nascido no Rio de Janeiro em 1785, e fallecido em 1846, foi um dos litteratos mais instruidos de seu paiz. Devem-se-lhe algumas dissertações historicas e litterarias sobre a historia do Brazil, um poema intitulado — Nictherohy —, diversas poesias avulsas, e esboços biographicos de varios Brasileiros illustres. Foi um dos creadores do importante estabelecimento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

(**) Bibliotheca Lusitana, tomo 3.º

Sebastião da Rocha Pitta encetou seus estudos no collegio dos jesuitas da Bahia; tomou o grão de mestre em artes, e habilitou-se para cursar as aulas da universidade de Coimbra, e seguir os estudos superiores. Como eram seus pais abastados de riquezas, foi, na idade de 16 annos, mandado para Portugal, e em Coimbra formou-se bacharel em canones.

Regressou ainda joven para sua patria, e para companhia de seus parentes; occupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infantaria das ordenanças, cazou-se com D. Brites de Almeida, e recolheu-se a uma fazenda, que possuia nas margens do rio Paraguassú, e proximidades da cidade da Cachoeira.

Ahi foi seu viver de muitos annos tranquillo, sereno e socegado; prazeres domesticos lhe emballaram a existencia; intimas felicidades de esposo e de pai, no seio de bens da fortuna, e de esperançoso porvir, vivificaram-lhe o espirito, e suavisaram-lhe a alma; não lhe perturbou os dias nem-um d'estes graves acontecimentos, que são como espinhos da vida; não os entristeceu nem-uma d'estas dôres e afflicções, que soffrem mais ou menos, com maior ou menor intervallo, quasi todos os entes humanos. A sua vida não appresenta emfim circumstancia notavel. — Foi regular — amena — e placida, como o lago tranquillo, cujas aguas se não movem ao sopro da viração.

E entretanto em torno d'elle quantos aconteci-

mentos graves tiveram logar, e que nem lhe mereceram a attenção!

D. Pedro II prendêra a seu irmão D. Affonso VI; governára o reyno na qualidade de regente até 1683, e como rey até 1706; tiveram logar todas essas longas e sanguinolentas guerras, por causa da successão da corôa hespanhola,—guerras, que devoraram grandes quantidades de dinheiro e soldados a Portugal, a Hespanha, a Allemanha, a França, a Inglaterra e a Hollanda.

No Brazil terminaram-se por fim as continuadas luctas entre Hollandezes e Portuguezes, expellidos aquelles por estes do rico territorio, que tanto ambicionavam, e parte do qual por largo tempo haviam occupado; luctas estas, que demoraram o engrandecimento do paiz, perturbaram a regularidade do seu commercio, e a liberdade da sua navegação, tão necessarias a uma nascente colonia.

Descobriram-se os terrenos interiores do Brazil; o Piauhy foi explorado e conhecido; os sertões da capitania de S. Vicente, que formam actualmente a provincia de Minas Geraes, foram visitados e examinados pelos intrepidados sertanejos de S. Paulo e Taubaté; Fernando Dias Paes, e Garcia Rodrigues Paes (*), dobraram os desertos, e além do

(*) Fernando Dias Paes foi o primeiro sertanejo, que descobriu, pelos annos de 1664, minas de ouro e pedras preciosas no interior da actual provincia de Minas. Seu irmão, Garcia Rodrigues Paes, em 1683 obteve patente de capitão mór das entradas e descobrimentos das minas de esmeraldas; outros sertanejos, paulistas e taubatenos,

Serro do Frio, depararam com abundantes minas de oiro, de esmeraldas, e de outras pedras preciosas. Para tão longinquas terras foi atrahida a attenção, e a avidez de copia extraordinaria de Portuguezes e de estranhos.

Succederam emfim os tristes desastres de Carlos Duclerc, a empreza aventureosa de Duguay Trouin, e as perdas extraordinarias, que soffreu a praça e cidade do Rio de Janeiro, pela inercia e inhabilidade do seu governador Francisco de Castro e Moraes, durante os annos de 1710 e 1711.

Tantos, e tão variados acontecimentos, que mais ou menos importavam a seu paiz, não tiveram forças para arrancarem do seu ocio ditoso a Sebastião da Rocha Pitta, dedicado exclusivamente á solidão da vida intima.

Ali, no meio dos trabalhos agricolas, e da paz da familia, lia, no seu repouso, todas as obras litterarias e scientificas da epocha; descansava o pensamento escrevendo canticos, sonetos, hymnos e eglogas: sua primeira reputação litteraria foi de poeta, si bem que de poeta mediano; cansou-se brevemente do trabalho do verso, e da difficuldade da metrificacão, e abandonou a rima e a poesia: escreveu na lingua castelhana, por ser mais geral e conhecida, um romance imitativo do — Palmeirim de Inglaterra —, que o portuguez

obtiveram grande nomeada com as suas explorações, e receberam tambem d'el-rey D. Pedrô II premios honorificos do foro da casa real, concessões de habitos das ordens militares, e outras graças.

Francisco de Moraes compuzera no seculo anterior, e que tão extraordinario e unanime enthusiasmo causára em toda a Europa, sendo traduzido em todas as linguas; a imitação porém de Sebastião da Rocha Pitta não obteve a nomeada, que conseguira o romance original de Francisco de Moraes.

Nos trabalhos materiaes da layoura, e n'estes folgares do espirito, se passou mais da metade da carreira mundana de Sebastião da Rocha Pitta; si pela mesma fôrma a completasse, de certo que seu nome teria morrido com elle.

Deliberou-se porém a escrever uma historia do Brazil. E foi um glorioso pensamento, que teve, e uma boa fortuna para o seu paiz.

Existiam impressas algumas chronicas parciaes da historia do Brazil; as de Balthasar Telles (*), e do padre Simão de Vasconcellos (**), e a historia da guerra entre Hollandezes e Portuguezes por Francisco de Brito Freyre (***) : estas e outras

(*) Chronica da companhia de Jesus na provincia de Portugal, 1645.

(**) Chronica da Companhia de Jesus na provincia do Brazil — 1663 — Vida do veneravel padre José de Anchieta, apostolo do Brazil — 1672 — Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brazil — 1668 — Vida do veneravel padre João de Almeida — 1658 e 1662 — São estas as obras do celebre litterato jesuita Simão de Vasconcellos.

(***) Francisco de Brito Freyre, nascido em Coruche em 1623, foi capitão da armada do Brazil, e governador e capitão general de Pernambuco e Maranhão. Publicou em 1670 a historia da guerra Brasilica, obra de muito criterio e importancia; falleceu em Lisboa em 1692.

obras porém, que algumas noções historicas e estatisticas apresentavam ácerca do Brazil não bastavam, como materiaes, para a composição de uma verdadeira historia.

Era preciso recorrer aos manuscritos, e aos documentos; revolver as bibliothecas publicas, as secretarias d'Estado, os depositos e archivos reaes, conventuaes e particulares: examinar itinerarios, viagens, derrotas, chronicas religiosas, descripções militares; era immensa a tarefa, de difficillima execução, de trabalhos muito longos e penosos: a vida de um homem parecia á primeira vista curta para emprehende-la e leva-la ao cabo!

O Brazil no entretanto carecia de uma historia, que fosse como o complexo, ou fusão de todos os escriptos impressos, e não impressos, ácerca do seu descobrimento, da sua colonisação, das suas nações de indigenas, das suas importantes explorações, e dos grandes acontecimentos, porque teve de passar, desde seus primeiros dias, alvo da cobiça de tantos povos, que invejavam as innumerables riquezas de seu solo feliz, e a magestade de sua posição geographica: e maior gloria lhe caberia se fosse essa historia escripta por um seu filho, do que por qualquer outro estranho, que lhe fosse muito embora affeiçoado.

Sebastião da Rocha Pitta calculou todas as difficuldades de sua empreza; assentou de vencelas. Para consegui-lo, deixou seu descanso e seu repouso, e despediu-se das margens alegres e

pittorescas do bello Paraguassú. Gastou bastantes annos no exame de todos os documentos e manuscritos, que existiam nos archivos dos conventos de S. Francisco, do Carmo e de S. Bento, que eram as tres ordens, que no Brazil se fundaram, e nas livrarias dos collegios dos jesuitas da Bahia, do Rio de Janeiro e de S. Vicente: passou-se depois para Lisboa, e lá se entregou de todo o coração, applicando toda a actividade do seu espirito, e despendendo não pequenas sommas pecuniarias, á indagação conscienciosa de todos os papeis, que lhe podessem ministrar elementos para escrever a sua historia.

Não contente com as noticias que pôde obter dos documentos escriptos na sua lingua vernacula, e na castelhana, que perfeitamente sabia, deu-se ao estudo das linguas franceza, hollandeza e italiana, para o fim de ler e conhecer os escriptos n'esses idiomas, dos quaes podesse colher elementos proveitosos á sua empreza.

Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu finalizar, no anno de 1728.

Em 1730 foi publicada a — Historia da America Portugueza desde seu descobrimento até o anno de 1724, por Sebastião da Rocha Pitta.

A obra foi muito applaudida; todos os sabios contemporaneos a leram e elogiaram; a Academia real de Historia portugueza a fez examinar por uma commissão de seus membros, e approvou o

parecer, tecendo-lhe grandes encomios, e mandando diploma ao seu autor de Academico supernumerario. O bispo de Lacedemonia, na qualidade de censor dos inquisidores, escreveu a seu respeito uma memoria, que faz honra a ambos, ao critico e ao historiador.

El-Rey D. João V nomeou-o fidalgo da sua real casa.

Sebastião da Rocha Pitta retirou-se então para a Bahia, e para o seu doirado repouso; reviu sua casa, seus bens e seus amigos; ali quiz passar os ultimos dias de sua vida, tão tranquillamente como passára os primeiros dias d'ella.

Continuou n'aquelles mesmos folgares da mocidade, — ora occupando-se com a administração dos trabalhos ruraes, — ora chamando em seu auxilio a deliciosa Musa, que tantos encantos lhe dêra, e tantas venturas lhe causára, — ora no gremio da familia, reunindo em torno de si tantos filhos queridos, — extensa prole de seus pacificos amores, — mirando-se n'elles como sua imagem, procurando por seus animos diffundir as amaveis e candidas virtudes, que adornam o coração, e as reminiscencias gratas e aprasiveis, que encantam e enthusiasmam continuamente.

N'essa tranquillidade do corpo e do espirito o veio encontrar a morte no anno de 1738; baixou á sepultura tão pacifico, quieto e sereno, como vivêra.

§ 2.º

Ha uma escola de historiadores, que considera ser sua missão o narrar os acontecimentos, o pintar os costumes, e o descrever as physionomias, sem que ousem aventurar a menor observação, a analyse a mais ligeira, o mais leve juizo; a historia, no seu sentir, é a acta fiel e verdadeira dos tempos; é a chronica dos factos succedidos; é a descripção dos diversos dramas, e das peripicias differentes, que tem apparecido; é o desenho dos caracteres, e o desenvolvimento da marcha das acções humanas, guardando o historiador a mais absoluta neutralidade, e a imparcialidade a mais escrupulosa. Herodoto é o chefe d'esta escola, que conta nas suas fileiras os Benedictinos francezes D. Bouquet, D. Mabillon e Froissard, os italianos São Marco e Villani, o portuguez Fernão Lopes, e o allemão Raumer, e tem por seu mais aperfeiçoado discipulo o Barão de Barante.

Ha uma segunda escola, que pesquisa e relata os grandes acontecimentos do mundo, apresentando-os como effeitos de um fatalismo, cuja marcha é inevitavel; para ella o dogma da moral é separado da acção humana; esta acção não é livre, e portanto não tem imputação; o homem, a intelligencia, a moral, a religião e a consciencia, não tem dominio, nem influencia e nem

vontade nos acontecimentos, que são vinculos de uma cadeia inabalavel, que se ligam e se succedem pela força do destino: as cousas tem um curso regular, seguem-no precipitadamente; os homens são apenas instrumentos d'elle; sua missão está de antemão marcada, e tem de ser necessariamente cumprida.

Para esta segunda escola tendem duas differentes veredas: a vereda religiosa, philosophica e symbolica; e a vereda sceptica, material e athéa.

A primeira vereda procura a rasão espirital dos factos, e seus resultados moraes, abstraindo-os da scena do mundo, e da sua descripção e pintura; o principio religioso esvoaça por cima das sociedades humanas, e se manifesta por todas as suas phases; Deus creou o homem; o homem povoou a terra; o homem creou a sociedade; a sociedade creou leys; tudo vem de Deus, e Deus marcou de antemão o destino inexoravel do homem e da sociedade, das nações e da humanidade; marcham todos para equal fim, tornando-se a vida das nações, das sociedades e dos homens, como um symbolo ou representação moral do pensamento de Deus, perante o qual o homem e os seus feitos desaparecem como a voz no deserto, ou a gotta d'agua no Oceano.

A segunda vereda formula o systema da perfectibilidade material; o homem e as nações não se dirigem para outro fim senão para a obtenção de maior somma de bens e de grandeza; os factos

tem marcha necessaria e logica; as acções não tem imputação moral, porque o fim, as circumstancias e a posição do homem e das nações os arrastam, dominam e influenciam; o homem e as nações foram creados para obedecerem ao fatalismo que os acompanha, e que na sua marcha immutavel transforma ideias, principios, religiões e sentimentos.

Esta segunda escola tem duas divisões, adversas, antipodas: a primeira de Vico, de Herder, de Bossuet, de Hegel e de Ballanche, ao menos não desbota os sentimentos do coração, nem mareia a poesia da alma humana, que é emanação sagrada da Divindade; a segunda divisão ou vereda, nascida das theorias da revolução franceza de 1789, inteiramente franceza (*), estraga a vida, desmoralisa a consciencia, e perturba o espirito; pelo seu systema, e pelos seus principios os Tibérios, os Felippes, os Neros e os Borgias foram tyrannos, não por suas vontades ou indoles, mas pela força das cousas; os Robespierres, os Jefferies, os Fouquieres e os Tristãos não tiveram vontade nem liberdade; foram antes os instrumentos do terrivel fatalismo.

Si a primeira escola geralmente chamada — descriptiva — pecca, porque apenas pinta os acontecimentos, e os não moralisa, a segunda escola, em qualquer das suas veredas, não menos defeituosa é: as nações, como os individuos,

(*) Esta escola foi creada por Mignet, desenvolvida por Thiers, e Armand Carrel.

tem sua historia; o homem, como a especie, tem a imputabilidade de suas acções; como narrar crimes, sem os considerar e julgar? Como recontar horrores, sem lhes applicar a sancção penal? Como fria e insensivelmente descrever as acções boas e más, deixando de analysa-las, e pesa-las? Como dar-lhes apreço, si não tem imputação, — si são filhas da necessidade, — não da vontade, — se procedem pela força das acções, e não por effeito da liberdade?

A verdadeira e unica escola historica não é nem a descriptiva nem a fatalista. A verdadeira e unica escola historica é a de Tacito e de Thucydides; é a de Gibbon e a de Niebuhr; é a de Machiavelli e de Muller; é a de Plutarco e a de Thierry; é a de Polybio e de Lingard.

A verdadeira e unica escola historica exige qualidades moraes, e qualidades intellectuaes em gráu eminent: O amor da verdade, e só da verdade, deve caracterisar o historiador; para conseguilla, torna-se necessario um zelo de exactidão, um escrupulo de paciencia a toda a prova; os tumulos, os monumentos, os epitaphios, tudo lhe serve; decifrárá com o mesmo cuidado os velhos e estragados archivos, os torturados documentos, e os livros limpos e aceiados; procurará a verdade no meio do pó dos manuscritos, e a custa de vigalias e dobrados trabalhos; e conseguida a verdade, necessita de todo o sangue frio de seu juizo, para distribuir justiça, e analysar com imparcialidade.

Após estas qualidades moraes de verdade e justiça, quantas qualidades intellectuaes são necessarias! Que intelligencia universal em todos os ramos dos conhecimentos humanos! Que talentos extensos de comprehensão, de imaginação e de raciocinio! Que variada instrucção em objectos tão diversos, em tão complicadas questões!

O historiador necessita ser philosopho, estadista, poeta, jurisprudente, financeiro, theologo, militar; o historiador necessita emfim possuir uma universalidade de instrucção, superior talvez á que Cicero exigia para o seu — Orador. —

Examinada e conhecida a verdade dos acontecimentos, ouvida a voz dos seculos passados, — a voz propria e verdadeira, — cumpre ao historiador ainda narrar e descrever, e de par com a narração e a descripção, julgar e moralisar. A historia é uma missão nobre e elevada, que aperfeição a intelligencia, purifica o espirito, esclarece a consciencia, e adorna o coração. A descripção e a moralisação, a pintura e o juizo, a narração e o raciocinio, são elementos indispensaveis para traçar-se o grande quadro dos acontecimentos humanos, indagar-lhes as causas, descobrir-lhes os resultados, ligar a vida do individuo á vida da sociedade, reunir o homem á especie, e formar assim essa grande lição, para que foi instituida a historia.

A historia é diversa da chronica ou da memoria; estas são simples narrações: aquella tem interesse superior, porque além de narrar instrue e moralisa; os seculos tem entre si pontos de seme-

lhança; aceitam uns dos outros certas ideias e paixões, que se vão transformando; mas as civilizações duram com as condições, que lhes são proprias; os usos e costumes diversificam; e cumpre ao historiador estudá-los, differenciá-los, pinta-los com suas côres especiaes, e encara-los sob pontos de vista das normas immutaveis da justiça universal, e tambem das ideias predominantés na quadra, em que se passaram: dando a cada epoca, que passa, seu verdadeiro logar, sua propria physionomia, e sua significação logica.

Reunir a laboriosa e a mais profunda instrucção aos mais subidos talentos, conhecer perfeitamente os factos, desenterrando a verdade do chão dos tempos, e julga-los com criterio e imparcialidade, são as qualidades que constituem o historiador. Verdade e comprehensão, justiça e intelligencia, sabedoria e imaginação — tudo lhe é mister para dar vida á sua historia, alma á sua narração, interesse á sua obra, parecida physionomia ás epocas que descreve, e proprias vestes aos acontecimentos que narra.

O estilo é do escriptor, não do historiador; o estilo é proprio do character e do individuo; tenha o historiador as qualidades e estudos, que necessita, e escreva! Escreva pela maneira mais facil, e mais propria de exprimir seus pensamentos, suas ideias, seus sentimentos. Quão diverso é o estilo de Tacito do de Plutarco! Quanto é differente o de Salustio do de Gibbon! Como opposto é o de Machiavelli ao de Niebuhr! Cicero tinha

rasão de dizer que a historia agrada de qualquer maneira que se escreva, comtanto que interesse.

O estilo é o segredo da intelligencia, o mysterio do escriptor; seu trabalho é estudar as regras da lingua, sua feitura, suas necessidades; — esta é a pratica material — Obtida ella, siga sua inspiração!

Tito Livio, Guilherme Robertson, e João de Barros foram grandes escriptores, e máus historiadores; grandes escriptores, porque seus estilos interessam, encantam e arrastam; máus historiadores, porque aceitaram sem criterio grande numero de factos, e os incluíram nas suas historias, — factos extravagantes uns, — inverosímeis outros, — e que não passavam de tradições populares revestidas da poesia do povo, que é toda patriotica, mas que não deixa de ser poesia, isto é, filha querida e doirada da imaginação. Os historiadores precisam de mais estudos, e de mais discernimento.

O estilo, é verdade, tem suas normas intellectuaes como tem regras materiaes; essas normas porém não reduzem suas formulas a uma só formula, si bem que perfeita; seria semelhante ideia equivalente a que não houvesse na existencia humana mais que um só typo do que é bello; entretanto o bello, bem como o sublime, abraçam todas as formulas, todas as creações do pensamento; alargam o circulo do templo da arte, e conhecem-se pelas suas phases ou aparições, e não

pela maneira porque essas phases ou apparições se manifestam.

O estilo pois é do escriptor; o historiador não pôde e não deve cingir-se a um unico estilo; o historiador, manifestando ou materializando suas ideias, fórma o seu estilo conforme seu character, sua indole, e sua imaginação: essas mesmas ideias lhe vão proporcionalmente creando, vigorando, fortalecendo, e aperfeiçãoando o estilo.

§ 3.º

Sebastião da Rocha Pitta possuía todas as qualidades de historiador? Satisfaz a todos os requisitos exigidos, e especificados no paragrapho anterior? — Sua Historia da America Portugueza — contém os elementos de uma boa historia?

Examinemo-lo.

Existiam no seu tempo monumentos historicos de duas especies, relações, itinerarios, viagens, derrotas, noticias e chronicas ácerca do descobrimento do Brazil, de suas primeiras explorações, de sua primordial colonisação, e de suas invasões, escriptos em diversas linguas, e impressos em varios paizes; e cartas de missionarios, viagens, descripções e derrotas, que não haviam sido publicadas, e que se guardavam nos archivos publicos e conventuaes de Portugal e dos paizes extranhos.

Cumpria procurar todos estes documentos quer

impressos, quer manuscriptos, escrupulosamente folhea-los e examina-los. Grande trabalho que era, mas a que não faltou Sebastião da Rocha Pitta, dedicando-se a elle com a mais minuciosa curiosidade e paciencia.

Nos documentos impressos a lingua portugueza contava as chronicas dos jesuitas Balthasar Telles, e Simão de Vasconcellos, a — Historia da Guerra Brasilica entre os Portuguezes e Hollandezes — pelo general Francisco de Brito Freire, o — Compendio Narrativo do Peregrino da America — pelo padre Nuno Marques Pereira (*), o — Oriente Conquistado — pelo jesuita Francisco de Souza (**), — e as Memorias historicas — do padre Prudencio do Amaral (***) ; a lingua franceza possuia as viagens dos missionarios Claudio d'Abbeville, e Ivres d'Evreux, e as noticias do Borgonhez Lery, si bem que escriptas primariamente em latim, já porém trasladadas para o francez; a castelhana numerava as obras de Lopes de Gomara, de D.

(*) O padre Nuno Marques Pereira, grande theologo, nasceu em Cayrú (Bahia) em 1652. Entre diversas obras, que escreveu, o — Peregrino da America — publicado em 1718 — é de grande merito e importancia para as cousas do Brazil.

(**) O jesuita Francisco de Souza, nascido em Itaparica (Bahia) em 1628, e fallecido em Gôa em 1713, foi tambem theologo, e excellenté chronista; o seu — Oriente Conquistado em tres partes — publicado em 1710, contém noticias interessantes sobre o Brazil.

(***) O padre Prudencio do Amaral nasceu no Rio de Janeiro em 1665, e falleceu em 1715; publicou em 1710 — Elogios dos bispos e arcebispos da Bahia, e em 1711 o Cathalogo dos bispos, que tivera o Brazil até 1676, com muitas noticias historicas.

Thomaz Tamayo de Vargas, e de Pedro Martyr; a italiana continha as cartas das duas viagens, que fez ao Brazil o Florentino Americo Vespuccio; a hollandeza mostrava a historia, que da India e da America escreveu João de Laet, as relações do naturalista Guilherme Pison, e as descripções de Hans-Stade.

Nos documentos manuscriptos existiam em Portugal diversas memorias de Manuel de Moraes (*), de Diogo Gomes Carneiro (**), do padre Antonio de Sá (***), e de Jacob de Andrada Ve-

(*) Manuel de Moraes nasceu em S. Paulo em 1604; entrou para a companhia de Jesus em 1619; em 1629 foi sacerdote; expellido da companhia por —irregularidades de comportamento, passou-se para Lisboa, e depois para Amsterdão, aonde fez-se calvinista. Em Lisboa foi, por esta mudança de religião, apresentado em estatua no auto de fé de 6 de Abril de 1642; voltando em 1645 para Portugal foi preso, em 1647 sahio no auto de fé com insignias de fogo, abjurou e voltou ao catholicismo; escreveu Memorias historicas sobre Portugal e Brazil, e uma chronica da America, que se perdeu, e da qual João de Laet tirou muitos importantes dados para sua historia, como elle mesmo confessa, tributando immensos elogios aos talentos de Manuel de Moraes.

(**) Diogo Gomes Carneiro nasceu no Rio de Janeiro em 1628, e falleceu em Lisboa em 1676; sendo secretario do marquez de Aguiar, foi eleito chronista geral do Brazil, com a pensão de 300 \$ 000 annuaes: foi litterato instruido, e escreveu varias memorias estatisticas e historicas sobre o Brazil.

(***) Sobre o padre Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro em 1627, e fallecido em 1678, e que foi um dos maiores prégadores da lingua portugueza, já bastante dissemos no 1.º volume, tratando dos padres Souza Caldas e S. Carlos: o padre Antonio de Sá, alem dos admiraveis sermões que no Brazil, em Portugal, na Italia, e especialmente em Roma havia prégado, merecendo elogios geraes, foi grande philosopho, theologo, e auctor de varias memo-

losino (*), cartas importantes dos jesuitas José de Anchieta, Manuel da Nobrega e Aspícueta Navarro, o roteiro de Pero Lopes de Souza, as descripções de João Empoli e de Pedro Vaz Caminha, e a interessantissima obra de Gabriel Soares, com o titulo de — Roteiro do Brazil —, que por algum tempo passou por composição de Francisco da Cunha, e como tal erradamente a consideráram Manuel Ayres do Casal e Fernando Diniz (**). Em Hespanha haviam as derrotas de Francisco de Orellano, Yanes Pinzon, João Dias Solis, e tantos outros bravos navegantes e conquistadores. França e Hollanda, retalhando então os mares com seus navios, em continua rivalidade com Portugal e Hespanha, receberam tambem innumeraveis noticias e investigações importantes dos seus navegadores.

Si pelo lado de indagação minuciosa, de ardente desejo de tudo saber, e de esforços escrupulosos para o fim de conseguir a verdade, não temos senão elogios a tributar a Sebastião da Rocha Pitta, que com a sua — Historia — nos prova se

rias historicas sobre o Brazil; foi muitos annos em Roma secretario do geral dos jesuitas.

(*) Jacob de Andrada Velosino nasceu em 1659 em Pernambuco; retirou-se com os Hollandezes, e viveu em Amsterdam; foi grande medico e naturalista; escreveu, além de obras medicas, interessantes memorias sobre o Brazil: falleceu em 1712.

(**) Gabriel Soares foi nomeado capitão-mór de duas náus para o descobrimento das minas das Esmeraldas; andou no Brazil 17 annos, e escreveu em 1587 a sua obra, que a Academia Real de Sciencias de Lisboa publicou em 1825.

não haver poupado a trabalho algum para esclarecer-se; si pelo lado também de imparcial e justiceiro, como deve ser um bom historiador, eguaes encomios lhe são devidos; sentimos contudo ter de enunciar que, ou pelas ideias religiosas da epoca, que não admittiam exame nos milagres recontados, ou factos, que os missionarios relatavam para o fim de cathequisar as nações selvagens, ou talvez mesmo pela crença supersticiosa, ou excessivo amor patriotico de Sebastião da Rocha Pitta, sua obra não está isenta do grave defeito de dar como verdadeiros alguns factos, que qualquer minucioso exame, ou investigador raciocinio teria declarado falsos, e mesmo inverosimeis.

Este grave defeito infelizmente se não acha só em Sebastião da Rocha Pitta; Tito Livio e Guilherme Robertson não appresentam, o primeiro sobre as eras mal conhecidas de Roma, e o segundo a respeito da vida de Carlos V, noticias inexactas, e narrações inverosimeis? João de Barros, descrevendo o valor portuguez nas terras da Asia, se não deixa tantas vezes illudir por noções improvisadas?

Sebastião da Rocha Pitta, como aquelles escriptores, é arrastado pela imaginação: acceita as legendas religiosas dos missionarios, e as legendas poeticas do povo, como acontecimentos reaes; ou não ousou rebatte-las, ou acreditou-as; peccou por qualquer dos modos.

Como se affadiga tanto para provar que S.

Thomé viajou pelo Brazil? Como tenta achar no paiz signaes demonstrativos do seu baculo e dos seus pés? Como appella para a traducção dos gentios? Como chama em seu apoio os testemunhos de Joaquim Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pizarro, do bispo de Chiappa, e do jesuita Ribadaneira?

E relativamente ás aventuras de Diogo Alvares, o Caramurú, tão doiradas pela poesia popular, como as aceita em toda a sua plenitude? — Como acredita na fabulosa viagem á França, e a faz verificar-se no reinado de Henrique de Valois, segundo de nome, e de Catharina de Medicis, quando tal reinado começou sómente em 1547, e d'esta época em diante está evidentemente provado que não sahio Diogo Alvares da Bahia, havendo em 1531 casado duas filhas suas com Affonso Rodrigues, e Paulo Dias Adorno, companheiros de Martim Affonso de Souza?

Como estes factos, outros descreve Sebastião da Rocha Pitta, que não minuciamos para não tornar comprida esta analyse. São graves faltas para um historiador ou — a ausencia de coragem para repellir a influencia e dominio das lendas religiosas ou patrioticas, e revolvendo o intimo dos acontecimentos, rebate-las com a luz do raciocinio e o archote da verdade; ou — a ausencia de preciso discernimento para separar o verdadeiro do falso, e entre as pedras, que as memorias appresentam, escolher unicamente as preciosas e de valor.

Possuo tambem Sebastião da Rocha Pitta as qualidades intellectuaes, de que tanto necessita um historiador?

A sua — Historia — demonstra os variados conhecimentos, que adquiriu, e a profunda instrucção, que bebeu nos diversos ramos das sciencias.

Descreve o Brazil já encarando-o sob o ponto de vista geographico, commercial e estatistico, já examinando a natureza dos seus terrenos e das suas producções, e antevendo o futuro grandioso que o aguarda, já enfim historiando os acontecimentos politicos e militares, por que passou, as negociações diplomaticas, que se encetaram a seu respeito, o desenvolvimento da sua riqueza, e da influencia que sobre a metropole começava já então a exercer a colonia nascente.

É innegavel pois que lhe não faltavam as qualidades intellectuaes de historiador; que, além de se achar ao nivel de tudo quanto a respeito do Brazil se podia saber na quadra em que viveu, quadra realmente historica, em que foram seus contemporaneos Antonio Caetano de Souza (*), Diogo Barboza Machado (**), D. Francisco Xavier conde da Ericeyra, o padre Antonio Vieira, e Antonio de Souza de Macedo, adquirira tambem

(*) Auctor da Historia Genealogica da casa real de Portugal, em 20 vols. em folio — Obra de grande importancia historica, e de subido merito.

(**) Auctor da grande Bibliotheca Lusitana, um dos mais bellos e grandiosos monumentos da litteratura portugueza.

sobeja instrucção em todos os ramos dos conhecimentos humanos, cuja theoria e pratica convinham entrar na historia do paiz, de que se incumbira: era dotado ainda de imaginação brilhante, e de variada phantasia, para reunir o agradavel ao necessario, o bello ao util:

Si Sebastião da Rocha Pitta soubesse ou pudesse escapar do defeito, que já lhe imputámos, de, sem o menor discernimento, aceitar e dar como verdadeiros alguns factos, que só existiam nas tradições populares, e nas invenções dos missionarios, seria de certo um dos maiores historiadores da lingua portugueza. Que talentos que não eram os seus? Que subido amor de seu paiz lhe não palpitava no peito? Que grandes qualidades não eram as suas?

Convém ainda dizer que si Sebastião da Rocha Pitta historiou perfeitamente os acontecimentos do Brazil, já nas suas primarias explorações, já nas suas guerras, motivadas pelas invasões ambiciosas dos Francezes e Hollandezes; si sua obra contém innumeras noções biographicas de varios e importantes Brasileiros, que adquiriram nome pelo seu valor e talentos; si já sobre sua historia natural, sobre sua agricultura, industria, geographia, estatistica e commercio, já sobre sua historia politica, appresenta os mais completos esclarecimentos da época; um defeito ainda lhe notamos, que foi descrever apenas ligeiramente as nações indigenas, e abandona-las logo depois como si não só nos não conviesse saber o que

ellas foram antes dos descobrimentos dos Portuguezes, como tambem o que lhes aconteceu com esses descobrimentos, e após o domínio que elles motivaram. Parece que o historiador se persuadiu que taes nações não mereciam attenção, e nem analyse, e que de sua existencia não resultou a menor influencia para a colonisação, posse e industria do paiz.

As observações, que enunciamos, bastam para conhecimento das qualidades do historiador; examinemos agora o seu estylo.

Em geral o estylo da epocha peccava por a innovação dos trocadilhos; o desejo de castigar e harmonisar as palavras e as phrases; dava-lhes uma toada, menos agradavel de certo do que a simplicidade poetizada de Fernão Lopes, a eloquencia limpida de frey Luiz de Souza, as enge-nhosas descrições de João de Barros, a energia de Affonso de Albuquerque, e a modestia de Heitor Pinto e de Amador Arraes.

E não foi sómente Sebastião da Rocha Pitta que incorreu no peccado. Antonio Caetano de Souza, os condes da Ericeyra, o padre Antonio de Sá, e o proprio Antonio Vieira, o commetteram. Mais ou menos os homens recebem a influencia das ideias, que dominam a época em que vivem. Entretanto, claro, facil, elegante e bello, é de certo o estylo da — Historia da America Portugueza: tem descrições admiraveis, e eloquentes pinturas. O estylo de Sebastião da Rocha Pitta o colloca sem duvida na primeira linha dos escriptores portuguezes.

Para comprovarmos estas asserções, daremos uns excerptos, que as demonstrem.

« N'ella surgindo as náus, pagou o general aquella ribeira e segurança, que achara depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar — Porto Seguro —, e a terra — Santa Cruz — pelo estandarte de nossa fé, que n'ella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao som de todos os instrumentos e artilheria da armada, fazendo com a mesma militar ostentação e piedade celebrar o sancto sacrificio da missa sobre uma ara, que levantou entre aquelle inculto arvoredado, que lhe serviu de docel e de templo. »

« A fermosa variedade de suas formas na concertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compõem uma tão egual harmonia de objectos, que não sabem os olhos aonde melhor possam empregar a vista.... já em altas e continuadas serranias, já em successivos e dilatados vales; as maiores porções d'elle fez felicissimas, algumas inuteis; umas de arvoredos nuas expoz ás luzes do sol, outras cobertas de espessas mattas occultou aos seus raios: formou dilatadissimos campos, uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyrannizados por caudalosos rios, &c. »

« Vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino

oiro, os seus troncos o mais suave balsamo, e os seus mares o ambar o mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, aonde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções, que apura a arte. »

« Em nem-uma outra região se mostra o céu mais sereno, e nem a aurora madrugada mais bella; o sol em nem-um outro hemispherio tem os raios tão doirados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horisontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras, &c. »

Si d'estas descripções da natureza, que realmente extasiam e encantam, passarmos ás descripções dos acontecimentos, não é menos nobre e menos brilhante o estylo. O que póde haver de mais perfeito do que a noticia que nos dá Sebastião da Rocha Pitta, da guerra dos Palmares, com que por tanto tempo se encommodaram os Portuguezes? Indaga-lhes todas as causas, narra-lhes todos os successos, e descubre-lhes todos os resultados de modo a nada deixar a desejar.

« Estão os Palmares no continente das villas do Porto Calvo e Alagoas, em quasi egual distancia de ambas, porém mais proximos á primeira. O nome tiveram depois, que os negros o possuiram pelas muitas palmeiras, que lhes plantaram.

Comprehendia mais de uma legua em circuito a sua povoação, cuja muralha era uma estacada de duas ordens de páos altos, lavrados em quatro faces dos mais rijos, incorruptiveis e grossos, que ha n'aquelles grandes mattos, abundantissimos de portentosos troncos. Tinha a circumvalação tres portas da mesma madeira com suas plataformas em cima, todas em eguaes distancias, e cada uma guardada por um dos seus capitães de maior credito, e mais de 200 soldados, no tempo da paz, porém n'esta guerra guarnecidas todas do maior poder das suas forças. Por varias partes d'aquella circumferencia haviam baluartes da propria fabrica e fortaleza. O paço do seu zumbi era toscamente sumptuoso na fórmula e na extensão; as casas dos particulares ao seu modo magnificas, e recolhiam mais de vinte mil almas de ambos os sexos, as dez mil de homens capazes de tomar armas. As que jogavam são de todos os generos, assim de fogo, como espadas, alfanges, frêxas, dardos e outras arrojadiças. Havia dentro da sua povoação uma eminencia elevadissima, que lhes servia de atalaya, e depois lhes foi voluntario precipicio; d'ella resistavam com longa vista por dilatados horisontes muita parte das villas e logares de Pernambuco; tinham uma lagôa, que lhes dava copioso peixe, muitos ribeiros e poços, que chamavam cacimbas, de que tiravam regaladas aguas. Fóra tinham grandes culturas de pomares e lavouras, e para as guardar, fizeram outras pequenas povoações, chamadas—Mocam-

hos —, em que assistiam os seus mais fiéis e veteranos soldados. »

Sebastião da Rocha Pitta terminou a sua Historia com o anno de 1724; e não tendo tomado parte nos acontecimentos contemporaneos, livre estava o seu animo, isento o seu espirito da menor seducção ou influencia; escreveu-os portanto com muita imparcialidade. Talvez mesmo que mais importante e verdadeira seja, e mais interesse tenha ella, na narração dos acontecimentos contemporaneos, do que n'aquelles que a tradição recontava, e que mais ou menos, como succede nos primeiros tempos de todas as nações, estavam envoltos de mysterioso e poetico véo, não ousando o historiador rasga-lo, ou mesmo o historiador acreditando-o.

A — Historia da America Portugueza — de Sebastião da Rocha Pitta, não só para aquella época, ainda pobre de obras historicas, senão tambem para a nossa, que possui maior abundancia de materiaes acerca do Brazil, é obra muito preciosa e muito necessaria para todos os Brasileiros que quizerem saber a historia do seu paiz.

IV

D. JOSÉ JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO.

§ 1.º

Sebastião da Cunha Rangel Coutinho, e sua mulher D. Isabel Salustianna Roso de Moraes, possuíam importante engenho de assucar nos férteis campos dos Goytacazes, em territorio da actual parochia de Santa Rita. Foi primogenito de seus filhos José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, nascido a 8 de Setembro de 1742.

Pedro de Góes fôra o donatario, por foral e carta d'El-Rey D. João III, da capitania da Parahyba, incluída entre o rio Cabapuana e o Cabo de S. Thomé. Era ella povoada por uma nação de indigenas audaz, feroz, guerreira e de costumes severos, denominada em sua lingua — Goytacazes —, e pelos Portuguezes — Coroados. O donatario estabeleceu-se nas margens do rio Parahyba, no correr do anno de 1540; encontrou porém tão forte resistencia dos indigenas, que, teve de se retirar, em 1547, depois de grande perda

que soffrera. Em 1553, com novos e dobrados reforços, voltou á sua capitania; foi pela segunda vez derrotado e vencido; salvou-se no Espirito Santo, capitania contigua pertencente a Vasco Fernandes Coutinho, a qual ia em florescimento.

Irritados os Goytacazes com a hospitalidade que seus inimigos receberam dos Portuguezes do Espirito Santo, ousaram tomar a offensiva e ataca-los nos seus proprios estabelecimentos; e de feito destruíram e incendiaram as povoações dos Portuguezes, mataram-lhes seu cabo de guerra D. Jorge de Menezes, e muitos soldados, e levaram-nos de fugida para além das margens do rio —Cricaré—, presentemente appellidado S. Matheos. Chegando porém soccorros do governador Mem de Sá, em 1559, foram os Goytacazes derrotados, e tiveram de regressar a seus lares.

Nem Pedro de Góes, nem seu irmão Luiz de Góes, e nem seu filho Gil de Góes conseguiram povoar as terras de sua capitania. No anno de 1627 alguns empresarios contractaram seu aforamento. Unicamente porém, no anno de 1648, teve principio uma regular colonisação, collocando-se á frente de uma sociedade para este fim instituida o governador Salvador Correia de Sá e Benavides. Data de então a fundação do primeiro templo, que foi dedicado a S. Salvador, e dos primeiros estabelecimentos ruraes. Em 1673 foi a povoação elevada a villa, tendo-lhe a fertilidade das terras e a excellencia dos climas attrahido grande copia de colonos.

Com a falta de descendencia de Gil de Góes, volveu a capitania á corôa, e d'ella teve então mercê o primeiro visconde d'Asseca, Martim Correia de Sá, filho de Salvador Correia de Sá e Benavides. Por vezes o povo teve de sustentar luctas contra os agentes e procuradores dos novos donatarios, que os opprimiam com pesados tributos sobre os generos de lavoura, que consistiam em algodões, assucares, aguardentes e cereaes; por vezes tambem entre os antigos gentios e os novos habitadores se travaram sanguinarias e demoradas pelejas, que felizmente terminavam ou com o afugentar os indigenas para o interior das terras, ou com reduzi-los a vida civil e religiosa, catechizados pelos jesuitas, e aldeiados em S. Pedro de Cabo Frio, Santo Antonio, e S. Fidelis de Campos.

Em 1741 annexou-se o districto de Campos dos Goytacazes á comarca da capitania do Espirito Santo; em 1752 a corôa portugueza desapropriou os donatarios, em attenção aos multiplicados queixumes e sublevações continuadas do povo contra elles. Em 1829 passou o territorio de Campos a fazer parte da provincia do Rio de Janeiro.

No anno de 1748, em que teve lugar um dos mais serios movimentos populares causados pelas vexações praticadas pelos procuradores dos donatarios, Sebastião da Cunha Rangel Coutinho, não tomando parte em favor do povo, e nem podendo approvar as medidas dos donatarios,

aproveitou-se da occasião, e se passou com sua familia para o Rio de Janeiro.

José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho seguiu com muito adiantamento e proveito seus estudos primarios e secundarios; mostrou aptidão, perspicacia e elevado engenho. Chegando á idade de vinte annos, o mandou seu pai viajar pelas capitancias de Minas Geraes e S. Paulo, na intenção de melhora-lo de saude, sendo até então de compleição fragil e morbida.

Sebastião da Cunha Rangel Coutinho falleceu em 1768; esta perda e a de sua mãe que a antecedêra, deram causa a que José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho deixasse o Brazil e se passasse para Portugal.

Foi a grande época da reforma da universidade de Coimbra. Reitor d'ella era o conde de Arganil, bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos de Faria de Azeredo Coutinho, parente seu. Levado dos conselhos d'elle, e de seu irmão João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, deliberou-se José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho a cursar as aulas da universidade.

Tão vasta nomeada de saber adquiriu, e reputação de vida tão exemplar, que, apenas formado em direito canonico, foi appresentado na cadeira de arcediago da cathedral do Rio de Janeiro, e, mezes logo depois, nomeado para o logar de deputado do Santo Officio de Lisboa. N'este importante emprego se houve com imparcialidade e moderação, e mereceu geral conceito.

Desde então começou a escrever uma serie importante de memorias sobre as mais arduas e espinhosas questões das sciencias moraes e politicas, a qual lhe deu nome no seu paiz e nos paizes estranhos. Pertencendo á Academia Real das Sciencias de Lisboa, na qualidade de socio effectivo, dedicava-lhe essas memorias, e a academia, movida, como era, pelo zelo das sciencias e desejo de propagação de todos os conhecimentos humanos, ordenava a sua publicação e as espalhava por entre o povo.

Que de serviços ás letras e ás sciencias não prestou a Academia Real das Sciencias de Lisboa, cuja criação se deve ao duque de Lafões! Que numero de homens instruidos não conteve em seu seio! O bispo de Coimbra, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, José Correia da Serra, Antonio Caetano do Amaral, Paschoal José de Mello Freyre, Francisco de Mello Franco (*), Alexandre Rodrigues Ferreira (**), João Pedro Ribeiro,

(*) Francisco de Mello Franco nasceu em 1757, em Paracatu, provincia de Minas Geraes. Foi medico e naturalista de grande talento e instrucção: publicou um tratado de hygiene, e diversas memorias, que lhe fazem muita honra. Escreveu diversas poesias agradaveis, algumas melancolicas do tempo de sua prisão nos carceres do Santo Officio de Lisboa; outras satyricas que lhe deram grande nomeada. Morreu em Ubatuba (provincia de S. Paulo) em 1823.

(**) Alexandre Rodrigues Ferreira, doutor em philosophia, e grande naturalista, nasceu na Bahia em 1756. Publicou tambem a academia diversas memorias suas sobre nações e costumes dos

João de Souza, João Antonio Dalla Bella, Francisco de Borja Garção Stockler, Francisco Vilella Barbosa (*), Francisco Dias Gomes, José Bonifacio de Andrada e Silva, Frey Gaspar da Madre de Deus (**), José Basilio da Gama, e tantos outros sabios ali se reuniam: publicou a academia importantes obras antigas, que jaziam no esquecimento, e memorias de subido valor, já sobre a historia, a chronologia e litteratura, já sobre as sciencias phisicas, politicas, mathematicas e naturaes.

Em 1794 foi José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho eleito bispo de Pernambuco, pelo principe D. João, regente de Portugal. Partiu para a sua diocese, accrescentando a seu importante logar as nomeações de director geral dos estudos, de governador interino da capitania de Pernambuco, e de presidente da junta da fazenda. Foi não só prelado de saber e virtudes, senão tambem governador habil e zeloso, tendo encetado immensas

gentios do Brazil, e sobre mineraes e plantas americanas, que lhe fazem immensa honra. Falleceu em Lisboa em 1814.

(*) Francisco Vilella Barbosa, marquez de Paranaguá, nasceu no Rio de Janeiro em 1769. Foi lente de mathematica da universidade de Coimbra, litterato, poeta e sabio muito conhecido: publicou obras scientificas e poeticas. Na época da independencia do Brazil, voltou á sua patria, foi senador do imperio, conselheiro de estado, e ministro por varias vezes; morreu em 1846.

(**) Frey Gaspar da Madre de Deus nasceu em Santos em 1730. Foi litterato de muitos conhecimentos: a Academia Real de Sciencias de Lisboa publicou uma obra sua importantissima, de factos e noticias historicas, sob o titulo de — Memoria para a historia da capitania de S. Vicente. Falleceu em 1802.

obras publicas, em prol do engrandecimento material da capitania: instituiu um seminario de estudos secundarios e ecclesiasticos no antigo collegio dos jesuitas; reorganizou a instrucção primaria, tornando-a mais uniforme e methodica, e sujeita á disciplina e direcção superior: creou um corpo de artilharia para defesa da praça; e melhorou as finanças da capitania, reduzindo as despezas publicas e fiscalizando a receita.

Desistindo em 1802 o bispo de Miranda e Bragança do seu bispado, o Principe Regente, em remuneração dos serviços que prestára em Pernambuco D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, chamou-o á metropole, e elegeu-o para aquella diocese, muito mais importante e rendosa: quatro annos depois, se passou para o bispado de Elvas do bispado de Miranda e Bragança.

Estava em Elvas quando foi Portugal em 1807 invadido pelos exercitos francezes, commandados pelo general Junot. D. José Joaquim de Azeredo Coutinho não desanimou, como tantos illustres Portuguezes, e nem se uniu aos inimigos do seu paiz; foi um dos poucos bispos que nas suas dioceses não recommendaram ás suas ovelhas obediencia ao general francez. O bispo d'Elvas não abandonou jámais os seus compatriotas; animou a reacção do paiz contra seus invasores, e concorreu para que os Portuguezes corajosamente saccudissem o estranho jugo. Quer durante a primeira invasão franceza de 1807, quer

durante a segunda e a terceira invasões, serviços os mais importantes — prestou ao seu paiz. Salvou da morte o tenente-coronel da artilharia Domingos Franco, condemnado pelo general francez Loison, conseguindo dar-lhe fuga; livrou Elvas do cerco que D. José Galuzzo lhe preparou, poupando-lhe os horrores que soffreram Evora, Leiria e Beja; e no meio dessa luta infausta o prelado, manejando sua eloquencia, abrasava os corações no amor e defesa da patria, e applicando suas virtudes evangelicas, restituia á religião o seu character e a sua innocencia. Que exhortações piedosas e patrioticas echoavam seus labios pelas abobadas dos templos! Que pastoraes eloquentes espalhava por entre o seu povo!

Todas estas grandes acções por elle praticadas foram publicas nas gazetas da época; os Portuguezes todos, quando livres se viram dos invasores que Napoleão contra elles enviára, reconheceram seus serviços elevados, e de uma á outra extremidade de Portugal foi seu nome coroadado de uma aureola de gloria: innumerous versos, descripções multiplicadas se espalháram em seu louvor e publico agradecimento.

Em 1816 coube o throno portuguez a El-Rey D. João VI, por fallecimento de sua mãe a rainha D. Maria I. O novo monarcha, logo que teve noticia de haver vagado a diocese de Beja, uma das mais pingues e rendosas de Portugal, apreciando as virtudes, serviços, e illustração de D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho,

elegeu-o para este bispado, superior em tudo áquelle de cuja posse estava o digno prelado. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho porém recusou aceitar a nomeação, realisada por carta de 22 de Janeiro de 1818. A sua diocese lhe era cara, o seu povo lhe merecia estima, e o bispo d'Elvas não quiz abandonar nem o seu povo, e nem a sua diocese.

D. João VI nomeou-o tambem, em 13 de Maio de 1818, para os cargos de inquisidor geral do reino, e presidente da junta do Estado, e melhoramento temporal das ordens religiosas.

A mesma superior intelligencia, o mesmo zelo dedicado, as mesmas virtudes apostolicas, empregou D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho nestes novos empregos que lhe confiára El-Rey. A mesma respeitosa reputação, a mesma universal estima, recebeu e conservou durante todo o tempo em que nelles servira.

A marcha do seculo manifestou-se em Portugal; cada época, se bem que recebendo das suas antecessoras factos, idéas e influencia, tem suas tendencias especiaes e suas proprias necessidades. As tendencias do seculo XIX, em todos os paizes, são as da democracia; é sua necessidade harmonisar e conciliar essas tendencias com as boas tradições do passado, e conservar umas com o auxilio das outras. O systema representativo parece ser o ecclectismo admiravel, que, ao passo que satisfaz as tendencias do seculo,

retem e aproveita o que ha de bom nas velhas instituições.

Em Portugal appareceu a repercussão das novas tendencias da época. Em 1820 teve lugar a proclamação do regimen constitucional.

Se a côrte portugueza, assustada na primeira invasão dos Francezes, teve de se retirar de Portugal, e de se recolher ao Rio de Janeiro, não lhe valeu a distancia para salvar-se da obrigação de aceitar a nova ordem de cousas que começava em Portugal.

El-Rey D. João VI, em 1821, e no palacio do Rio de Janeiro, expedio decreto, accedendo sem reserva á futura constituição que fizessem as côrtes portuguezas, e ordenou se procedessem em todos os seus dominios as respectivas eleições para deputados dellas.

Bastantes annos havia que D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho deixára sua patria, e longe, bem longe della, se estabelecêra e adquirira renome. A patria lembrou-se, e com razão, que esse renome e essa gloria que o cercavam pertenciam a ella tambem, a ella que fôra mãe, e que como mãe carinhosa folgava de jubilo com os triumphos do filho. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho foi o primeiro deputado que elegeu o Rio de Janeiro para as côrtes portuguezas.

Tomou assento n'ellas no dia 10 de Setembro de 1821. Não lhe era dado porém conseguir novos triumphos e nova gloria na carreira que

devia de encetar. A morte lhe roubou repentinamente a vida no dia 12 de Setembro de 1821.

Foi sepultado no capitulo dos padres de S. Domingos de Lisboa.

§ 2.º

Immensas são as memorias e escriptos de D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho; algumas juridicas se referem a questões que se suscitaram ácerca da competencia das dignidades, igrejas e beneficios dos bispados ultramarinos, e do direito do padroado da corôa e do padroado da ordem militar de Christo; outras canonicas, relativas ás obrigações espirituaes dos parochos, e que foram muito louvadas pelo papa Pio VII, a quem foram dedicadas varias pastoraes sobre diversos assumptos, e especialmente sobre a defesa do rei e da patria, que incumbia a todos os Portuguezes nas épocas calamitosas da invasão franceza.

Escreveu ainda, sob o titulo de—Informação (*)—um excellente trabalho, que comprehende os mais perfeitos esclarecimentos do estado politico, commercial, financeiro e litterario da capitania de Pernambuco, que por tantos annos administrára, quer no posto de governador inte-

(*) Informação dada ao ministro d'estado dos negocios da fazenda, D. Rodrigo de Souza Coutinho—Lisboa—1808.

rino, quer no exercicio do bispado; e sob diversos titulos (*) — outros trabalhos de não menor valor, historiando os differentes methodos do ensino primario e secundario, e estabelecendo as bases de um systema mais applicavel, desenvolvido e completo, do que os systemas de instrucção usados até á sua epocha, o qual elle determinára se cumprisse no seminario episcopal de N. S. da Graça de Pernambuco e nas escolas da capitania.

Quatro são porém as producções que lhe deram a maior nomeada.

Foi a primeira uma memoria relativa ao fabrico, commercio e preço do assucar (**). É um trabalho precioso e importantissimo. O autor descreve todo o processo, despezas e difficuldades do seu fabrico, mostra a necessidade do seu livre commercio, e pede a exoneração de seus direitos alfandegaes. Principios os mais luminosos de economia politica encerra esta memoria, e tanto mais ricos de instrucção, e denunciativos de elevados talentos, quanto escreveu que D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho em 1790, epocha em que a sciencia da economia politica estava ainda no maior atraso, lutando entre os systemas oppostos de Turgot, Colbert,

(*) Estatutos do seminario episcopal de N. S. da Graça da cidade de Olinda — Regulamentos de Instrucção primaria — Varias pastoraes — 1808 — Lisboa.

(**) Foi publicada em Lisboa em 1791.

Quesnay e Steward, e apenas parecendo haver fixado algumas regras e doutrinas em 1786 com o apparecimento da importante obra de Adão Smith. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho publicou esta memoria com o fim louvavel de esclarecer o governo portuguez, que tendia a monopolisar o commercio do assucar colonial, estabelecendo preço certo, ou taxa de venda, e prohibindo o livre transporte delle; e realisados foram seus intentos generosos, porque o governo o attendeu, e revogou aquellas deliberações, que em contrario mandára se cumprissem nos seus dominios.

A sua segunda producção importante foi um discurso recitado na Academia Real de Sciencias de Lisboa (*), pintando o estado das minas do Brazil. Previo o autor os grandes males que do emprego exclusivo á mineração de todas as forças do paiz, e mais ainda do pessimo systema de minerar, deviam resultar para o Brazil. Para D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho a mineração era fonte de riqueza publica; não constituia porém toda a riqueza nacional; a agricultura firmava mais os alicerces de futuros engrandecimentos, e para a agricultura convinha mais vantajosamente attrahir as forças do paiz.

A sua terceira producção obteve duas edições, e foi traduzida nas linguas ingleza e franceza.

(*) Foi publicado em Lisboa em 1804.

Wilberforce, tomando assento no parlamento Britannico, começou a prégar a necessidade da abolição da escravatura; estas novas doutrinas, que na Grãa-Bretanha conseguiram converter-se em lei, passáram os mares, e perturbáram de sobra todos os paizes, que, possuindo estabelecimentos coloniaes, estavam no uso de agricultura-los por intermedio de escravos.

Na Grãa-Bretanha a philosophia e a politica se davam braços para acabar com o trafico de escravos; a Grãa-Bretanha possuia marinha, que crescia quotidianamente, immensas colonias na India, que começavam a produzir generos identicos aos que se cultivavam nos estabelecimentos da America; a abolição do trafico, ao passo que causava o decrescimento da producção Americana, que, precisando de braços para rasgar suas terras, se via obrigada a pedi-los a Africa, e assim dava enxaças a mais extenso e proveitoso consumo dos generos coloniaes Britannicos, encerrava tambem por consequencia immediata o direito de visita e detenção de navios mercantes, e facultava por esse meio á Grãa-Bretanha pretextos para, sob a pretensão de perseguir o trafico, perturbar e atacar impune-mente todas as marinhas estranhas. Debaixo pois das vestes de philanthropia se encobriam na Grãa-Bretanha pretensões favoraveis a ella, e ameaçadoras de todas as mais nações Européas.

D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho escreveu uma memoria ácerca da abolição da

escravatura (*). Discriminou perfeitamente a questão religiosa e moral da questão politica. Aquella susceptivel era ainda de duvidas e opiniões diversas, tendo existido a escravatura desde o principio do mundo, e atravez todas as religiões. Esta em Portugal equivaleria a destruição e ruina total de todo o seu florente estado de riqueza presente e futura. Onde encontraria Portugal os necessarios braços para nas suas colonias não já sómente substituir os braços escravos existentes, senão ainda para augmentar a sua lavoura, e fazê-la progredir, com a applicação de forças ascendentes? Decidida ainda a questão religiosa e moral segundo as theorias dos inimigos do trafico, a questão politica continha tão graves elementos, que tornava-se unica e vital para as nações, que se não quizessem suicidar.

Esta importante memoria, escripta em estylo severo e nobre, e caracterisada por uma logica cerrada e por conhecimentos profundos, causou impressão na Europa, e mereceu ser traduzida e publicada em Londres e Paris: lida ainda na actualidade agrada e convence (**).

A obra porém prima de D. José Joaquim da

(*) Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos da costa d'África. 1.^a edição — Lisboa — 1791. — 2.^a edição — 1808.

(**) No Congresso de Verona, em 1822, quando se tratou da abolição do trafico, esta memoria foi apresentada pelos adversarios da Inglaterra, e seus argumentos oppostos aos pretextos dos Plenipotenciarios Britannicos. — CHATEAUBRIAND, *Extrait des Mémoires d'outre tombe.*

Cunha de Azeredo Coutinho, aquella, que revela com mais clareza os talentos subidos, que o ornavam, e a instrucção regular e solida, que possuia, é o — Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias (*) —, que mereceu não só uma traducção franceza (**), senão tambem que d'ella se occupassem as principaes gazetas e escriptos europeos (***)).

O auctor no seu prefacio abraça o elemento monarchico, e repelle todo o contacto de doutrinas democraticas. No desenvolvimento da obra apresenta os principios os mais sãos de economia publica, mostrando-se a par das ideas contemporaneas. Contém ella ainda as mais importantes noções historicas, estatisticas, politicas e commerciaes de Portugal, seus dominios, e com especialidade do Brazil.

A obra é dividida em tres partes: na primeira tratam-se os interesses que do Brazil pôde Portugal tirar; na segunda discutem-se aquelles, que tambem lhe podem vir das outras colonias, que possui na Azia e na Africa; e na terceira contrastam-se as conveniencias, que Portugal e as demais nações europeas se podem mutuamente conceder.

() Primeira edição é de 1802 — e a segunda de 1816.

(**) Pariz — 1816.

(***) *Décade philosophique, littéraire et politique* — n.º 22 — 1807 — *Monthly Review* — Agosto de 1803 — *Wiener Zeitung* de 1808. *Courier* de 1817 — London — Ferdinand Denis — *Hist. de la littérature portugaise* — Adrien Balbi — *Statistique de Portugal*. —

A primeira parte é interessantissima para o Brazil. O auctor descreve sua historia na occasião do descobrimento de Pedro Alvares Cabral, sua topographia e hydrographia, a fertilidade e riquezas do seu solo e dos seus mares, sua industria e população. É um dos quadros mais bem desenhados, já pelas illustradas ideas, e já pelo estylo severo e ao mesmo tempo eloquente.

« Ali, diz o auctor, § 3.º, o Indio, aquelle homem barbaro e selvagem, sem agricultura, nem industria, debaixo de um clima agradavel, e que o não incommoda, soberbo e altivo com a força e robustez do seu braço, sem mais vestidos do que aquelle que lhe deu a natureza, vive e dorme descansado, sem jámais se lembrar d'onde lhe ha de vir o sustento para o outro dia. O arco e a frêcha é toda a sua riqueza, é toda a sua industria. Assim vivem milhares e milhares de homens, sem trabalharem para comer, que parece nascerem só para gozar. »

Passa depois a enumerar todos os productos do solo, e aquelles que fabrica a industria; manifestando espantosa erudição de tudo o que encerra o seu paiz, — desde os reconditos sães que guardam os rios Sangrador, Freixos Grandes e Pirapitanga, na estrada que segue para o Matto Grosso entre os rios Cuyabá e Paraguay, e que facilmente se poderiam refinar para o consumo dos povos do interior do Brazil, aonde com tanta difficuldade e elevação de preço chega o sal maritimo, — desde a propriedade de todas as arvo-

res, e a descripção de todos os mineraes, — até a especificação de todos os peixes dos rios e mares costeiros, com o que muito se poderia desenvolver um commercio extenso e duradouro.

« Sem a industria — continúa o auctor — os fructos da terra não terão valor; e se a agricultura é desprezada, acabam-se as fontes da industria e do commercio; d'este mar immenso, que anima e sustenta milhões e milhões de braços no meio da abundancia, sem a qual tudo cahe na languidez, no ocio, no vicio e na miseria.

« Um grande commercio pede uma grande navegação; e como os proveitos da navegação procedem das sommas dos proveitos da agricultura e das manufacturas, segue-se que a navegação é um dobrado augmento de forças reaes, e relativas de um corpo politico. Tudo quanto uma nação ganha de uma parte diminue a potencia real e relativa das suas rivaes, e reciprocamente se augmenta de tudo quanto ellas perdem.

« A politica distingue tres objectos differentes na navegação — 1.º a occupação que dá ás gentes do mar que fazem o trabalho d'ella; — 2.º a construcção dos navios, que se deve considerar como fabrica; — e 3.º a utilidade que procura ao commercio pelo transporte das producções e das manufacturas.

« Um povo que deixa fazer por outros uma navegação que elle poderia fazer diminue outro tanto as suas forças reaes e relativas em favor das nações suas rivaes. »

Estas admiraveis ideas desenvolve D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, já com argumentos e raciocinios bem deduzidos, e já com exemplos da Grãa-Bretanha. Continúa. « A navegação em grande escala para um paiz que possui portos de mar é uma das suas principaes necessidades.

« A Inglaterra se tem feito formidavel a todas as nações da Europa, ainda as maiores do que ella duas vezes mais. Toda esta grandeza é o fructo do acto da navegação passado no parlamento em 23 de Setembro de 1660, ao qual os Ingleses ainda hoje respeitam como seu paladio; elle é cheio de tanta sabedoria e de tanta utilidade para animar e augmentar a marinha e o commercio da navegação, que pôde bem servir de regra para todas as nações maritimas. »

As citações que se acabam de apresentar manifestam a intenção do auctor; para elle Portugal e o Brazil devem ter grandes marinhas mercantes, devem animar a navegação, para o fim de augmentar o commercio e a agricultura, e preparar os elementos de seu poder e grandeza. Fortalece ainda estes principios estabelecendo a necessidade de se animar as pescarias, para se formar uma escola de marinheiros, pois que a pescaria foi sempre o primeiro berço em que se tem criado a marinhagem.

« De pouco ou nada serviria ter rios navegaveis e bons portos, si se estivesse desprovido de marinheiros e de gentes do mar. O ser marinheiro

é um officio, e um officio penoso de aprender; é necessario mocidade, força e robustez. Podem-se fazer recrutas de homens para soldados, mas não para marinheiros. Uma nação que não tem grandes pescarias não pôde ter grande marinha, nem mesmo um grande commercio. »

Acredita ainda o auctor que as pescarias no Brazil são o meio mais proprio para civilisar os gentios que habitam junto ás margens dos grandes rios e dos mares; que é esta a verdadeira doutrina da sua civilisação, e não a que se tem posto em pratica de principiar com elles por onde as outras nações acabam.

« A arte de governar, diz elle, é a mais sublime de quantas os homens tem inventado. A arte de pôr em acção a maquina de cada individuo consiste em pesquisar qual é a sua paixão mais forte e dominante. Achada ella, pôde-se dizer que está descoberto o segredo e a mola real do seu movimento. O Indio é naturalmente inclinado á pesca por necessidade e por gosto. Esta é a sua paixão dominante, e por consequencia a mola real do seu movimento; é por esta parte que se deve fazer trabalhar a sua maquina em beneficio commum d'elle e de toda a sociedade. »

Cita a este respeito opiniões de Lery, de Burlæus, e outros viajantes, e os costumes dos Goytacazes e Tamoyos, que tanto usavam nos mares territoriaes de vastas canôas. Acostumados os indigenas ás pescarias regulares, passarão

com facilidade a servir nas marinhas mercantes e de guerra; combate com força e criterio o que dizem Montesquieu e os sectarios do systema dos climas, provando o quanto valentes, energeticos e animosos são os indigenas do Brazil, segundo os testemunhos de todos os viajantes e escriptores.

Pelo que se tem analysado, se conhece a importancia e elevação politica d'esta obra. Estabelecendo o auctor principios firmes e incontestaveis, esforça-se de levar Portugal e o Brazil á maior prosperidade e grandeza, ensinando-lhes os meios por que podem e devem conseguir uma grande marinha, um vasto commercio, a mais vantajosa agricultura e a industria a mais activa, encerrando em si, como encerram, todos os elementos para occuparem os logares mais subidos nas escalas das nações, e se qualificarem no numero das mais ricas e poderosas.

Ah! Si estas vozes tivessem sido ouvidas! Si estes principios tivessem sido praticados!

Ainda mesmo que não se aceitem na actualidade algumas das opiniões emittidas no — Ensaio Economico — de D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, valor conserva esta obra, que é digna a todos os respeitos de ser lida, estudada e conservada nas livrarias dos litteratos e dos politicos.

Existem n'ella os elementos que asseguram duração a uma obra humana; vasta erudição, raciocinio forte, ideas elevadas, principios novos

e luminosos, methodo claro, vistas patrioticas, assumpto de maior importancia, e não sómente da sua epocha, mas de muitas epochas subsequentes, e estylo severo, breve e agradavel e ao mesmo tempo eloquente.



V

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

§ 1.º

O Coronel Bonifacio José de Andrada, domiciliado na Villa de Santos, da actual Provincia de S. Paulo, teve muitos filhos do seu matrimonio com D. Maria Barbara da Silva. Entre elles todos (*) sobresahio José Bonifacio de Andrada e Silva, nascido no dia 13 de Junho de 1765.

Foram seus primeiros estudos dirigidos pelo Bispo D. Manuel da Resurreição, que com todo o zelo e amizade o protegia: ainda nos verdes annos, e já se lhe conhecia intelligencia superior: rapida correu-lhe a instrucção secundaria; patenteava extrema aptidão pelas linguas estranhas;

(*) Patricio Manuel de Andrada e Silva, José Bonifacio de Andrada e Silva, Bonifacio José de Andrada e Silva, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, e Martim Francisco Ribeiro de Andrada. Estes dous ultimos muito se illustraram, além de seus serviços em prol da independência do Brazil, pelos seus talentos oratorios no Parlamento.

folgáva de saber a historia, de ler os poetas, e de estudar os philosophos. O bispo procurou insinuar-lhe o estado ecclesiastico, como o que lhe promettia futuro o mais brilhante; um requerimento se fez em seu nome, para o fim de ser admittido a tomar ordens.

Outros porém eram os designios da Providencia. O clero não conseguiu conta-lo no seu seio; no anno de 1783 foi José Bonifacio de Andrada e Silva mandado por seu pai para o Rio de Janeiro, de onde, passados poucos mezes, seguiu viagem para Lisboa.

Era para Coimbra que se dirigia, Coimbra, que acabava de ver reformada a sua universidade, tão ricca de instrucção, e tão gloriosa de reminiscencias. A familia de José Bonifacio de Andrada e Silva deliberou que elle seguisse seus cursos, e recebesse gráu universitario.

Sua mocidade passou-se em Coimbra entre os trabalhos e fadigas do estudo, e os folguedos e brincos de tão venturosa idade. No fim de seis annos tomou o gráu de bacharel formado tanto em direito canonico, como em sciencias naturaes ou philosophia natural, que era o titulo do gráu.

Terminados seus estudos, e retirado para Lisboa, foi recommendado ao duque de Lafões. Este erudito varão apreciou os elevados talentos de José Bonifacio de Andrada e Silva, e considerou a bem do paiz proporcionar-lhe os meios de desenvolvê-los. Fê-lo eleger socio da

Academia Real de Sciencias, e por proposta d'ella, nomear pelo governo portuguez para ir viajar a Europa como naturalista, na qualidade de pensionista do estado, e conjunctamente com outro illustre Brasileiro, Manuel de Arruda Camara. (*)

José Bonifacio de Andrada e Silva pagou com usura á Academia sua honrosa proposta. Antes de começar a peregrinação que lhe fôra destinada, escreveu importantes memorias, que offereceu á Academia Real de Sciencias, e que foram benevolamente aceitas, elogiadas, e mandadas publicar na collecção de seus trabalhos. (**)

Em 1790 deixou José Bonifacio de Andrada e Silva terras de Portugal. França, Inglaterra, Escossia, Allemanha, Suissa, Paizes Baixos, Suecia, Noruega, Dinamarca, Bohemia, Hungria, Turquia e Italia, tudo percorreu. Ouvio em Paris as lições de Lavoisier, de Chaptal, de Fourcroy, de Lourenço Jussieu e do abbade Hany; estudou em Freyberg com Abrahão Werner, o fundador de geognosia; entreteve estreitas relações com o conde Burgsdorf, monteiro mór das marcas de Brandenburgo, e distincto naturalista; seguiu os cursos scientificos de Alexandre Volta em Pavia;

(*) Sobre este Brasileiro vem nota na vida de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga. Foi um dos maiores naturalistas portuguezes.

(**) São d'essa epocha —1.º—Memoria sobre a pescaria da baleia, melhores processos da extracção do seu azeite, e grandes vantagens que d'ella resultam para Portugal e seus dominios,—2.º—Viagem minerographica pela provincia da Estremadura—3.º—Outras memorias, algumas das quaes mais tarde se publicaram.

os de Priestley em Hackney; os de Nicholson em Londres; os de Abilgaard em Copenhagen; os de Bergmann em Upsal; e os de Saluccio de Menusiglio em Turim.

Emquanto a Europa estremeceia sob o peso dos acontecimentos politicos, que tão cruelmente magoaram os ultimos annos do seculo XVIII; emquanto o mundo como que tomava nova face, já movido pelo estrepito horroroso da revolução franceza — e já espantado com os espectaculos novos e variados, por que passava; — emquanto por toda a parte se não tratava senão de guerra, — José Bonifacio de Andrada e Silva tinha unicamente olhos e pensamento para o estudo das sciencias; — para elle, e — só para elle applicava seus cuidados, e sua ambição!

Em todos os logares, por onde passava, deixava uma prova dos seus talentos. Imprimio nos — Annaes de Chimica de Fourcroy — duas interessantes memorias, uma sobre a historia, e as qualidades dos diamantes do Brazil, e a outra acerca do fluido electrico. Publicou nas gazetas Allemães de Dresda uma carta dirigida ao engenheiro Beyer, inspector das minas de Schneiberg, descrevendo os caracteres distinctivos dos mineraes — Akanthikon — Spodumena — Sahlita — Icthiophthalma — Cocolita — Aphrisita — Alochroyta — Indicolita — Wernerita — Petalita — Chsiolita — e Schapolita, que havia descoberto e analysado. Estampou na Revista Scientifica de Genova um esboço sobre as minas da Suecia, e com especiali-

dade sobre as minas de Uto, nas quaes descobrira a substancia mineral — petalita —, que contém segundo as opiniões de Berzeliuz e Arfwidson o alckali, appellidado na technologia chimica — Lithina — Enriqueceu o jornal de Freyberg com uma minuciosa descripção das minas da Salha, que foi immediatamente trasladada para as linguas ingleza e franceza.

Estes e muitos outros escriptos seus grangeavam-lhe nomeada pelos paizes que visitava: abriam-lhe relações com os sabios; chamavam-lhe a attenção dos governos; e davam-lhe entrada nas academias scientificas. Pertenceu ás Academias Reaes de Sciencias de Stockholmo, de Turim, e de Copenhagen; á mineralogica de Iena; á geologica de Londres; á werneriana de Edimburgo, á de historia natural de Pariz; á dos investigadores da natureza de Berlim, e á de physica de Genova.

Dez annos durou a peregrinação scientifica de José Bonifacio de Andrada e Silva! E — dez annos dos tempos criticos da Europa! — Dez annos, em que todas as nações se levantavam para lutar; — em que desde o Newa até o Guadalquibir, — desde o Dee até o golpho de Tarento — tudo eram levas de soldados — retinir de armas, — fogo de combates —, e ribombo de artilharia!

Incolume atravessou o viajante em busca da sciencia, sem que as guerras, os combates, as policias, e os governos, lhe causassem o menor obstaculo — Estrangeiro, nada tinha que julgar

no meio de dissensões politicas de outros povos — Homem da sciencia, nada lhe importavam os acontecimentos que em torno d'elle, por baixo talvez de seus passos, soavam como a tempestade.

No anno de 1800 regressou José Bonifacio de Andrada e Silva para Portugal. Tinha já reputação estabelecida. De fóra, — dos logares, — por onde viajara, — das nações estrangeiras, — voára o seu nome para Portugal, rodeiado de gloria. Seus trabalhos scientificos, e suas importantes viagens haviam-lhe fundado a nomeada com bases indeleveis.

Influindo no governo portuguez estava D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares (*),

(*) D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, nasceu na provincia de Minas Geraes, bem como seu irmão D. Domingos Antonio de Souza Coutinho, conde de Funchal, descendentes de familia illustre portugueza, e filhos de D. Francisco Innocencio de Souza Coutinho. D. Rodrigo foi diplomata portuguez por muitos annos em diversas côrtes da Europa; em 1796 chamado de Turim, aonde se achava, para Lisboa, tomou conta da pasta da marinha e ultramar; passou-se depois para a repartição da fazenda e estrangeiros: acompanhou a côrte portugueza para o Rio de Janeiro, quando teve logar a primeira invasão franceza, conservando sempre o posto de ministro d'estado. Além de outros serviços, que prestou ao Brazil, commemora-se a creação da academia militar do Rio de Janeiro, composta de quatro ramos scientificos, sciencias mathematicas, sciencias militares, sciencias naturaes e desenho; a creação da Academia Medico-Cirurgica; a do Arsenal de Guerra; a da Fabrica da Polvora; e a de quatro Jardins Botanicos nas principaes capitancias do Brazil. Morreu no Rio de Janeiro em 1812.

O conde de Funchal foi tambem varão de muita erudição litteraria; seguiu a carreira diplomatica, e representou com honra

varão de grande illustração litteraria e scientifica, e estadista distincto: era então ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar. O seu primeiro cuidado foi crear duas novas aulas na universidade de Coimbra, annexas á faculdade de philosophia natural, uma de metallurgia e outra de geognosia, para cuja regencia nomeou José Bonifacio de Andrada e Silva. Querendo patentear-lhe mais ainda a importancia que lhe merecia, obteve-lhe nomeação de intendente geral das minas, e logo após a de desembargador da Relação do Porto.

Dactam d'esta epocha os importantes serviços que á Portugal prestou José Bonifacio de Andrada e Silva. Afóra seus trabalhos judicarios e do professorado, que religiosamente cumpria, entregou-se a outros, em que o occupára o governo portuguez. Encarregado da importante obra do encanamento do rio Mondego, deu conta d'ella, de modo a merecer unanimes elogios. Incumbido de dirigir as sementeiras e plantações nos areaes das costas de Portugal, começou pelas do Couto de Lavos, cujas terras de lavoura corriam constante perigo de ser alagadas e submergidas pelas areias do mar. Esta sementeira começou no 1.º de Janeiro de 1805; teve porém de cessar logo que a primeira invasão dos Francezes arrancou

o governo portuguez em diversos paizes estrangeiros: recusou substituir seu irmão no ministerio de estrangeiros; falleceu em Pariz, representando sua côrte.

os cuidados dos Portuguezes das empresas pacificas para os chamar para o campo da guerra. Tão sabiamente fôra plantada a sementeira do Couto de Lavos, que unica prosperou e vingou, das muitas que encetára o governo portuguez em Vieira, Aveiro e Ovar.

Além d'isto existiam em Portugal immensas minas de chumbo, de ferro, e de carvão de pedra, exploradas antigamente pelos Romanos, e entretanto inteiramente desprezadas pelo povo, e desconsideradas pelo governo. José Bonifacio de Andrada e Silva chamou a attenção do governo e do povo para um tão importante e tão necessario meio de engrandecimento e de riqueza do paiz: uma por uma elle as percorreu e analysou. Descreveu perfeitamente em uma interessante memoria, que offereceu em 1809 á Academia Real de Sciencias de Lisboa, e que se publicou posteriormente em 1813, as minas de carvão de pedra existentes em Portugal, e com particularidade as do Porto e Buarcos. Leu em sessão publica da mesma academia outro trabalho de não menor importancia sobre a nova mina de ouro do Tejo, chamada—Principe Regente—(*). Apresentou-lhe ainda duas memorias, uma acerca do terreno metalifero comprehendido entre os rios Zezere, e Alva, e outra patenteando os immensos veios de chumbo que se encontram

(*) Ambas estas memorias foram publicadas na mesma collecção, a primeira em 1816, e a segunda em 1818.

em diversos pontos da provincia de Tras-os-Montes (*).

No meio d'estes e tão interessantes trabalhos o veio encontrar a invasão franceza commandada pelo marechal Junot. Napoleão ambicionava o dominio do mundo, e este canto de Portugal servia de apoio a seu maior inimigo; convinha-lhe arranca-lh'o. Marcharam os seus exercitos, e o primeiro impeto foi o da victoria, como soe continuamente ser o dos Francezes. O rey e a côrte fugiram para o Brazil. Ficou Portugal abandonado aos proprios esforços do povo. Desde logo teve de curvar-se ao governo do marechal Junot.

Como D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, como o visconde de Azurára (**), como muitos illustres portuguezes, José Bonifacio de Andrada e Silva se não sujeitou ao jugo francez. Logo que raiou no horisonte opportuna occasião de se levantarem os Portuguezes, e de expellirem os invasores do seu paiz, José Bonifacio de Andrada e Silva correu a seu posto. Em Thomar, aonde estava, reuniu a mocidade portugueza, marchou com ella para Coimbra, annexou a si os estudantes da universidade, e secundou os esforços da tropa aguerrida com o auxilio de um batalhão de moços

(*) Foi publicado este trabalho na collecção de Memorias da Academia Real de Sciencias de Lisboa em 1815.

(**) Sobre este illustre Brasileiro, nascido em Pernambuco, muito poucos dados possuímos; sabemos apenas que foi secretario da regencia portugueza, na ausencia d'ElRey D. João VI.

que elle organisára, e que commandava na qualidade de chefe.

Derrotados os Francezes e assignada a capitulação de Cintra, foi José Bonifacio de Andrada e Silva nomeado intendente da policia da cidade do Porto. Era emprego de confiança, e de elevada importancia. Cumpria unir as necessidades da politica com as exigencias da clemencia; não admittir a perseguição como meio de governo; reunir e conciliar as diversas fracções em que se dividira Portugal, com a invasão dos Francezes, e conseguir chama-las todas para um centro commum, proveitoso e necessario ao paiz. Estes resultados beneficos foram conseguidos por sua administração.

Acabadas de uma vez as luctas com os Francezes, deixou José Bonifacio de Andrada e Silva a cidade do Porto e regressou para Coimbra. Ali —perto da cidade—arrendára uma quinta, aonde fazia seus ensaios botanicos, e gozava das doçuras de uma vida tranquilla.

Em 1812 foi eleito secretario da Academia Real de Sciencias de Lisboa, succedendo ao sabio abbade José Correia da Serra.

Continuou com seus estudos e suas memorias. Publicou as excursões geognosticas aos montes Euganeos no territorio de Padua (*), obra que mercede a consideração dos naturalistas, porque apresenta muitos factos novos, e finissimas obser-

(*) Publicada em 1812.

vações acerca da natureza, e producção d'aquelles terrenos. Escreveu uma memoria sobre a metallurgia e geographia dos antigos (*), outra sobre o melhoramento dos paús para seu aproveitamento e cultura (**), uma introducção aos elementos de metallurgia (***), um compendio de montanistica, geometria subterranea, e docimasia metallurgica (****), o testamento metallurgico (*****), e uma descripção dos processos e manipulação das minas d'ouro: trabalhos todos que demonstram sua vasta erudição, e profundos conhecimentos scientificos.

Nomeada extensa havia já adquirido na historia das sciencias; dobrou-a com uma memoria ainda hoje lida e apreciada sobre a necessidade e a utilidade do plantio de novos bosques em Portugal, particularmente de pinhaes nos areaes de beiramar, seu methodo de sementeira, costea-mento e administração. Apenas publicada em 1816, foi immediatamente traduzida para diversas linguas estranhas.

Seu emprego de secretario da academia o obrigava a funcções litterarias. Escreveu muitas me-

(*) Publicada em 1815.

(**) Publicada em 1815.

(***) Publicada em 1816. Acham-se todas nas collecções das Memorias da Academia Real de Sciencias de Lisboa.

(****) Começou-se á publicar em Lisboa em 1816; foi porém pela censura prohibida a continuação, por ir de encontro a algumas opiniões theologicas.

(*****). Não se publicou. Existe o manuscripto na bibliotheca do Rio de Janeiro.

morias litterarias, e analyses criticas (*), que apresentava a academia, e com que patenteou excellencia de estylo e muita erudição.

Viveu José Bonifacio de Andrada e Silva em Portugal até o anno de 1819. As sciencias e as letras haviam sido sua unica paixão — ás letras e ás sciencias dedicára sua vida. Nome tão illustre, e tão glorioso era o seu, que Adriano Balbi, escrevendo em 1820 o seu Ensaio Estatistico acerca de Portugal, o qualifica uma das suas maiores notabilidades scientificas e litterarias.

Em 1819 se lhe avivaram as saudades do Brazil, — do Brazil — que desde a idade de dezoito annos não vira — Requeru e obteve licença para deixar Portugal, dirigir-se para o Brazil, conservando todas suas honras.

§ 2.º

Retirado José Bonifacio de Andrada e Silva para o Brazil, segunda phase enceta sua existencia: não já de repouso e de descanso, como soem ser as occupações scientificas e litterarias; porém

(*) Escreveu — Ensaio da historia contemporanea —, que contém muitos factos historicos dos tempos das invasões francezas em Portugal — Elogios historicos de alguns reys de Portugal, particularmente de D. Maria I — Analyses criticas dos poetas e mais escriptores da epocha, que submettiam suas obras ao juizo da Academia Real de Sciencias.

de actividade, de paixões, de enthusiasmos e de trabalhos corporaes.

Ainda no primeiro anno da sua residencia se occupou na provincia de S. Paulo com uma excursão em demanda de terrenos metaliferos; descobrio diversos novos mineraes, e varias qualidades de ferro magnetico, vermelho, micassio, brunio, octaedrico, hematitico e especular. Escreveu em francez, e em allemão, descripções d'elles, e remetteu-as para as academias de Pariz e de Berlim, que as publicaram immediatamente. (*)

Pouco tempo porém depois lhe foi necessario abandonar inteiramente a vida socegada do naturalista. Os acontecimentos politicos do seu paiz tomaram character tão complicado, que attrahiram as attentões de todos os Brasileiros.

Portugal havia accitado o regimen constitucional, e nomeado côrtes para tratarem dos publicos negocios. ElRey D. João VI se retirára para Lisboa, deixando no Rio de Janeiro seu filho primogenito o principe D. Pedro, na qualidade de regente do Brazil. As côrtes portuguezas, no intuito de subordinar mais fortemente o Brazil a Portugal, ordenáram por decretos de 29 de Setembro de 1821, que ficassem extinctos os tribunaes da chancellaria e do thesouro, a junta do commercio, e varias repartições centraes que

(*) Journal des Mines de Paris — 1821 — Naturalische Annalen — Berlin — 1821.

ElRey D. João VI estabelecêra no Brazil, quando o elevára em 1815 á cathegoria de Reyno; e por outro decreto de igual dacta que o principe D. Pedro regressasse a Portugal.

Foi geral o descontentamento dos Brasileiros, e unisono seu grito de guerra. José Bonifacio de Andrada e Silva se collocou á frente do movimento. Bateu-lhe de rijo o patriotico coração. Desamparou casa e familia. A junta provincial se reunio em S. Paulo em 24 de Dezembro de 1821. Foi José Bonifacio de Andrada e Silva o vice-presidente. A' sua voz adheriram todos. Uma representação redigio em nome da junta, dirigida ao principe regente, na qual se lhe imploráva a graça de suspender sua viagem para a Europa, e de se conservar no Brazil. José Bonifacio de Andrada e Silva veio em pessoa ao Rio de Janeiro trazer ao principe regente esta representação. Este primeiro passo encontrou apoio no povo do Rio de Janeiro, e no de Minas Geraes. O principe regente acquiesceu aos desejos dos Brasileiros, unio sua causa á causa d'elles, sua gloria á gloria d'elles, e sua historia á historia do Brazil. (*)

(*) Convém aqui commemorar os nomes dos principaes Brasileiros, que concorreram para a independencia do seu paiz. Além de Jose Bonifacio de Andrada e Silva, prestaram relevantissimos serviços, José Clemente Pereira, actual senador do imperio, con-elheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, conselheiro Joaquim Gonçalves Ledo, conego Januario da Cunha Barboza, conselheiro José Joaquim da Rocha, conselheiro José Marianno de

José Bonifacio de Andrada e Silva foi nomeado pelo príncipe regente em nome de seu pai ministro e secretario d'estado dos negocios do reyno e dos estrangeiros.

Era trabalhosa a nova empreza. Crear uma nação não é o mesmo que seguir tradições. Crear instituições não é o mesmo que desenvolvê-las. O Brazil estava dividido em provincias; algumas se haviam declarado pelo governo das côrtes portuguezas, e preferiam obedecer-lhes; outras se conservavam timoratas e assustadas. Primeira necessidade era centralisar a força do paiz inteiro, para dirigi-la convenientemente.

O novo governo ordena que cada provincia mande ao Rio de Janeiro um seu representante para formar o conselho do príncipe regente. Apareceram unicamente representantes de S. Paulo, Minas Geraes, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Em Pernambuco lavrava a guerra civil. A sanguinaria lucta da Bahia entre as tropas portuguezas commandadas pelo general Ignacio Luiz Madeira, e o povo, que abandonando a cidade, se retirára para o sertão, apresentava deploraveis scenas.

O príncipe regente provou superior actividade; visitou a provincia de Minas, e dissolveu o governo provisório, que se recusara a annuir á vontade popular. Regressando ao Rio de Janeiro, tomou

Azeredo Coutinho, e conselheiro Luiz Pereira da Nobrega de Azeredo Coutinho.

o título de Defensor perpetuo do Brazil: lavrou em 3 de Junho de 1822 decreto convocando Assembléa Constituinte e Legislativa do Brazil, composta de deputados das provincias. « Sem côrtes—dizia o principe a seu pai em carta de 21 de Maio—o Brazil não póde ser feliz: leis feitas a tão grande distancia por homens que não são Brasileiros, e que não conhecem as necessidades do paiz, não podem ser boas. O Brazil está na adolescencia, e vai desenvolvendo maior vigor. »

As côrtes portuguezas não souberam que difficulosíssimo sinão impossivel é destruir factos consumados, quando já enraizados: consideráram que remessas de forças portuguezas curvariam o Brazil aos seus decretos. A guerra tornou-se declarada; o principe soube sustentar seu posto. Os acontecimentos politicos tem causas e resultados necessarios. De reyno unido tornou-se o Brazil reyno independente. A guerra entre o governo das côrtes e o do principe regente sellou este resultado, tão glorioso para o Brazil. O grito da independencia foi dado pelo principe regente nos campos do Ypiranga, no dia 7 de Setembro de 1822, e por toda a parte desde o Prata até o Amazonas, encontrou echo no povo Brasileiro. Houve ainda guerra por alguns annos com Portugal; mas por fim cessou a guerra, e o Brazil cantou victoria, no Maranhão, na Bahia, em Pernambuco, no oceano, em toda a parte em que medio suas forças com as forças de Portugal.

O Brazil se elevou á cathegoria de Imperio, e o principe regente subio ao throno como seu primeiro imperador. Foi sua opinião e desejo rodeiar sua nova realesa com a força popular; chamar em torno de si representantes do paiz, e tornar o elemento democratico base da primeira monarchia Americana.

Ordenou o imperador que em todo o imperio se procedesse a eleições de deputados, cuja missão seria a feitura de uma constituição politica destinada a reger o paiz: em paz e socego elegeram seus mandatarios as provincias, seguindo o numero com que cada uma se devia representar na assembléa denominada Constituinte.

No dia 17 de Abril de 1823, se reuniu esta assembléa, contando cincoenta e tres deputados.

Eram as premicias do systema representativo. Para seu regimen passára o Brazil como que inopinadamente. Ao jugo colonial succedêra um como que governo patriarchal, em que influíam os condes de Linhares e da Barca. As côrtes de Portugal pretenderam um impossivel que era faze-lo regressar aos tempos coloniaes. A independencia do paiz foi resultado de tão desarrazoada pretensão. E como os principios constitucionaes corriam então o mundo, e seduziam os animos, anciava o Brazil abraça-los com a sua independencia.

Erros porém, e alguns bem fataes, deviam de ser consequencias da falta de educação politica para a verdadeira comprehensão das novas insti-

tuições. Erros commetteram todos os homens e todos os partidos ao encetar os trabalhos parlamentares no Brazil.

Em politica não consiste a difficuldade em destruir um governo, mas sim em constituir outro novo; bellos são por sem duvida os dias do triumpho; succedem-lhes porém depois os embaraços, e menos difficultoso é vencer do que manter-se e sustentar-se: o successo é pela mór parte das vezes effeito da surpresa; — a duração unicamente constitue o que é vida e o que é força.

Depois da victoria dividem-se e subdividem-se os animos; o fim a que todos se dirigem póde ser identico; os meios para consegui-lo importam as differenças e as opposições.

José Bonifacio de Andrada e Silva representava a facção democratica do partido da independencia; o ministerio era por elle dirigido e dirigia a nação toda. Emquanto se luctava pelo paiz contra o dominio das côrtes portuguezas, não haviam divisões, nem rivalidades, e nem opposições ao ministerio. Marchavam unidos os Brasileiros, almejando todos o mesmo resultado, e applicando cada um na orbita dos seus direitos os meios da resistencia e da força que eram necessarios na circumstancia.

Conseguida a independencia e acabada a lucta, os meios de governo eram mais intellectuaes do que materiaes. Tratava-se de dotar o paiz com novas instituições. Uma organização politica se

não improvisa. O dominio de um só, em identicas circumstancias, torna-se difficil e critico. É consequencia infallivel o nascimento de uma opposição que para existir e medrar levanta a bandeira de principios oppostos áquelles que abraçam seus adversarios.

Abrio-se o parlamento Brasileiro, e divisões e partidos se desenharam com o enthusiasmo proprio dos climas intertropicaes. O ministerio, á cuja frente se achava José Bonifacio de Andrada e Silva, encontrou opposição decidida e robusta, si bem que representada pela minoria dos deputados.

Esta opposição exigia na feitura da nova constituição uma monarquia forte e centralisada, e accusava o ministerio de abraçar tendencias democraticas; José Bonifacio de Andrada e Silva, fallou por vezes, e provou que a natureza o dotára tambem com talentos oratorios.

A lucta foi animada. As doutrinas se desenvolvêram a descobrir e discriminar dous partidos principaes. Ambos queriam a monarquia; um a pretendia rodeiada de elementos democraticos, concedendo-se sómente ao imperador o que lhe parecia ser devido: era o partido representado pelo ministerio, que collocava a base de toda a soberania no povo. O outro que se ostentava em opposição, considerava preferivel para seguridade e garantia de vida da nação uma ponderação de elementos e poderes, de modo a existir monarquia centralisada, e com prerogativas

proprias e indeclinaveis, limitada apenas em certos casos pela demonstração legal do voto do paiz, sendo tanto soberania a corôa, como o povo.

O imperador julgou prudente demittir seu ministerio e organizar outro, que podesse conciliar os animos. Os ministros haviam sido administradores energicos e excellentes nas arriscadas crises; n'ellas haviam prestado os mais relevantes serviços; mas passados esses tempos, julgava o imperador que conviria fazer-lhes succeder a calma e o repouso, e sanar, harmonisar e consolidar os espiritos, o que não poderiam facilmente conseguir aquelles que se haviam envolvido nos mais graves acontecimentos; desejava que fosse a epocha de tendencias medias, si bem que sempre sustentando os principios de governo, e continuando no seu pacifico e regular desenvolvimento.

José Bonifacio de Andrada e Silva, demittido no dia 17 de Julho de 1823, deixou-se arrastar pelos eloquentes arrebatamentos de seu irmão, o deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, e apoiou com sua influencia uma guerra desesperada e violenta, que ao novo ministerio dirigio immediatamente o seu partido.

Esta opposição reunio e absorveu todas as fracções democraticas do paiz. A qualquer ligeiro acontecimento, ao mais pequeno acto do ministerio, abandonava-se a feitura da constituição, e a assembléa se convertia em um campo desagradavel de combate e lucta.

D. Pedro I se persuadiu que dissolvendo a

Assembléa Constituinte, deportando para fóra do imperio os principaes oppositores do governo, e concedendo ao Brazil uma constituição politica sem o assenso ou audiencia de Assembléas populares, acabaria com os partidos, e levaria o paiz ao engrandecimento e prosperidade que tanto anhelava.

A Assembléa foi com effeito dissolvida no dia 12 de Novembro de 1823; José Bonifacio de Andrada e Silva e seus irmãos e amigos foram presos, embarcados na charrua de guerra—*Luconia*—, e deportados para a França.

Si o imperador conseguiu organizar uma constituição, outorga-la ao paiz, e faze-la abraçar por todo o imperio, todavia os elementos democraticos que appareceram depois da independencia, se manifestáram na assembléa constituinte, e mesmo se introduziram na feitura da constituição, mais ou menos embaraçaram a marcha posterior das instituições, e por vezes lhe causaram sobresaltos.

Durante a vida politica patenteára José Bonifacio de Andrada e Silva grandes qualidades quando appareciam crises arriscadas em que se necessitava de vigor e energia;—em que a sociedade devia mover-se com um só impulso;—em tempos bonançosos porém, e desaparecidas as crises, seu vigor e energia não serviam; faltavam-lhe a precisa moderação e prudencia para, com o abandono das ideias absolutas e exclusivas, aceitar a sociedade com todas as suas bellezas e seus defeitos,

estabelecer campo intermediario que servisse de refugio a todas as opiniões moderadas que deve aceitar um governo, e não entregar-se todo o poder a um partido extremo, que no seu interesse, e não no do paiz, abusa da força que lhe é confiada.

Si José Bonifacio de Andrada e Silva commetteu graves erros—já quando ministro adoptando como seu um partido extremo, e extremo democratico, elle ministro de uma monarchia, —já quando chefe de opposição, e fóra do poder, combatendo o governo de modo a diluir-lhe os fundamentos e a tirar-lhe a força moral de que todo o governo carece,—e particularmente um governo que nascia de uma revolução, e que guarda portanto em seu seio vestigios de sua origem desorganizadora;—erros commetteu tambem D. Pedro I, empregando a arma da violencia, que apenas presta força momentanea, e estraga a propria mão que d'ella se serve.

A dissolução da Assembléa Constituinte, e o exilio e prisão de muitos de seus membros, si bem que reparados pela outorga da constituição, e pelo character benefico e cavalheiroso de D. Pedro I, trouxeram-lhe comtudo dissabores e fataes consequencias.

E todos estes erros atrasaram o paiz, que entretanto guarda indelevel memoria do seu primeiro monarcha, e dos seus primeiros homens politicos, porque reconhece que eram todos animados

pela ambição de o elevar á maior prosperidade e grandeza.

Com o seu exilio finda a segunda phase da vida de José Bonifacio de Andrada e Silva; a primeira fôra toda dos prazeres e do descanso, das sciencias e do repouso; a segunda phase foi activa e tormentosa, de emoções e de desassocego.

Voltára á sua patria na intenção de revê-la; voltára á sua patria na intenção de respirar ainda seu ar puro, e de saudar seu magnifico céo; queria no meio dos seus viver os ultimos dias, e os ultimos annos da existencia, já que tantos dias e tantos annos havia residido em estranhos e distantes paizes.

Sua patria porém precisou d'elle; e lhe foi de mister adoptar o viver do politico; collocar-se á frente de uma revolução, doma-la e guia-la ao seu fim; organizar emfim um paiz todo novo, e assim tornar da historia d'esse paiz a sua propria historia.

E apenas quatro annos pôde conservar-se na sua patria!

Havia sido na Europa uma das primeiras notabilidades scientificas; foi no seu paiz a primeira notabilidade politica.

§ 3.º

José Bonifacio de Andrada e Silva se retirou para as visinhanças da cidade de Bordeos, a fim de

ali descansadamente passar o tempo do seu exilio. Procurava os entretenimentos do espirito. Longe da patria, aonde pretendera acabar os dias ultimos da vida, vagava-lhe o pensamento com saudades d'ella.

A poesia veio em seu soccorro lhe encurtar o tempo dos seus penares. A sciencia o occupára na mocidade, quando o viço e as forças o sustentavam. A poesia o entreteve na velhice, quando cansado o corpo aspirava o repouso.

Nada ha como a proscricção para descobrir os mysterios do coração humano; basta que a intelligencia se concentre no seu pensar para que harmoniosas vibrem as cordas da harpa celeste, que reside n'alma: a poesia apparece sempre magestosa e sublime nas amarguradas e solemnes horas do exilio: é o anjo que esvoaça em torno, alimentando as saudades da patria com o balsamo suave e resignado da religião: é o cysne que solitario e bello, melancolico e amoroso, corta as aguas do lago, e como que prantêa a ausencia da companheira: a agua do rio que corre placidamente, o vento que susurra nas palmeiras, o cantico que a ave agreste das solidões echoa, como echoou nos primeiros dias da vida, na idade infantil: tudo é poesia no exilio, porque a imaginação se perde na eternidade, o pensamento voa, e o homem se não prende á terra senão pelo vinculo da dôr saudosa dos passados prazeres.

José Bonifacio de Andrada e Silva adquirio mais no exilio um titulo de gloria, que é o de

Poeta,—não poeta mediocre,—de vãos terrestres; mas poeta de subido estro, de imaginação brilhante e de doiradas visões:—poeta de força e de riqueza de pensamentos, de doçura e de elevação de ideias, de facilidade e de harmonia de metificação.

A's vezes entregava-se aos magicos e melancolicos accentos do amor, e pintava-os na sua velhice, como as reminiscencias do pensamento e as saudades do passado: todos os objectos que presenciavam seus olhos, lhe affiguravam outras tantas memorias ternas e melodiosas do que vira e sentira. A imaginação lhe creava um mundo, com o qual se entretinha seu pensamento esquecido da realidade que o cercava.

• Vós me nutris os ternos pensamentos,
Quando á sombra das arvores copadas,
Sombrios vales frescos,

A redea inteira solto á phantasia!

De belleza em belleza divagando

Sofrega a mente se me vai nos olhos:

Depois meiga saudade

Manso e manso do peito se apodera...

Tudo o que vejo então me pinta Eulina!...

• • • • •

Vês aquella violetta, que goteja

Das folhas frio orvalho?...

Os olhinhos de Eulina maviosos

Cheios de mil amores, mil feitiços

Me pinta lagrimosos,

Quando ella dos meus brincos se agastava.

• • • • •

Os recentes jasmims vivos debuxam

Os dentinhos de Eulina, que sorria
 Aos humildes meus rogos.

Então as vivas faces delicadas
 Si com os beijos meus os seus tocava,
 Sorrindo pudibunda
 Ah! que eram duas rosas orvalhadas!

Desentrançadas as madeixas de oiro,
 Que ondêam sobre o colo cristalino,
 Meneando com graça o corpo airoso,
 Inda mais bella, que as Napeas bellas,
 Quando as arestas do ondejante trigo
 Não folguedo nocturno
 Em rapida carreira apenas tocam!

Parece que a estou vendo!
 Qual zefirinho meigo
 Que as espigas açoita levemente;
 —Assim lhe vai tremendo o eburneo colo,
 Assim os lacteos pomos buliçosos,
 Brincos dos cupidinhos,
 Docemente vacillam,
 Quando entre as flôres nova flôr passeia!

Dir-se-iam inspirações apaixonadas de Sapho,
 ou doçorosas endeixas de Bernardim Ribeiro, ou
 melodicos suspiros de Thomaz Antonio Gonzaga:
 ha n'estes versos tanta harmonia de pensamentos,
 suavidade tão deliciosa de ideias, que o coração
 do poeta se expande como a flôr, e se manifesta
 como o perfume da baunilha: e á travez as vestes
 diaphanas do metro, por detraz do colorido poe-

tico, se deslumbra o carpir da saudade real e profunda, e o gemido doloroso do exilio, que cruelmente o peito lhe traspassam.

Às vezes dirigia suas ideias para o epicureismo; deixava correr a sorte e voar o destino, e tomando vãos anacreonticos, exclamava indifferente!

« Moço, bebamos: enche o copo, — bebe.

Já novas rosas novo aroma espargem.

Eia, ligeiros, ao jardim desçamos,

De Nise asylo.

Outra vez quero renovar amores,

A Philoméla acompanhando a lyra.

Que gema Nise, como aquella geme,

Entre meus braços.

No canto escuro do rosal cheiroso

A Baccho briude, como aqui lhe eu brindo;

Brinde aos amores, que co'as rosas voltam,

E com ellas brincam.

A vida acaba; — muda-se a fortuna,

Que bens e males sem juizo espalha;

Os que hoje existem, amanhã não vivem;

Amemos hoje. »

Em outras occasiões dedicava odes á virtude e á amizade, como as unicas companheiras do seu exilio, e alivio de seus males. A tristeza o acompanhava sempre; por cima de seus versos como que esvoaçava melancolica e perpetua nuvem que lhe escondia os alegres pensamentos: descobre-se continuamente a dôr que o opprime e o suffoca! Como enganar-nos, quando diz:

« Oh! doce paz! Sagrada liberdade!

Unicos bens do sabio!

Os idolos da terra
Não vos conhecem. — Vós dormís tranquillos
No seio da amizade. »
Si logo apóz accrescenta :
« Emquanto na esquentada phantasia
Creando occos phantasmas
Freneticos humanos
Suspiram por privanças e quimeras,
Que os sustos envenenam :
Nos campos innocentes, onde brincas
Zephiro prazenteiro,
O sabio solitario
Ri d'esses doidos — ri do velho mundo
Com o discreto amigo.
Si sisuda tristeza lhe bafeja
Com halito empestado
Beijando a cára amada,
Em quem moram cupidos cento e cento,
Inveja faz aos deuses.
E lá quando do negro throno estende
O plumbeo sceptro a noite,
Sobre o cansado globo,
Sentado com o amigo á parca mesa,
Conversa ledamente.
Umaz vezes sondando altos mysterios,
Vedados á vil turba,
Deixando o peso inerte,
Nada no espaço immenso, os globos pesa,
Milhões de sóes encara.
Outras vezes baixando á humilde terra,
Contempla a natureza ;
As douradas espigas,
Que os prados vestem de fermosas coifas,
Observa e enternece. »

Si n'estes canticos apparecem apenas melodia

sonora e um sopro de melancolia; si n'elles está o poeta como que preso, e se esforçando unicamente de achar lenitivo a seus males, com lembranças de um passado que já acabára, e não devia mais voltar; — outros canticos escreveu elle, altivos, entusiasticos; livre lhe correu o pensamento, livre e franca a musa, e livre e ousada a inspiração. Quanto é bella a sua ode ao poeta desterrado! Que riqueza de imaginação! Que fogo de entusiasmo! Que pureza de linguagem! Que poesia maviosa e terna, elevada e sublime!

« O' lyra Brasileira, que inspiravas,
 Com teus hymnos, no peito amor de glorias!
 Tu que o pranto da esposa suspendias,
 Quando ausente o guerreiro;
 Ora do triste Vate no desterro
 Já não accendes de Mavorte o fogo:
 Nem cantas os tropheos da patria amada
 Com magica harmonia.
 Fica pois, lyra inutil, pendurada
 De secco ramo; ou temperada agora
 Em tom mais brando, vai soar tristonha
 Em acanhado estylo.
 Ah! Não digas, ó Zoilo, mal do Vate,
 Si procurando lenitivo á magoa,
 Sob a copada rama solitario,
 Enseja amor na lyra.
 Um mavioso coração afflicto,
 Que abandonado em terra estranha geme,
 Á qual recorrerá propicio nume,
 Si não a Venus meiga?
 Ah! Não digas, ó Zoilo, mal do Vate,
 Si ainda se acolhe de Narcinda ao seio;

Pois no meio do sonho dos amores,

Tambem co'a patria sonha!

Para a moleza não nasceu o Vate.

Em ditosos dias chammejava

Sua alma ardente, de heroismo cheia,

Quando uma patria tinha!

A corda, que secca docemente

Sobre a doirada lyra malfadada,

Out'ora ousou curvar arco guerreiro,

Vibrar rapida seta.

Os labios, que ora movem moles versos,

Já levantar souberam da vingança

Grito tremendo, á despertar a patria

Do somno amadornado.

Mas de todo acabou da patria a gloria!

Da liberdade o brado, que troava

Pelo inteiro Brazil, hoje emmudece,

Entre grillhões e mortes.

Sobre suas ruinas gemem, choram,

Longe da patria os filhos foragidos:

Accusa-os de traição, porque a amavam,

Servil infame bando.

Ah! Não digas, ó Zoilo, mal do Vate,

Se aos lares seus não volta acicalado;

Subido ferro afogaria o grito,

Que pela patria erguesse.

Alli da santa liberdade os filhos,

Esses poucos, que restam, fugidios

Vivem inglorios; pois as honras dão-se

A perjuros escravos.

Almas fracas e vis! e vós não vêdes

Que o facho horrivel, que allumia a senda

Das falsas honras, accendeis no fogo

Que arda o Brazil todo?

Quando mortes fulmina a tyrania,

E calca aos pés o merito e virtude,

Uma lagrima si-quer não vos arranca

A terra, em que nascestes?

Maldição sobre vós, almas damnadas!

A táça do prazer a vós vos saiba

Como o mel venenoso das abelhas

Da Cisplatina plaga.

Ah! Não digas, ó Zoilo, mal do Vate

Si a Paphia deusa algum consolo pede

Si a aguda dôr, que pela Patria sente,

Sonha abrandar um pouco!

Que um raio de esperança o fado accenda,

Que um relampago só penetre as trevas,

Que o Brazil envolvem, n'esse instante

Em pé se alçará forte!

Então seu coração no altar sagrado

Da liberdade, deporá ligeiro

A branda lyra — então com no va murta

Coroará a espada.

Oh! quanto é forte um vate, si nutrido

Entre perigos foi! Si denodado

Da morte os brados returbar ouvira

Com não-mudado rosto!

Que um Trasybulo novo se levante

C'um punhado de Heróes, a tyrania

No ensanguentado throno já nutante

Cahirá aos pés exangue.

Mas enquanto o Brazil adormecido

Brilhantes dias renovar não sabe,

Repita ao menos o seu nome amado

A lyra dos amores. »

Igual merecimento e bellezas realçam na ode que dedicou aos Gregos, na occasião em que luctavam contra os Turcos, para reivindicar a sua independencia e liberdade. Pensamentos os mais elevados, expressão a mais energica, entusiasmo

o mais sagrado, a constituem digna rival das poeticas composições, que pelo mesmo objecto escreveram n'aquella epocha Casimiro Delavigne e Victor Hugo, exaltados, como José Bonifacio de Andrada e Silva, pelo grandioso espectaculo que á Europa offereciam os companheiros de Botzaris, de Mauvrocordato, de Capo d'Istria e de Byron, dignos descendentes de Temistocles e de Lycurgo.

D. Pedro 1.^o na constituição que outorgára ao Brazil, procurava fugir das ideias democraticas que dominavam a maioria da assembléa constituinte. Temeu porém ainda a influencia d'ellas em um paiz novo, imperio nascente no meio de republicas exageradas. Este temor o conduzio a erros fataes a si e ao Brazil. Si não prevaleceu na sua constituição a ideia democratica de uma só camara legislativa, vigoraram comtudo ainda os principios democraticos — da composição eleitoral do senado, — da eleição indirecta dos deputados, e ainda mais por provincias, — e dos subsidios pecuniarios aos representantes do paiz, — principios que em um systema social dão predominio ao elemento popular, quando as verdadeiras theorias e praticas representativas consistem na justa ponderação dos diversos elementos, no seu constante equilibrio, e na sua mais perfeita egualdade.

No Brazil se procedera ás eleições de senadores e deputados, que tinham de formar as duas camaras legislativas. A provincia da Bahia

entre os seus representantes nomeou José Bonifacio de Andrada e Silva, si bem que exilado da patria e vivendo em longes terras. José Bonifacio de Andrada e Silva pagou á Bahia a sua honrosa nomeação dedicando-lhe uma ode admiravel, que constitue uma das suas mais bellas corôas poeticas.

Ha todavia um defeito n'esta ode admiravel de poesia, de sentimento e de metrificacão: é o despeito do proscripto, que se traduz em maldicão; é uma dôse demasiada de fel que transborda o vaso e descobre o coração amargurado, que de trago em trago o vai sorvendo até locupletar-se; é um grito profundo de dôr e de desesperação que parece levar a sonda á chaga, que o carcome e mata.

« Altiva Musa, ó tú, que nunca incenso
Queimaste em nobre altar ao despotismo;
Nem insanos encomios proferiste
De crueis demagogos.

• • • • •
• • • • •
Duas vezes, Bahianos, me escolheste
Para a voz levantar a pró da Patria,
Na Assembléa geral; nas duas vezes
Foram baldados votos.

Cingida a fronte de sanguentos loiros,
Horror jamais inspirará meu nome;
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,
Nem seu pai ao infante.

• • • • •
• • • • •
Morrerei no desterro, em terra estranha...

Vales e serras, altas mattas, rios,
 Nunca mais vos verei—sonhei outr'ora
 Poderia entre vós morrer contente...

.....
 Não verei mais a viração suave
 Para o aerio vôo, e de mil flôres
 Roubar aromas, e brincar travessa

Co'o tremulo raminho.

Oh! paiz sem igual, paiz mimoso,
 Si habitassem em ti sabedoria,
 Justiça, altivo brio, que ennobrecem,

Dos homens a existencia!

De estranha emulação acceso o peito,
 Lá me ia formando a fantasia,
 Projectos mil para vencer mil ocios,

Para criar prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,
 Frescas grutas então, piscosos lagos,
 E pingues campos, sempre verdes prados,

Um novo Eden fariam.

.....
 Doces visões! fugi,—ferinas almas
 Querem que em França um desterrado morra!

Já vejo o genio da certa morte

Ir afiando a foice!

Gallicana donzella, lacrymosa,
 Trajando roupas luctuosas, longas,
 Do meu pobre sepulchro a tosca loisa

Só cobrirá de flôres. »

—Ao mesmo tempo que se mostra irritado contra a patria, chora por ella — Amante adorada, finge aborrecê-la, e morre por se lhe lançar aos braços — Que colorido engenhoso, e ao mesmo tempo

que suavidade melancolica! Quanto sentimento!
Quanta poesia! (*)

José Bonifacio de Andrada e Silva viveu no exilio até o anno de 1829; foram sete annos de dôr e de magoa; sete annos que lhe pareceram seculos. Compreenda-os quem tiver coração, e já conheceu o que é uma auzencia da patria!

§ 4.º

Os sete annos do exilio, e em tão avançada idade, haviam quebrado as forças de José Bonifacio de Andrada e Silva. Não quiz no seu regresso aceitar emprego publico, si bem que as maiores provas de amizade e consideração lhe manifestasse D. Pedro I. Almejou o repouisar, e n'esta intenção se retirou para a pequena e pittoresca ilha do Paquetá, situada na parte interna da bahia do Rio de Janeiro.

Nos acontecimentos politicos que precederam a abdição do primeiro imperador do Brazil, nem uma parte teve; desde que fora exilado, deixára de influir nos publicos negocios.

E esses acontecimentos foram graves, — muito graves: os negocios publicos passaram por

(*) Em Bordeos publicou José Bonifacio de Andrada e Silva um volume de poesias sob o nome de Americo Elysio, e algumas memorias que compuzera, acerca do trafico da escravatura, e de varios outros objectos.

modificações inesperadas, imprevistas e repentinas.

O paiz se dividio depois da outorga da constituição, em tres partidos de tendencias differentes;—um de principios republicanos, como aquelles que quadravam a uma nação Americana;—outro de opiniões monarchicas mescladas de liberalismo, representando a grande escola ecclética do seculo; e—o terceiro de ideias da antiga monarchia portugueza, como as unicas que offereciam garantia e estabilidade. Estes partidos subdividiam-se ainda em grupos com maior ou menor desenvolvimento das suas tendencias, com maior ou menor exaggeração de seus principios e ideias.

Si inexperiente era o paiz, e inexperientes os partidos, inexperiente se mostrou tambem o imperador. Enthusiasmo, lealdade, e generosidade caracterisavam-no. O verdadeiro systema de governo em tão criticas circumstancias seria alliar os homens mais moderados dos dous ultimos partidos com exclusão do republicano. Por este feitio como que se constituiria um nucleo conservador com feições liberaes, conciliando a propriedade e a fortuna com a intelligencia, e os serviços.

Este systema porém devia de ser firmemente executado, e constantemente proseguido. Convinha aceita-lo, regularisa-lo e firma-lo.

D. Pedro I porém ora chamava para o seu conselho os homens de tendencias republicanas,

ora os da monarchia pura; jamais procurou organizar uma como que fusão dos homens moderados e importantes das diversas fracções. Com este systema, — nunca accommodando os republicanos, porque o partido, que assim pensa, se não satisfaz com concessões medias; — descontentando no entretanto as differentes nuanças do partido ecclético e do partido da monarchia pura, — as consequencias não podiam deixar de ser fatalissimas.

O partido republicano aproveitou as concessões feitas, e a despopularisação do monarcha, para o fim de organizar uma revolução no paiz. No dia 6 de Abril de 1831 teve logar essa revolução. D. Pedro I desagradára a todos os partidos; preferio então abdicar a corôa em seu filho, o principe imperial, á que se derramasse a menor gotta de sangue por seu respeito.

O imperador se lembrou de José Bonifacio de Andrada e Silva; honrou-o com a nomeação de tutor de seus augustos filhos; abdicou a corôa na pessoa do principe imperial, e se retirou do Brazil.

Achavam-se ainda em presença os tres partidos; o da monarchia pura deixou o campo e se suicidou. O partido ecclético roubou a revolução aos seus fautores, e a guiou em proveito da monarchia ponderada: não tendo directamente para ella cooperado, no dia em que a vio cumprida, aceitou-a como facto consummado, e se collocou á sua frente para a dirigir.

Como em todos os paizes, não são os autores das revoluções os que lhes colhem os fructos. E si bem que os partidos politicos, no systema representativo costumam fundir-se, e suas proprias ideias soffrer innumeradas vicissitudes, estes partidos todavia, com maiores ou menores modificações, seguiram o curso posterior dos acontecimentos, e lhes impregnaram mais ou menos a sua influencia.

José Bonifacio de Andrada e Silva desamparou o seu repouso e a sua ilha querida. Tomou conta dos principes, confiados á seus cuidados pela sollicitude paterna. Entregou-se de coração a seus novos e importantes trabalhos.

Com a marcha dos acontecimentos, se foram creando novos interesses e modificando partidos. A parte do partido ecclético que tinha ideias conservadoras, recebeu grande reforço com a adjuncção de muitos homens importantes do antigo partido da monarchia pura. A outra parte do partido ecclético conseguiu absorver o partido republicano, com a ideia de federar o Brazil e organisa-lo provincialmente, apesar de constituir uma monarchia, como é provincialmente organisa-da a republica dos Estados-Unidos da America do Norte.

O poder pertenceu á este derradeiro partido. Nos tempos criticos vence sempre o partido o mais audacioso, ainda que não constitua maioria real do paiz. A maioria se subordina e soffre.

José Bonifacio de Andrada e Silva com os

annos, com a experiencia dos acontecimentos politicos, com o conhecimento dos homens, com o estudo emfim, durante o seu exilio, dos usos, pratica e estylos representativos das nações civilisadas, havia bastante modificado as suas ideias. Queria ainda a liberdade, porém identificada com a ideia de ordem, que era synonymo de monarchia: para que ordem e liberdade existissem, cumpria que o throno tivesse prerogativas, e o povo direitos; como casar estas ideias com usos exclusivamente republicanos? Como no meio de uma monarchia plantar elementos tão populares, como são os federativos? Como se salvar ao risco de ver devoradas pelo povo as prerogativas da corôa?

O partido federalista se persuadia no emtanto que podia co-existir monarchia e republica; aquella rodeiada de instituições d'esta, e o throno assentado no meio ao nivel do povo; este povo como delegante e outorgante, e o monarcha como simples delegado e mandatario, não tendo poderes outros que não fossem os conferidos pela nação, e que sujeitos eram á revogação, porque toda a soberania se resumia no povo.

Este partido federalista se compunha dos homens que consideravam realisaveis os consorcios de ideias antipodas, e dos homens de tendencias republicanas, que acceitaram o acto da federação como concessão, e o explicavam como passo legalmente dado na via do systema que ambicionavam para o Brazil.

José Bonifacio de Andrada e Silva comprehendeu e procurou então a alliança de todos os homens monarchistas, como unico meio de obstar os resultados que deveriam produzir estas doutrinas antipodas e irreconciliaveis com a existencia da monarchia.

Recebera da amizade e da confiança de D. Pedro I aquelle sagrado deposito; intacto lhe cumpria conserva-lo. Eram filhos de um imperador, — descendentes de illustres monarchas; sua educação deveria de ser coherente com seu alto nascimento, e suas posições elevadas.

Homens appareceram no partido federalista, que julgaram que a violencia e a perseguição eram meios de governo, e que abafando a voz dos adversarios, e obrigando-os ao silencio, mais facilmente se conseguiriam os fins que se desejavam.

Os homens illustrados e intelligentes, os verdadeiros estadistas e politicos olham tanto para os fins como para os meios porque á elles se chegam. A causa a mais sancta se deconceitua quando vence com o emprego de meios desdoirosos. A violencia e a perseguição nunca foram meios de governo.

Os principios e as ideias se plantam e germinam com o raciocinio e com a illustração; medram com o tempo, e fructificam com a convicção.

Os homens violentos e perseguidores podem

ser victoriados na occasião em que servem aos interesses do momento; representam a parte do algoz ao pé do patibulo; nunca porém merecerão na historia os nomes de estadistas e politicos.

Um ministerio houve, em que predominaram os homens violentos e perseguidores, de que fallamos, e que ousou commetter o acto o mais inqualificavel que se tenha visto em politica.

Conheciam a importancia e influencia de José Bonifacio de Andrada e Silva. Era um nome historico e glorioso, e todos os povos tributam respeito aos seus nomes historicos e gloriosos. O visconde de Cayrú, si bem que ligado a José Bonifacio de Andrada e Silva, e partilhando as mesmas politicas ideias, não patenteava egual actividade, e não gosava de influencia tão decidida: era o outro nome historico e glorioso do paiz. Em derredor d'elles appareciam os homens de mais serviços ao paiz, e de maior dedicação ao throno.

O ministerio julgou que ferindo de frente a José Bonifacio de Andrada e Silva, ousando derribar a figura mais proeminente do partido monarchista, conseguia amedronta-lo, e livre lhe ficava então o campo para realisar a federação do paiz.

O ministerio não olhou para os meios para conseguir o seu fim. Um decreto do governo de Dezembro de 1833 demittio a José Bonifacio de

Andrada e Silva do emprego de tutor de S. M. : decreto inconstitucional e revolucionario , que destruia todas as garantias do paiz, e todos os direitos civis e politicos dos Brasileiros.

José Bonifacio de Andrada e Silva não obedeceu a tão manifesta e flagrante violação da constituição do estado; o ministerio empregou a força para dar cumprimento ao decreto.

José Bonifacio de Andrada e Silva foi arrancado pela força publica dos paços imperiaes : teve que supportar a formação de um processo criminal; pronunciado, teve que responder a um tribunal de jurados; absolvido, teve que residir na sua antiga ilha do Paquetá, sem que mais lhe fosse permittido rever os caros e augustos penhores que o primeiro imperador do Brazil lhe havia confiado!

No hymno das dôres humanas poucas devem de ser as escalas em que o soffrimento seja mais intenso. Não pôde José Bonifacio de Andrada e Silva cumprir e levar ao cabo a grande missão, de que fora incumbido por aquelle, que unico tinha para isso direito.

Felizmente que a Providencia Divina velava sobre o Brazil.

No anno de 1833 foi pela violencia roubado aos augustos principes Brasileiros o tutor que seu pai lhes nomeára; no anno immediato a morte arrancou a vida a esse mesmo pai, no momento em que acabava de cobrir-se de glorias, combatendo pelo bom do paiz em que

nascêra; no mesmo anno se infiltrou na constituição Brasileira o elemento democratico de federação; e o paiz se curvou ainda e obedeceu. Como porém após a tempestade vem a calma, com a tempestade desapareceram esses ministerios de violencia que plantaram a anarquia por todo o Brazil.

O dia 19 de Setembro de 1837 rehabilitou as instituições, e salvou a monarchia.

José Bonifacio de Andrada e Silva saudou a nova aurora que affugentava as trevas e augurava futuro de paz e de engrandecimento para o seu paiz.

Retirado na ilha que o abrigára durante a tormenta, esperou a morte, como um philosopho grego, com tranquillidade de espirito, e liberdade de animo.

No principio do anno de 1838 sentio que proximo estava seu derradeiro dia; dirigio-se para Nictheroy, e no dia 6 de Abril terminou sua carreira mundana, no meio das lagrimas de sua familia e de seus amigos.

VI

JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAUJO

§ 1.º

Em 12 de Outubro de 1753 nasceu José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, na cidade do Rio de Janeiro, tendo por progenitores o coronel Luiz Manuel de Azevedo Carneiro da Cunha e D. Maria Josepha Pizarro e Araujo.

O coronel Carneiro da Cunha fôra não sómente estimado pelo primeiro vice-rey, o conde da Cunha, como pelo seu substituto, o conde de Azambuja. Seu filho cursou as melhores escolas do Rio de Janeiro, e principiando a denunciar, desde os annos mais verdes, talentos os mais subidos, julgou seu pai dever aproveitar suas relações com as principaes auctoridades do Rio de Janeiro, para, enviando-o para Portugal, recommenda-lo efficaçmente a protectores valiosos, que lhe facilitassem os meios de adquirir instrucção, e desenvolver a intelligencia.

Tantos são os cuidados e sollicitudes do amor

paterno! O coronel Carneiro da Cunha estreme-
cia de prazer descobrindo o zelo laborioso do
filho, a sua prematura dedicação aos livros, a
sua insaciavel curiosidade de conhecer todos os
factos, por mais pequenos que se succediam,
ao pé e em torno d'elle: anciava de ver o desen-
volvimento de qualidades que tanto promettiam;
tremia porém e muito da separação. Dir-se-ia
que lhe estava o coração dizendo que, partido o
filho, não o veriam mais seus olhos, e nem o
apertariam mais seus braços!

Forçoso foi comtudo que José de Souza Aze-
vedo Pizarro e Araujo deixasse patria e familia, e,
em distantes terras, procurasse conseguir a sciencia,
cuja nobre ambição o movia desde o desa-
brochar do pensamento.

Em Coimbra passou seis annos de sua vida—
desde 1770 até 1776—Seguiu os cursos da Uni-
versidade, tomou o gráu de bacharel em canones,
e se preparava para voltar á sua patria, e rever
seus pais, quando a noticia do fallecimento
d'elles enluctou seus dias, e levou-o a aban-
donar todo o futuro que lhe augurava a intelli-
gencia na vida civil, para se entregar a Deus,
tomar ordens, e converter-se em ministro do
altar.

Este inesperado acontecimento amargurou-o
a ponto que modificou de uma vez seus habitos,
e seus sentimentos. Conservou-se em Portugal
até o anno de 1781, regressando então ao Rio
de Janeiro, para occupar o canonicato da antiga

Sé, em que fôra apresentado por Carta Regia de 20 de Outubro de 1780.

Durante todo o tempo que durára a administração do terceiro vice-rey o marquez de Lavradio, successor do conde de Azambuja, estivera ausente José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo. Si por um lado a falta de seu pai,—falta insupprível para um filho estremoso, lhe renovára as dôres do coração, ao tocar terras da patria, e ao respirar seus ares,—por outro lado tantos beneficios adquirira o Rio de Janeiro com o governo do marquez do Lavradio, já em progressos materiaes, e já mesmo em illustração, que alguns litteratos appareciam pretendendo organizar academias, e promover seriamente o adiantamento das luzes, e o gosto das letras, que não pôde elle deixar de sentir doces alegrias observando os factos, que presenciavam seus olhos.

Tomou por esse tempo posse do governo o quarto vice-rey Luiz de Vasconcellos e Souza. Os melhoramentos, que se encetaram durante a administração do seu antecessor, progrediram com maior energia. As letras, que começavam a resplandecer, brilharam com fulgor novo. A Academia Scientifica do Rio de Janeiro, que não fôra senão um ensaio no genero das associações litterarias, e que, como ensaio não tinha podido medrar, transformou-se ou antes ressuscitou na —Arcadia—. Viagens se dirigiram aos sertões do Brazil, para a exploração dos terrenos, e dos rios, que compõem sua riqueza: tudo eram

progressos no paiz, que parecia querer emfim seguir a marcha que lhe destinára a natureza.

José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo se esforçou tambem de associar seu nome aos nomes d'aquelles que abrilhantaram essa quadra. Entrou para a Arcadia,—sobre a qual tratamos largamente nas vidas de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, e de José Basilio da Gama. Si bem que do numero d'aquelles que não foram presos durante o vice-reynado do conde de Rezende, já pelo seu estado e emprego ecclesiasticos, já pelo seu animo inoffensivo, timorato, e recolhido,—fortuna, que não coube a Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, a Marianno José Pereira da Fonseca (*), e a mais outros —, soffreu comtudo suas perseguições miseraveis e mesquinhas, com que mais se avilta o poder, do que prova sua força e robustez.

José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo tratou de salvar-se d'essas perseguições, e se aproveitou de uma auctorisação que lhe deu o bispo, para visitar as igrejas e comarcas do bispado, e para deixar o Rio de Janeiro, e por alguns annos se conservar em viagens.

E esta viagem lhe foi de muito proveito. Desde

(*) Marianno José Pereira da Fonseca, Marquez de Maricá, um dos mais illustres advogados, políticos e litteratos do Brazil, nasceu no Rio de Janeiro em 18 de Maio de 1773. É auctor das *Maximas, Pensamentos e Reflexões*, que rivalisam com as melhores maxims de La Rochefoucauld e Vauvenargues: foi um dos collaboradores da Constituição de 1825, conselheiro de estado, e ministro durante o reynado de D. Pedro I. É actualmente senador do imperio.

annos, que ambicionava escrever uma chronica do bispado do Rio de Janeiro. Na visita que fez ás igrejas e camaras do bispado, encontrou immensos materiaes, e desconhecidos documentos que lhe ministraram grandes esclarecimentos.

Seu genio curioso e indagador a nada se poupou para conseguir a maior somma de materiaes valiosos. E a proporção que os ia descobrindo, se lhe alargava a ambição de estender a sua chronica a todos os bispados do Brazil, comprehendendo a historia fiel e verdadeira de seus acontecimentos, fundada em provas documentaes e irrecusaveis.

Quando considerou serenada a tempestade, e já soltos aquelles de seus companheiros da — Arcadia —, que maiores perseguições haviam soffrido, regressou ao Rio de Janeiro, e se entregou de novo a seus trabalhos ecclesiasticos, e á sua tranquillidade de espirito.

Em 1801 desejou rever Portugal; deixou o Rio de Janeiro, e, apenas chegando em Lisboa, obteve do principe regente nomeação de conego da igreja patriarchal.

N'este novo emprego se conservou até que a invasão dos Francezes obrigando a côrte portugueza a abandonar Portugal, e a se passar para o Rio de Janeiro, com ella voltou á sua patria José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo.

O principé regente, domiciando a côrte no Rio de Janeiro, creou os tribunaes e estabelecimentos precisos para desenvolvimento da acção livre do

governo e da plena distribuição da justiça. Pelo alvará de 22 de Abril de 1808 instituiu o tribunal superior do desembargo do paço e meza de consciencia e ordens. Os talentos de José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo não foram esquecidos. Recebeu nomeação de procurador geral das tres ordens militares.

Pouco tempo depois foi nomeado monsenhor presbytero com o titulo de thesoureiro mór e arcipreste da real capella do Rio de Janeiro; obteve o titulo do conselho de S. M., e occupou o lugar de deputado da meza de consciencia e ordens, deixando o emprego de procurador geral das tres ordens.

Apesar do peso de tantos e tão penosos trabalhos, continuou na sua tarefa de historiar os acontecimentos dos bispados do Brazil desde o seu descobrimento até a sua quadra contemporanea. Conservou o mesmo zelo de instruir-se, a mesma ambição de esclarecer-se em todos os factos occorridos; aproveitou-se da posição mais elevada, que occupava então na sociedade, para conseguir os resultados que desejava, e as informações de que carecia para a sua obra.

O Brazil no emtanto seguia phases imprevisas e inopinadas. De colonia passára inesperadamente a reyno-unido. De reyno-unido se elevou a imperio independente. Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo não tomou parte activa nos acontecimentos politicos. Sua idade, seus trabalhos e seu character repugnavam

com as tempestades da epocha. Continuou tranquillamente no exercicio de seus empregos, e nos seus trabalhos litterarios.

De 1820 a 1822 publicou os nove volumes, de que se compõem as suas — *Memorias historicas da capitania do Rio de Janeiro, e das demais capitancias do Brazil*. A reputação do auctor se firmou com esta importante obra, fructo dos mais difficultos trabalhos, e da mais perseverante investigação.

D. Pedro I outorgando ao Brazil a constituição politica de 1825, ordenou que se procedesse as eleições de deputados e senadores. Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, ainda que affastado da vida publica, foi nomeado deputado á Assembléa Geral do Brazil, e na camara, a que pertencia, acclamado e escolhido presidente.

Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo não pôde sustentar as fadigas da vida politica. Obtendo em 1828 sua aposentadoria no logar de conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, e dispensa do exercicio da capella imperial, se retirou para fóra da cidade, e se entregou ao repouso do corpo e do espirito.

Em 14 de Maio de 1830, passeando pelo Jardim Botânico da Lagôa de Rodrigo de Freitas, foi attacado de uma apoplexia fulminante e espirou instantaneamente.

§ 2.º

Tem todas as nações uma grande familia de chronistas. Uns são considerados pela belleza e perfeição do estylo e das formulas exteriores. Outros merecem encomios pelos encantos da imaginação, e os rasgos da poesia. Alguns emfim brilham unicamente pela verdade dos factos, e fidelidade das observações.

Universal estima merece toda esta familia de litteratos. São como os monumentos, que transmittem aos seculos vindouros os feitos e a gloria dos passados seculos. Modestos e ingenuos não procuram renome para si; pretendem unicamente salvar do olvido aquellas acções, que lhes parecem dignas de memoria, e perpetua lembrança. O historiador é como a aguia que de alto paira e se revolve na sua grandeza e magnificencia. O chronista é a ave do vôo rasteiro, que descanta seus amores á vista de todos, —n'essa linguagem de todos, —sem a menor pretensão de elevar-se e de brilhar.

O chronista anda catando os factos aqui e acolá aonde os encontra, e despindo-os da alliagem dos elementos que os escurecem e transformam, vai-os recontando ao mundo na fôrma singular em que se passaram, e com a singeleza propria dos usos, dos costumes, dos sentimentos e das épocas contemporaneas. O historiador do meio d'esses

acontecimentos, que pinta o chronista, arranca aquelles que sobresaem de per si, e devem de influir sobre os outros, e elevando-os ao gráu de importancia e grandeza, em que os considera, do alto do seu throno os publica ao mundo, como os profetas do antigo testamento ou os sacerdotes do Egypto.

É mais difficil e mais elevada de certo a missão do historiador; quão poucos apparecem! Os chronistas são porém em numero estirado, e succedem-se uns aos outros com mais ou menos talentos, com mais ou menos qualidades, sem que falta nem-uma d'elles pareça insupprivel.

Não se despresem no emtanto os chronistas. Não se póde conhecer a historia de paiz nem um sem ler-se os seus escriptos. Da combinação e conferencia d'elles resulta o esclarecimento da razão. Os chronistas são como os archotes nos profundos subterraneos, o raio da luz no seio das emmaranhadas florestas, o crepitar do relampago durante a negridão da tempestade. Por elles muitas cousas se sabem, muitos feitos se conservam, e muitas acções se perpetuam.

Judicioso e digno de louvor era sem a menor duvida o comportamento dos antigos reys de Portugal. Cada reynado tinha o seu chronista, isto é, o escriptor e relator de todos os feitos da sua época e dos tempos anteriores. Um emprego importante occupava o chronista, o de guarda mór do arquivo real e cartorios do reyno.—Uma pensão do estado lhe era em vida paga em indemnisação dos seus

trabalhos e occupação aturada. As secretarias, as publicas repartições, todos os cartorios e arquivos lhe eram franqueados. De plena confiança gozava para examinar todos os documentos por mais secretos e mysteriosos, e o chronista merecia a estima do seu rey e do seu povo, e tinha todas as honras de nobreza.

Chronistas d'esses houve, como Fernão Lopes, contemporaneo de D. Duarte, que subiram á altura de historiadores. Outros que são como o deposito de tudo quanto ha de conhecimentos historicos de seu tempo, indispensaveis para todo o genero de estudos, como Ruy de Pina, Gomes Eannes de Azurára, Antonio Brandão, Bernardo de Brito, Francisco Brandão e Francisco de Andrade.

Os jesuitas tinham seus chronistas para a historia da companhia. Quanto se lhes não deve? Os principios da historia do Brazil são colhidos nos trabalhos d'elles: a historia de todos os descobrimentos, praticados pelos Europeos na Asia, Africa e America, apparece miudamente narrada nas chronicas dos jesuitas. A companhia tinha na França, na Hespanha, em Portugal, na Italia, e nas colonias, historiographos empregados unicamente na honrosa missão de conservar os feitos da companhia.

Outras ordens como a dos Benedictinos Francezes, e a dos carmelitas Portuguezes, Italianos e Hespanhóes, se gloriam tambem de contar illustres chronistas; como desconhecer o merito

de Dom Bouquet e Dom Mabillon? Como esquecermo-nos de frey Luiz de Souza, de frey Antonio Caetano de Souza, de frey José Pereira de Santa Anna (*), do padre Thomaz Serrano e do padre Simão Pereira de Sá (**)?

Materiaes os mais importantes para a historia foram por elles procurados e encontrados; os mais preciosos documentos, occultos até então sob o pó dos arquivos, se publicaram por seus cuidados: as letras muitos serviços devem a esses varões laboriosos que viveram e envelheceram no estudo dos despedaçados pergaminhos, e dos velhos papeis. Os homens instruidos devem guardar indelevel memoria d'elles.

Entretanto Condorcet exclamava na Assembléa Nacional na sessão de 12 de Junho de 1792: — « Vestigios existem da vaidade das raças guardados nas secretarias e bibliothecas publicas; cumpre destrui-los. Não ha de ser á custa da nação que continuará a sua guarda; tão ridiculos documentos podem offender a egualdade. Pro-

(*) Frey José Pereira de Santa Anna, carmelita, nasceu no Rio de Janeiro em 4 de Fevereiro de 1696. Formou-se em canones e em theologia em Coimbra. Foi lente de theologia e chronista da sua ordem; falleceu em Lisboa. Escreveu a chronica dos Carmelitas da antiga e regular observancia n'estes reynos de Portugal, Algarves e seus dominios. Falleceu em Lisboa no meiado do seculo decimo oitavo.

(**) Simão Pereira de Sá, jesuita, nasceu no Rio de Janeiro em 1701. Formou-se em canones. Escreveu a historia Topographica e bellica da nova colonia do Sacramento—Noticias chronologicas do bispado do Rio—Orações Academicas.

ponho pois que em todos os departamentos se queimem os documentos, titulos e cartas que estiverem guardados nos seus arquivos. »

E no dia 22 de Fevereiro de 1793 se queimaram em Paris cento e quarenta e seis caixas de manuscritos!

Como a intelligencia humana é varia e caprichosa! Como a exaltação politica se apodera dos espiritos os mais brilhantes e illustrados, e os arrasta a pensarem tão extravagantemente?

Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo é para o Brazil um dos seus chronistas mais preciosos. Não tem estylo a sua obra: não encanta a leitura d'ella; não se recommenda por nem-uma d'essas qualidades que constituem um escriptor. E não sómente falta-lhe a grande qualidade de estylo, como a organização das — Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdicção do vice-rey do estado do Brazil — pecca, por obscuridade de plano, por desconnexão de factos, e por confusão de daetas e épocas historicas. São porém um thesouro inexgotavel de sciencia historica, um arquivo completo de todos os acontecimentos que se succederam no paiz; um monumento do mais subido valor historico, chronologico e geographico para o Brazil.

Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo não tem imaginação brilhante, nem pensamentos elevados; não é escriptor para se comparar com Fernão Lopes, com Diogo do Couto,

com Froissard, com Luiz de Souza, com Rocha Pitta, com Villani ou com Joinville. Mas tem tanto ou maior merecimento ainda do que elles, porque poucos, bem poucos são os escriptores que se apoiem mais em documentos; que nem-um factos narrem, que immediatamente não o provem; que manifestem maior zelo, mais minuciosa curiosidade, e desejo mais ennobrecido de instruir-se.

E no Brazil, aonde necessariamente deviam de faltar os materiaes historicos, um zelo identico da sciencia, e tão escrupulosa e incansavel actividade realçam o merito do auctor, pelas proprias difficuldades da empreza, que a primeira vista espanta pela sua immensidade.

Monsenhor Pizarro e Araujo não teve systema na organisação da sua obra; escreveu-a, como a foi pensando, compô-la, como a foi sabendo. Nem-uma affectação teve, nem-uma outra ambição afora a de publicar o que estudára e aprendêra, porque era a historia do seu paiz!

Compõem as — Memorias historicas — nove volumes, divididos pela chronica de cada uma provincia, estudada já isoladamente, já de harmonia com as outras. As primeiras conquistas, as guerras com os gentios, os estabelecimentos que se foram fundando, tudo é recontado simples, mas fielmente; os factos que se succederam, se descrevem com toda a minuciosidade. Não se attendem as consequencias dos factos, e menos á sua importancia. O que monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo pretendeu foi

unicamente publicar os acontecimentos como os denunciam os documentos e memorias contemporaneas, deixando ao publico a apreciação livre e inteira d'elles.

Nas—Memorias historicas do Rio de Janeiro— não vê-se o philosopho extraindo lições para esclarecer o povo; descobre-se unicamente o homem, que indagou todos os acontecimentos por mais pequenos, que estudou-os em toda a sua nudez e fidelidade, e que com a mais escrupulosa consciencia ingenua e modestamente os manifesta ao mundo.

A chronologia, a biographia e a geographia, ganharam espantosamente com a apparição d'ellas. As—Memorias historicas do Rio de Janeiro—, de mosenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, e a—Corographia Brasilica— de Manuel Ayres do Casal (*), são os dous monumentos historicos mais preciosos que se tem escripto sobre o Brazil.

Mosenhor Pizarro e Araujo consultou registos de camaras, assentos de parochias, arquivos publicos, memorias particulares, bibliotecas, secretarias, cartorios de conventos e ordens monasticas; aproveitou todos os dados, os mais pequenos

(*) Manuel Ayres do Casal nasceu no Brazil, pelo meiado do seculo xviii. Ignoramos aonde e o tempo certo, e bem assim todas as circumstancias de sua vida. É uma perda fatal esta falta de noticia sua, porque sua obra é um monumento importante que será consultada em todo o tempo por todos os Brasileiros que quizerem estudar o seu paiz.

esclarecimentos, e as memorias as mais insignificantes.

« Persuadido — diz o prefacio — de ser util á historia, e precisando muitas vezes narrar certas miudezas de factos, receei menos o fastio do leitor, cuja censura devo suppôr que seja modificada: e confio na benignidade do publico haja de desculpar o atrevimento d'esta empreza, certo de que cuidadoso de lhe dirigir o fructo das minhas applicações, não me desvelei na arte, na pureza e na graça do dizer (circumstancias menos precisas do que a verdade, idolo principal da historia), occupando-me mais em colligir os subsidios que devem servir de base a quem, com penna culta, habil e judiciosa, convier a composição de uma historia do Continente Brasileiro, e muito particularmente dos que serviram de assumpto para se formalisarem as presentes memorias. »

Eis ahi o homem sabio, mas modesto, instruido, mas timido; o chronista n'estas palavras disse todo o seu pensamento, e declarou todos os seus trabalhos.

As — Memorias historicas — de monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo são o deposito de importantes documentos, que tem de ser collidos pelo futuro historiador do Brazil. Poderão então perder o interesse da leitura; seu merito porém será lembrado, e o nome do seu auctor eternamente commemorado.

VII

FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA COUTINHO

Frey Gaspar da Madre de Deus (*) assevera que da vasta progenie de Amador Bueno da Ribeira é oriundo o capitão mór Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria, possuidor das terras e engenhos de Marapicú, Cabossú, Itaúna, Paúes e Pantanáes do rio Gandú. De seu consorcio com D. Helena de Andrade Souto Maior Coutinho nasceram João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho (**), D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (***) , Ignacio de Andrade Souto

(*) Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente, actual provincia de S. Paulo, publicada pela Academia Real de Sciencias de Lisboa. Pag. 436.

(**) João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho nasceu em 2 de Julho de 1722. Falleceu em Lisboa em 6 de Fevereiro de 1799. Foi dezembargador do Paço, procurador da corôa e ministro da junta do exame do estado e melhoramento temporal das ordens regulares; uma das maiores notabilidades Portuguezas do seu tempo.

(***) D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra, e conde de Arganil, nasceu em 5 de Abril de 1735.

Maior Rendon (*), e Clemente de Lemos de Azeredo Coutinho e Mello (**). Todos estes irmãos mais ou menos se celebrisaram pelas letras e pelos seus serviços e talentos—familia de certo illustre, que rivalisa com as duas familias de Santos, a de Alexandre de Gusmão e a de José Bonifacio de Andrada e Silva, cujos membros todos adquiriram reputação e renome.

Todos estes irmãos vieram ao mundo no engenho de Marapicú, termo da villa de Iguassú, e provincia do Rio de Janeiro. Ainda hoje constitue este engenho um morgado, que se tem successivamente passado de uns a outros descendentes do capitão mór Manuel Pereira Ramos de Lemos e Faria, seguindo a linha directa do primeiro morgado, seu quarto filho, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, em cujo favor fôra instituido. Todos elles passaram sua infancia em Portugal, e estudaram na universidade de Coimbra.

D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Cou-

(*) Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, nasceu em 10 de Agosto de 1733. Em uma nota á vida de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga se deparam algumas noticias suas. Elle e Alexandre Rodrigues Ferreira foram os dous viajores mais illustrados do Brazil, e que mais importantes descobrimentos conseguiram nas suas provincias do interior, quer sob o ponto de vista mineralogico, quer mesmo sob o geographico. Falleceu no seu engenho e morgadio de Marapicú, em 6 de Julho de 1815.

(**) Clemente de Lemos de Azeredo Coutinho e Mello nasceu em 31 de Outubro de 1731. Foi militar illustre, e governador da capitania do Maranhão. Falleceu em Lisboa em 13 de Fevereiro de 1774.

tinho tomou o gráu de doutor em Canones em 1764. Obteve immediatamente depois uma cadeira de lente, e foi, em 1761, nomeado reitor do collegio dos militares.

Governava Portugal Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeyras e marquez de Pombal.

Graves eram no emtanto os acontecimentos politicos que se passavam em Portugal; e bem melindrosas e criticas as circumstancias d'este paiz.

O exercito e a marinha se achavam em decadencia. O anterior reynado nada fizera por amehora-los. As finanças publicas arquejavam com extraordinario deficit. Para cumulo de males um terremoto espantoso submergiu Lisboa em 1755. Após o terremoto quadrilhas de salteadores se assenhorearam da destruida capital e dos seus arredores. Setubal e outras muitas cidades do reyno soffreram tambem com tão extraordinaria revolução da terra.

O marquez de Pombal dirigiu sua attenção para todos os pontos: reconstrucção de Lisboa, melhoramentos materiaes, reorganisação do exercito e da marinha, economia nos dinheiros publicos por meio de diminuição das despezas, justiça e instrucção,—tudo participou dos seus cuidados, dos seus desvelos e da sua incansavel sollicitude.

Para conseguir tantos resultados era azado o genio do marquez de Pombal. Intelligencia superior,—chamou para junto de si todas as intelligencias que descubria. Ministro perspicaz e zeloso,—conheceu que lhe convinha aproveitar

todos os talentos que lhe appareciam, para dirigi-los a seu fim e plena realisação de seus desejos.

Não houve talento nem intelligencia que não procurasse unir á sua fortuna.

Quando se preparava para os grandes trabalhos que tinha em mente, tristes acontecimentos os perturbaram. Em os fins do anno de 1761 actos de hostilidade appareceram entre Hespanha e Inglaterra. Começou a lamentavel guerra denominada pelos historiadores pacto de familia. (*) Foi preciso á Portugal tomar parte n'ella, obrigado pelo manifesto da Hespanha de 15 de Junho de 1762. Quanto custou ao exercito Portuguez chegar ao pé de guerra em que deveria ter sido anteriormente conservado! Os Hespanhóes cantaram ao principio, e por vezes victoria. Portugal nem generaes tinha. O conde de Lippe mandado vir de sua patria, foi o salvador da disciplina militar, o chefe das forças Portuguezas que lhes deu ordem, reorganisação e commandantes instruidos. Felizmente que, com o cessar da guerra e a pacificaçãõ do reyno, pôde o ministro curar de todos os ramos do serviço publico.

D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho foi nomeado juiz geral das ordens militares em 1767: em o anno immediato desembargador da Casa da Supplicação: logo depois provido em um lugar do tribunal da inquisição de Lisboa, e no de vigario capitular de Coimbra.

(*) Rymer's fœdera.

O marquez de Pombal descobrira o seu prestígio e se apressava de aproveitá-lo. O ultimo emprego era o de todos o mais melindroso, porque o estado da igreja de Coimbra, depois das ultimas occurrencias que tiveram logar entre a curia Romana e a côrte de Lisboa, e que suspenderam por algum tempo suas relações amigaveis, carecia de um prelado pacifico e ao mesmo tempo resolutivo, de affaveis maneiras e ao mesmo tempo de constancia, conciliador e ao mesmo tempo justiceiro.

Cumprio tão satisfactoriamente sua missão, que em 14 de Maio de 1770 foi nomeado reitor da universidade de Coimbra, e chamado pelo governo para fazer parte da junta creada sob o nome de — Providencia litteraria —, cujo fim era a reforma da universidade.

Faziam parte d'esta junta o marquez de Pombal, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, e seu irmão o desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. Ardua era sua missão, mas honrosa; difficil porém de gloria. O marquez de Pombal,—como um d'estes genios organisadores que raras vezes apparecem na scena do mundo, mas que fazem a fortuna das nações e dos povos, em cujo serviço se empregam, — não se esqueceu da instrucção publica, porque a instrucção publica fórma as gerações, dirige os animos, moralisa os espiritos, e é o manancial da educação do povo.

Si o exercito e a marinha como que ganharam

nova vida com a sabia administração do marquez de Pombal; si as finanças publicas melhoraram; si as estradas, o commercio, a agricultura e a industria, receberam incremento; si o paiz emfim se ergueu valente e corajoso diante do estrangeiro, e respondeu com a dignidade de uma nação livre e destemida; a educação publica e a instrucção, que deve de dar o governo ao povo, receberam tambem os progressos que as sciencias e as letras instantemente exigiam.

Tanto D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, como o desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, tinham talentos e erudição ao nivel da tarefa que receberam e á qual se dedicaram. O resultado provou o acerto da escolha, e o andar dos tempos, e a successão dos acontecimentos sancionaram a obra que gloriosamente para si e para Portugal haviam conseguido levar ao cabo.

A universidade Portugueza foi creada por El-Rey D. Diniz em 1290, e estabelecida em Lisboa. Anteriores a ella eram as universidades de Pariz, de Bolonha, Salerno, que se fundaram no seculo XII, e as de Napoles, Tolosa, Salamanca, Padua, Oxford, Perugia, Macerata, Cambridge, e Montpellier, que se fundaram no seu mesmo seculo XIII. El-Rey D. Diniz ajuntou mais este serviço a tantos que a seu povo fizera, e que seu povo agradecido commemorou aos posteros, que d'elle guardam indelevel lembrança. No anno de 1293, pareceu a El-Rey D. Diniz que seria melhor

sede da universidade a cidade de Coimbra, central e isolada no meio de Portugal, como o astro de onde deveriam partir os raios bemfazejos para todos os pontos do reyno, — do que Lisboa sentada á margem do Tejo, ali—ao jogo do oceano—cuja missão era o commercio, e cujos desejos unicos seriam necessariamente as riquezas e não a sciencia. A universidade se passou para Coimbra. D. Fernando porém em 1375 a trouxe de novo para Lisboa. Em 1431 D. João I reformou-a, reorganizou-a, e deu-lhe novos estatutos; o jurisconsulto João das Regras o ajudou na empreza, e equiparou-a ás universidades então existentes, quer mais antigas do que a Portugueza, quer posteriores a ella, mas que se haviam illustrado, como Roma, Pizza, Pavia, Parma, Sienna, Valhadolid, Orleans, Heidelberg, Praga, Colonia, Vienna, Palermo, Angers, Erfurt e Ferrara do seculo xiv, e Leipsic, Cremona, Florença, Aix, Krakau, Friburgo, Upsal, Alcalá e Glasgow dos primeiros annos do seculo xv.

El-Rey D. Manuel, cuidadoso como era pelas cousas da sua terra, modificou tambem os estatutos da universidade; reformou-os seguindo os da universidade de Napoles organizados pelo jurisconsulto Bartholo e os de Bolonha que haviam sido feitos pelo celebrisado Acursio.

Em 1537 D. João III fez voltar a universidade para Coimbra; dotou-a de importantes privilegios, para se poder manter e respeitar no reyno; deu-lhes professores nacionaes como Antonio

Gouveia, um dos emulos de Cujacio, e dos maiores jurisconsultos do seu tempo; e professores estrangeiros, como Guilherme Buchanan da Escossia, e Diogo de Teyve, que ambos se haviam já muito illustrado pelos seus elevados talentos, e profundos conhecimentos.

A universidade soffreu ainda uma reforma em 1559, e outra em 1612. Os estatutos d'esta ultima época vigoravam, quando se creou a junta da Providencia litteraria. A theologia, o direito civil, o direito canonico e a medicina compunham as suas faculdades. Uma unica cadeira existia de sciencias mathematicas. Os professores gozavam de privilegios; tinham os estudantes isenções e foros. Constituia a universidade um verdadeiro estado no estado.

A junta da — Providencia litteraria —, depois de aturado trabalho, confeccionou o plano da reforma. Além das quatro antigas faculdades crearam-se uma de mathematicas e outra de philosophia natural, contendo cada uma d'ellas suas aulas especiaes. A' faculdade de direito civil annexaram-se aulas de direito natural, de historia de direito e algumas subsidiarias. A universidade devia de ter o seu musêo natural, o seu jardim botanico, o seu observatorio, e o seu gabinete de physica.

Concluidos os estatutos reformadores, o proprio marquez de Pombal se appresentou em Coimbra, com poderes extraordinarios de tenente rey, e os mandou cumprir e executar por D. Francisco

de Lemos de Faria Pereira Coutinho, agraciado com a carta de conselho de S. M., e nomeado reformador reitor e bispo de Zenopolis.

O Dr. José Monteiro da Rocha, um dos lentes da universidade, assim se exprime sobre os serviços prestados por D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho na qualidade de reitor reformador.

« Deu nova e melhor fôrma a todo o paço das escolas. Erigiu os sumptuosos edificios do musêo de historia natural, do gabinete de physica experimental, do laboratorio anatomico, do dispensatorio pharmaceutico, e da officina typographica. Fez construir o observatorio astronomico, e deu principio ao Jardim Botanico. Refundio em muitos pontos a legislação litteraria; encheu de bellos regulamentos a policia academica. Organizou e installou a junta da directoria geral, centro regulador da ensinança publica. Fez completar o ensino das faculdades philosophica e mathematica, creando novas cadeiras de metalurgia, hydraulica e astronomia pratica. Deu insignes providencias ao observatorio, enriquecendo-o de maquinas e de instrumentos, creando e promovendo a ephemeride astronomica tão util á navegação. Propôz e formalisou a grande ley dos cosmographos do reyno. » (*)

(*) José Monteiro da Rocha, oração funebre de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra, acrescenta mais as seguintes observações, que muito honram a pessoa, em cuja honra se escrevia a oração funebre. « A opulenta região do

O marquez de Pombal se deu a si mesmo parabens por ter tanto acertado na escolha do reitor reformador. Elle bem o dissera ao corpo da universidade quando fôra executar os novos estatutos. « Com estes faustissimos fins deu o dito senhor a universidade o digno prelado, que até ao presente a governou como reitor com tão feliz successo, e que do dia da minha partida em diante a ha de dirigir como reformador. Confiando justamente das suas bem cultivadas lettras e das suas exemplares virtudes que não só conservará com a sua perspicaz attenção a exacta observancia dos sabios estatutos, de cuja execução fica encarregado; mas tambem que ao mesmo tempo a ha de illuminar com assuas direcções; a ha de edificar com a sua consummada prudencia; e a ha de annunciar com as fructuosas applicações a tudo o que fôr do maior adiantamento, e da maior honra de todas as faculdades academicas. » (*)

Pouco depois foi D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho eleito bispo de Coimbra, pela vaga que deixou D. Miguel da Annuniação; e recebeu ao mesmo tempo o titulo de conde de Arganil.

Brazil lhe deu o berço : e com justiça o Brazil se jacta menos do seu ouro e diamantes, do que de haver produzido varão tão singular. »

(*) Falla, que fez o marquez de Pombal, do conselho d'estado, vjsitador plenipotenciario, e logar-tenente d'El-Rey para a nova fundação da universidade de Coimbra, ao corpo da mesma universidade, convocada na sala grande dos paços d'ella, na tarde do dia 22 de Outubro de 1772. Publicada em Coimbra em 1773.

O desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho foi empregado ainda em tres commissões,—uma revisora do estado do erario e das leis fiscaes,—a segunda reformadora de leis civis, e a terceira para tratar dos ajustes da concordata, que o marquez de Pombal pretendia estipular com a curia romana, por intermedio do cardeal Conti, legado apostolico (*). Seus serviços a tanto maiores e mais elevados premios tinham direito, quanto um dos poucos foi que depois da morte d'El-Rey D. José I, e da demissão do marquez de Pombal, ousou conservar culto ao merito e á desgraça, e na qualidade de procurador da corôa mostrar constancia e firmeza de animo, salvando a memoria do illustre marquez de uma nodoa que lhe queriam pôr os tribunaes, e a dignidade e honra da rainha D. Maria I.^a do ferrete da ingratidão, em que de certo importaria a nodoa. (**)

(*) E porquanto o Dr. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, do meu conselho, desembargador do paço e procurador da minha real corôa, assim em rasão do seu officio, como principalmente pelas luzes claras e superiores que tem n'estas materias, as quaes elle com zelo e discrição, depois de ser o primeiro que n'estes tempos as cultivou, foi tambem o primeiro que procurou influi-las e derrama-las: hei por bem que assista e dirija as conferencias dos ditos ministros, sempre que para ellas fôr chamado—Decreto de 3 de Fevereiro de 1789.

(**) « Tendo presentes os relevantes serviços do Dr. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, do meu conselho, procurador da corôa desembargador do paço, assim no laborioso exercicio d'estes logares e que tem servido com fidelidade, desinteresse e fortaleza propria de um digno magistrado, como em outras commissões da maior im-

D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho foi um dos primeiros collaboradores da Academia Real de Sciencias de Lisboa, que deve sua fundação ao duque de Lafões. Algumas memorias para ella escreveu, já sobre questões theologicas e canonicas, e já sobre instrucção publica; entre ellas figura uma conta geral do estado da universidade de Coimbra, das vantagens da sua reforma e das providencias indispensaveis ao seu progresso que mereceu geral aceitação, e demonstraram cabalmente a sua erudição e o engenho.

O seculo xviii se terminou para D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho no meio de seus trabalhos de reitor reformador da universidade e de bispo de Coimbra; tranquillidade de

portancia, que lhe tem sido encarregadas, como foi dos estatutos da universidade de Coimbra, que formulou e illustrou para melhoramento dos estudos das sciencias maiores, mostrando n'este trabalho os seus vastos e solidos conhecimentos, com tanto aproveitamento dos meus vassallos, que os constituem como é notorio, &c. E querendo gratifica-los e remunera-los com a distincção que elles merecem, em combinação com os maiores que se tem remunerado na sua ordem, e provar-lhe juntamente a boa vontade com que assim o honro; hei por bem, &c., fazer mercê ao dito Dr. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, do senhorio da villa de Pereira na comarca de Coimbra, onde tem parte da sua casa; de uma alcaidaria mór das que houver vagas, e da commenda de S. Salvador de Serrazes na ordem de Christo, sita no bispado de Viseu, tudo em tres vidas: confiando do mesmo D. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, que hade continuar a servir-me como até agora o fez, e merecer como espero, que eu lhe responda competentemente, accrescentando-o com graça e mercês, como será justiça e rasão. Decreto 17 de Dezembro de 1792. »

espírito, socego d'alma, emoções suaves e deliciosas do sabio e do religioso, conservou constantemente, assistindo aos diversos espectaculos do mundo, que, como as ondas do mar, se amontoam e se revolvem uns sobre os outros, e uns aos outros se succedem. A morte do marquez de Pombal enluctou seus dias; fôra seu protector, e, embora decahido, d'elle era amigo D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho; no seu retiro da côrte por vezes o visitou, e na intimidade da conversação quanto não pensaram os dous homens illustres no destino cruel, que precipitava Portugal para sua ruina!

A esta dôr, a este soffrimento que a morte do seu amigo lhe causára, accresceu dôr mais cruel ainda, soffrimento mais duro, — a morte de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, — seu irmão pelo sangue, que o mesmo gyrava em as veias de ambos; — seu irmão pelos estudos e trabalhos; — seu irmão pela uniformidade moral de costumes, de educação e de vida; — seu irmão emfim pelo genio que animava a ambos e pelos elevados talentos de que haviam ambos sido dotados.

Como que ficou só no mundo. Fôra D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho de maneiras affaveis e prasenteiras, de semblante alegre e risonho; a morte de seu irmão lhe modificou os habitos, lhe enrugou o semblante, e lhe quebrou mesmo de alguma sorte as forças. Reconcentrou toda a sua intelligencia para o exercicio do seu sagrado ministerio; viveu no mundo como o

apostolo que não vivia para si, e sómente para o bem das ovelhas, cujo encarrego lhe pesava aos hombros, mas que accitava e praticava com a devoção do sancto.

Quando os Francezes entraram pela primeira vez em Portugal, no anno de 1807, deliberou o marechal Junot mandar ao imperador Napoleão uma deputação dos mais illustres Portuguezes. O velho bispo de Coimbra não podia escapar-lhe. A sua reputação lhe não perdoou a idade. O marechal Junot o obrigou a embarcar-se, e o remetteu para França com alguns outros conhecidos Portuguezes. Napoleão recebeu-os em Bayona, tratou com especial distincção ao bispo de Coimbra, folgou de praticar com elle, percebendo sua vasta erudição e seus talentos subidos. Depois de tres anno de residencia forçada em Franca, conseguiu D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho licença para retirar-se para Portugal, aonde apenas desembarcou no anno de 1810, conhecendo que era suspeito pela regencia de infidelidade a seu rey e á sua patria, requereu justificar-se; provou, e foi por sentença reconhecido innocente, e em triumpho no meio de festas e de applausos de todo o povo regressou para a sua amada diocese, e para a sua sempre querida universidade.

Sua idade e o isolamento do seu viver o retiraram da vida publica; o que desejava era o seu repouso; e o seu fim se limitava ao bem e moralisação das suas ovelhas, e ao progresso dos

estudos universitarios. Como bispo, foi de vida exemplar e de virtudes as mais puras; servio a igreja; honrou o baculo; foi util ao sacerdocio; e moralisou e instruiu a sua grey. Como reitor reformador da universidade, adiantou a instrucção publica, diffundio os conhecimentos, protegeu os talentos jovens e esperançosos, e ligou seu nome e sua gloria ao nome e á gloria da universidade que regêra e reformára. Como particular era o amigo do pobre e do rico, o homem de bem por excellencia, o symbolo da lealdade e da honradez.

Nunca fallava na sua patria, no seu Brazil, sem sentir um alvoroço, um entusiasmo, que se transfundia aos seus ouvintes. (*) A tanto tempo distante d'ella, guardava pura e illesa a sua lembrança, como a sua mais grata reminiscencia.

O Rio de Janeiro tinha dous filhos illustres em Portugal, ambos bispos, parentes um do outro; D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, bispo de Evora, e D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra. Com a aceitação do regimen constitucional, tendo de nomear seus deputados ás côrtes de Lisboa, de nem-um d'elles se esqueceu; a ambos outorgou seus poderes para o representarem.

(*) Palavras de um sermão que prégou, em 1822, em S. Vicente de Fóra, em Lisboa, um monge de Alcobaça, em louvor e honra de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra e conde de Argauil.

D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho tomou assento em côrtes, e como que esperando esta nova aureola para sua gloria, expirou alguns dias depois. D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho nem pôde tomar assento; suas molestias e sua idade lhe prohibiram o gosto de corresponder á expectativa de sua patria, e de cumprir o seu honroso mandato. Já todos os seus irmãos o haviam precedido no sepulcro, e a dous d'elles havia elle precedido no limiar da vida.

Em 22 de Abril de 1822 falleceu D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Coimbra e conde de Arganil.

VIII

JOSÉ DA SILVA LISBOA

§ 1.º

Foi venturoso o anno de 1640 para Portugal e para o Brazil. Coube a Portugal a fortuna de reivindicar a sua independencia e liberdade. Gozou o Brazil do direito de se governar por um vice-rey. Até ali dividido em capitánias, regendo-se cada uma pelo seu capitão general e governador, sem nexa, e nem concordia, marchava o Brazil como por seus proprios esforços,—esforços isolados, que tem pouca força e curto alcance. Era entretanto de tão elevada importancia o seu estado, que já os europeos voltavam da India os olhos para este solo do occidente, e reconheciam que aqui mais do que nos paizes asiaticos se pleiteava a causa da civilisação, e se encontravam os elementos necessarios do desenvolvimento d'ella, e da successão europea.

D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, foi o primeiro, que com patente de vice-

rey governou o estado do Brazil, constituindo a séde da administração a cidade da Bahia.

Infelizmente o governo Portuguez muitas vezes se deixava eivar de prejuizos erroneos, de receios imaginarios, e da desgraçada e fatal rotina dos tempos passados, que na proporção que distam dos presentes tempos, vão-se differençando e diversificando d'elles. Padeciam então os interesses do Brazil, porém soffria Portugal tambem.

Ao marquez de Montalvão succederam cinco governadores, não já na qualidade de vice-reys, apenas com as patentes de capitães generaes, restituindo-se a administração ao antigo estado, quando a marcha natural das cousas carecia de ser acompanhada de consentaneos melhoramentos da ordem politica.

E esses mesmos governadores se substituíam rapidamente, não havendo tempo para que podessem estudar e conhecer a administração publica.

Um segundo vice-rey, D. Vasco de Mascarenhas, conde de Obidos, governou até 13 de Junho de 1667, deixando por successor não outro vice-rey, mas Alexandre de Souza Freire, na qualidade ainda de capitão general, e a Alexandre de Souza Freire se seguiram onze capitães generaes.

Pareceria, — que o não era entretanto, — plano concertado e desenvolvido. Os vice-reys não se succediam. Uma interinidade no governo,

e ás vezes com longa distancia, se intercalava entre um e outro vice-rey.

Foi o terceiro, D. Pedro Antonio de Noronha, conde de Villa Verde e marquez de Anjeja, que tomou posse da administração que lhe fora confiada em 13 de Julho de 1714.

D'aqui por diante apparece mais regularidade nas substituições: diminuem as interinidades. O governo passa de uns a outros vice-reys, como auctoridades superiores. A Vasco Fernandes Cesar de Menezes succede o conde das Galveas, que tem por substituto D. Luiz Pedro Peregrino de Carvalho Menezes e Atayde. Em 1755 tomou posse D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, que governára a capitania de Pernambuco desde 1746 até 1749, e fora o primeiro capitão general da nova capitania de Goyaz.

Durante a administração illustrada do conde dos Arcos, nasceu na Bahia, em 16 de Julho de 1756, José da Silva Lisboa, filho legitimo do architecto Henrique da Silva Lisboa e de D. Helena Nunes de Jesus, e irmão do desembargador Balthasar da Silva Lisboa, de quem já tratámos em uma nota á vida de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.

Estava n'esse tempo a cidade da Bahia curvada sob o peso de enormes tributos que o senado da camara deliberára lançar sobre o povo, para o fim de corresponder á carta assignada pela mão d'El-Rey D. José I, que lhe fora dirigida, communicando-lhe o extraordinario e desastroso

terremoto que no dia 1.º de Novembro de 1755 destruiu Lisboa, e alguns outros pontos de Portugal. El-Rey appellára para o amor e zelo de seus vassallos, e lhes rogára o concurso que lhe podessem prestar para se reedificar a capital do reyno.

O senado da camara da Bahia reunido a 7 de Abril de 1756, sob a presidência do conde dos Arcos, decidiu que a capitania, que elle representava, concorresse com tres milhões de crusados, que se retirariam do augmento dos impostos, *ficando aos membros da junta (*) summo pesar de não poderem converter o sangue das proprias veias em abundantes cabedaes, para todos offerecerem espontaneamente a S. M., em signal da grande fidelidade, amor e zelo de seus vassallos.*

Foi o nascimento de José da Silva Lisboa em epocha notavel; sua infancia passou-se tambem no meio de occurrencias importantes e de inesperados acontecimentos.

Em 1758 participou o ministro Sebastião José de Carvalho e Mello ao conde dos Arcos, que os jesuitas pela opposição que haviam feito ao tratado de limites de 16 de Janeiro de 1750, estipulado entre as corôas Portugueza e Hespanhola, haviam sido por El-Rey privados dos

(*) São proprias palavras da redacção da acta que lavraram e assignaram todos os membros da sobredita junta, e que foi levada á presença d'El-Rey. Veja-se *Memorias Historicas* de Monsenhor Pizarro, e *Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia* por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

confissionarios e entrada no paço, e que S. M. obtivera da curia romana um breve, pelo qual nomeára o cardeal Saldanha reformador geral da companhia de Jesus, em todos os dominios portuguezes.

Decorrera apenas um anno, quando pela lei de 7 de Setembro de 1759, mandada cumprir e executar em todo o reyno e suas colonias, foram os jesuitas declarados rebeldes e traidores, proscriptos e desnaturalizados.

Representou-se então uma scena que a uns cubrio de lucto, e a outros causou alegria. Para os primeiros eram os jesuitas os protectores dos pobres, dos miseraveis e dos desvalidos; os medicos do corpo e da alma; os sacerdotes desinteressados que sómente faziam o bem, sem outra esperança mais do que a confiança em Deus, e na sua gloriosa missão: e ainda eram recommendaveis os jesuitas pelos grandes feitos que havia no Brazil praticado a companhia, pelos serviços importantes de José de Anchieta, de Manuel da Nobrega, de João de Aspicuelta Navarro, e de tantos outros illustres sujeitos que adquiriram renome e gloria, e eram credores do respeito e gratidão dos povos. Os jesuitas para os segundos não passavam de uma sociedade de homens ambiciosos, que pretextando intenções religiosas, cuidavam unicamente do engrandecimento de sua companhia, do dominio exclusivo da sociedade civil, e da centralisação em suas mãos de todo o poder e influencia mundana.

Uns sentiam que fossem os jesuitas perseguidos, e davam-lhes as honras do martyrio; outros se enthusiasmavam com a execução da ley, e a consideravam medida vital para o paiz.

Os jesuitas foram presos; atravessaram as ruas da Bahia no meio de numerosas escoltas, e pela frente de multidão extraordinaria de povo; cento e desasete jesuitas foram embarcados nas náus — *N. S. da Ajuda e N. S. do Carmo*, e remettidos para Lisboa em 18 de Abril de 1760.

Ao conde dos Arcos substituiu na administração o conde de Avintes, ultimo vice-rey do Brazil, que domiciliou na Bahia. A capital do estado foi transferida para o Rio de Janeiro. O conde de Azambuja e seus successores governaram a Bahia como capitães generaes.

José da Silva Lisboa seguiu na Bahia os estudos primarios e secundarios. Em Lisboa, para onde se passou em 1772, aperfeiçãoou os seus estudos secundarios, que constituem os preparatorios para a instrucção superior das universidades. Matriculou-se na universidade de Coimbra, e tomou o gráu de bacharel formado em direito canonico, lusindo desde logo sua primorosa intelligencia, quando em concurso e antes de formar-se, foi nomeado substituto das cadeiras das linguas hebraica e grega.

Pouco tempo se conservou em Portugal. Obteve provimento na cadeira de philosophia da cidade da Bahia, e regressou á sua patria, pre-

ferindo n'ella exercer este emprego a fóra d'ella occupar mais importante posto.

Era José da Silva Lisboa de animo propenso a todos os ramos dos conhecimentos humanos, que necessitassem trabalho aturado, estudos profundos e elevado raciocinio. A jurisprudencia sorria-lhe ao pensamento com todas as suas emaranhadas difficuldades. Com o estudo da jurisprudencia tomou gosto pelas sciencias moraes, philosophicas, e politicas. Desejando entregar-se a ellas inteira e livremente, dirigio-se de novamente a Lisboa em 1797, conseguiu sua jubilação, e voltou pouco tempo depois á Bahia, incumbido do cargo importante de deputado e secretario da meza da inspecção.

A meza da inspecção era nova para a cidade da Bahia; considerou o governo portuguez que iguaes vantagens tiraria com o seu estabelecimento as que colhia das mezas da inspecção de Lisboa e do Porto. José da Silva Lisboa teve occasião n'este emprego tão importante de prestar serviços os mais valiosos ao commercio e á agricultura da Bahia.

Aproveitava os momentos do repouso que lhe dava o emprego, para se consagrar aos estudos; sua erudição era vasta em todas as divisões e subdivisões do direito. Conhecia perfeitamente o direito civil, o canonico e o commercial; annexava a estes estudos a acquisição da economia politica, sciencia, que se popularisava depois dos trabalhos de Adão Smith, de Alexandre

Verri e de Cesar Beccaria; sabia a historia e a litteratura de todos os povos; era verdadeiramente espantosa tanta erudição!

Em 1801 publicou a primeira edição do seu tratado de Direito Mercantil.

Em 1804 deu á luz os seus principios de Economia politica.

Obrigado o principe regente D. João a abandonar suas terras de Portugal, e a no Brazil procurar abrigo contra as invasões de Napoleão, o primeiro porto em que tocou foi o da Bahia. José da Silva Lisboa accompanhou-o para o Rio de Janeiro. Foi nomeado professor de economia politica, e deu logo provas da acertada escolha, publicando a defeza da Carta Regia de 24 de Janeiro de 1808, pela qual se abriu os portos do Brazil a todas as nações amigas de Portugal.

Ideias erradas, interesses adquiridos e inveterados usos, combateram as novas doutrinas, e pratica que fundava a Carta Regia de 24 de Janeiro de 1808. O Brazil apparecia á Europa como um novo mundo que attrahia as vistas e a attenção geral pela magnificencia de seu solo, e riqueza de suas producções. O Brazil era ignorado; nem-umas as suas relações commerciaes afora com Porto e Lisboa; e repentinamente vio o Brazil diante de si Hamburgo e Londres, Havre e Liverpool, Trieste e Amsterdam, Cork e Marselha, Genova e Barcelona, Swanzea e Boston, New-Yorck e Antuerpia. O cego reganhava a vista, o invalido a saude e a força.

As observações sobre o commercio franco — publicadas no Rio de Janeiro em 1808, constituem um grande serviço que José da Silva Lisboa prestou ao seu paiz. Foi obra geralmente lida, e que muito influio sobre as ideias do povo.

O Brazil, elevado á cathegoria de reyno-unido, teve tribunal da junta de commercio, agricultura, fabricas e navegação; as necessidades do paiz, tão especiaes e variadas, poderiam unicamente ser satisfeitas com remedios que no proprio seio existissem. A residencia da côrte portugueza no Rio de Janeiro, ao passo que creou novos interesses e necessidades, concorreu de maneira poderosa para o engrandecimento material, e progresso da civilisação do Brazil.

José da Silva Lisboa, de illustração respeitada, e de luzes por todos reconhecidas, não podia ficar esquecido pelo governo. Foi nomeado deputado da junta do commercio e agricultura; recebeu importantissimas commissões, quer scientificas, quer fiscaes, que lhe confiava o governo, já para organizar regulamentos commerciaes, já para inspecionar os estabelecimentos litterarios, e as obras que se destinavam ao prélo.

Com a retirada do principe regente para Lisboa, com os graves acontecimentos que se realisaram no Brazil, e que deram em resultado a sua independencia politica, e a sua liberdade, teve de accender-se em José da Silva Lisboa, homem até então de gabinete, o desejo de se

atirar na arena dos combatentes, e de entrar para a vida tumultuosa e agitada das occurrencias politicas, vida que devora os mais brilhantes talentos, e deteriora as intelligencias as mais elevadas.

A vida publica é o iman que attrahe as ambições do espirito e do pensamento; quantos desgostos e amargores porém são d'ella infallivel consequencia? E não ha forças humanas que do seu turbilhão arranquem aquelles que uma vez lhe saborearam o veneno subtil, e se deixaram enlaçar pelos abraços enganadores, e fallazes caricias com que ella illude, prende e arrasta.

José da Silva Lisboa se numerou na phalange dos Brasileiros que desejavam a independencia do seu paiz. Sua paixão era escrever; a sua natureza physica e o seu character lhe não proporcionavam outros recursos para servir á causa que abraçára. Escreveu diversas folhas periodicas, no intuito de dirigir e encaminhar o espirito publico para o serviço da causa da independencia do Brazil (*).

Conseguida a independencia do paiz, fez parte José da Silva Lisboa do primeiro parla-

(*) Numeraremos entre outras as seguintes folhas periodicas e avulsas que elle publicou.

1.º Conciliador do Reyno-Unido, 1821.

2.º Reclamações do Brazil, 1822.

3.º Causa do Brazil, 1822.

Imperio do Brazil, 1822.

Roteiro do Brazil, 1822.

Atalaia, 1823.

mento Brasileiro, conhecido pelo nome de Assembléa Constituinte.

Como deputado pertenceu ao partido adverso ao ministerio de José Bonifacio de Andrada e Silva (*). Foi do numero dos oradores que se tornaram notaveis, já pela erudição que apresentava, já pelo vigor da phrase que empregava, já pelo calor e convicção, que patenteava na defeza de suas doutrinas.

Dissolvida a constituinte, e outorgada por D. Pedro I a nova constituição politica de 1825, José da Silva Lisboa entrou para o senado, apresentado em lista triplice pela sua provincia, e pelo imperador justamente escolhido.

José da Silva Lisboa foi amigo particular de D. Pedro I, e um brilhante ornamento da camara a que pertencia, quer pela independencia e boa fé de suas ideias, quer pelas suas luzes e talentos, quer enfim pela eloquencia oratoria.

Como politico, pertenceu toda a sua vida ao partido monarchista, conservando o justo meio entre a força do governo e a liberdade do povo. Esta não tinha para elle aquelles exaggerados encantos e extremas seducções que tantos enthusiasmos causam em todos os paizes. A liberdade para elle estava ligada com a ordem; marchava lenta e tranquillamente, não se assemelhando á

(*) Na vida de José Bonifacio de Andrada e Silva se encontra a historia e doutrinas dos partidos politicos d'essa epocha tão notavel; tanto os actos do ministerio, como os desejos dos seus adversarios, são minuciosamente analysados.

desenfreada demagogia, que exerce seus furores nas praças publicas, e no meio de vociferações, como a retratara a revolução franceza de 1789. O poder centralizado e forte para direcção regular da sociedade, mas limitado na acção de praticar o mal, quando o pretendesse, era a seus olhos o mais util, garantidor e perfeito governo para para qualquer nação.

Estas ideias medias, que eram as de sua convicção, na pratica e na theoria se sustentavam. Senador do imperio, vivendo sob um regimen liberal, respeitava-o, cumpria-o, defendia-o: caracteres convencidos, firmes e de alguma sorte estoicos, como o de José da Silva Lisboa, temem sempre as mudanças, e preferem uma conservação e tranquillidade presente a eventualidades ainda que esperançosas, embora mesmo o estado presente não mereça sua plena approvação.

Na historia dos partidos politicos, em que se retalhou o Brazil, depois da outorga da constituição de 1825, lê-se o nome de José da Silva Lisboa, occupando logar n'aquelle que combatia as exagerações de todos os lados, e procurava reunir throno e liberdade; combatia os excessos de alguns ministeriaes, e as doutrinas democraticas que lançava no paiz o partido republicano.

E foi de uma actividade espantosa o seu espirito; senador, não faltava á sua camara; orador, tomava parte em todas as discussões importantes. Instrucção publica, finanças, theorias politicas, jurisprudencia, tudo analysava, e em tudo pa-

tenteava instrucção e talentos da primeira plana. Escripitor, no repouso do gabinete escrevia ainda, e publicava importantes memorias sobre muitos e variados objectos (*), já politicos, já philosophicos, já litterarios, e já emfim mesmo religiosos.

D. Pedro I concedeu-lhe o titulo de visconde de Cayrú, deu-lhe commendas de diversas ordens do imperio, aposentou-o no supremo tribunal de justiça, e em toda a parte por elle patenteava a maior consideração e amizade.

(*) Entre varios escriptos de José da Silva Lisboa referiremos os seguintes :

Discurso sobre a franqueza do commercio de Buenos-Ayres, 1810.

Observações sobre a franqueza da industria e fabricas no Brazil, 1810.

Propriedade do Brazil pelos principaes liberaes da nova legislação, 1811.

Ensaio sobre o estabelecimento de bancos, 1811.

Memoria contra o monopolio da companhia dos vinhos do Alto Douro, 1811.

Extractos de Edmundo Burke, 1812.

Memoria da vida politica de lord Wellington, 1815.

Memoria dos beneficios politicos d'El-Rey D. João VI com synopse da sua legislação, 1818.

Estudos do bem commum e economia politica, 1820.

Selecta de pensamentos do padre Antonio Vieira, 1820.

Constituição moral ou deveres do cidadão, 1825.

Escola Brasileira, 1826.

Leituras de Economia politica, 1827.

Causa da religião e disciplina ecclesiastica do celibato clerical, 1828.

Historia dos principaes successos politicos do Brazil, 1829.

Cartilha da escola Brasileira, 1831.

José da Silva Lisboa queria antes servir ao imperador do que agradar-lhe. Censurava-o por vezes e com toda a franqueza. Combatia todos os seus ministerios extremos, porque espirito atilado via, que quando um soberano se torna não soberano de todos, mas soberano ou chefe de um partido, o perigo é certo, e os resultados hão de ser infallivelmente os mais fataes para a corôa e para o paiz.

Em 1830, exigindo o partido democratico o direito de fusão das duas camaras legislativas, para nullificar o senado, que é entretanto o sustentaculo das instituições do paiz, e a garantia da corôa, D. Pedro I estremeceu diante das ameaças do partido revolucionario. Elle proprio pediu aos senadores seus amigos que cedessem ás exigencias da camara dos deputados. José da Silva Lisboa unico se rec. sou ao pedido do monarcha, porque José da Silva Lisboa leu no futuro, que não só do passo imprudente do imperador, — passo que o obrigaram a dar os seus inhabeis ministros, — passo que o retirára da sublimidade do throno para o collocar na arena dos partidos, — senão tambem da condescendencia timorata do senado, resultariam os males sem conta, que desgraçadamente se realisaram.

E estes erros de D. Pedro I, procedidos mesmo da bondade de seu animo, e das excellentes qualidades que o ornavam, mas que o levaram a receber ministerios extremos, a querer passar por chefe ou director de um partido, pensando

por este modo nullificar os outros partidos, e a servir de instrumento de perseguição dos mais conspicuos dos seus amigos, d'aquelles que não sabiam agradar-lhe por meio de adulações, mas que sómente o queriam servir, e servir ao paiz, prepararam os elementos revolucionarios de 1831.

José da Silva Lisboa sentio profundamente a revolução de 7 de Abril de 1831, si bem que a prognosticasse. Não perdeu porém o animo. Resistio e oppoz valente barreira a todas as tendencias democraticas, que dominaram o paiz, e o pretenderam subverter: como senador não temia fallar; sustentava com denodo e energia a causa das instituições ameaçadas pela lava popular; sua eloquencia e convicção obraram prodigios, pois que o senado por vezes com suas deliberações salvou o paiz, e a energia de José da Silva Lisboa se deve a tão vantajosos resultados. Com seus escriptos, que quotidianamente publicava (*), instrua o povo sobre seus verdadeiros interesses, concentrava sua força, e mostrava-lhe o remedio da salvação: e estes escriptos produziam no povo o effeito admiravel que no senado produziam seus discursos.

E que tempos criticos para o Brazil foram esses que succederam á revolução de 7 de Abril de 1831!

(*) Entre os seus escriptos d'esta epocha contam-se os seus artigos inseridos no *Diario do Rio de Janeiro*; o — Manual de Politica Orthodoxa — publicado em 1832, e a — Arte de Reinara — publicada em 1833.

A natureza humana não resiste porém a tão duros e prolongados combates. A tribuna principalmente matta os homens politicos; e a tribuna é o seu throno, o seu capitolio, e a sua gloria. Almejam-na e ambicionam-na, como o bem o mais appetecivel e precioso. E no campo serrado do nosso forum politico são os oradores dedicados á sorte dos companheiros de Leonidas. As avenidas da tribuna nacional tornam-se para elles as Thermopilas do systema representativo.

Os mais graves acontecimentos, que levaram ao cumulo a magoa de José da Silva Lisboa, tiveram lugar nos ultimos mezes do anno de 1833, e durante os annos immediatos de 1834 e 1835. O seu amigo José Bonifacio de Andrada e Silva foi removido de tutor do joven imperador e de suas augustas irmãas, e arrancado á força dos paços imperiaes; as doutrinas democraticas transbordaram a sociedade, trouxeram-lhe o acto addicional á constituição politica do imperio; as forças de José da Silva Lisboa começaram a desampara-lo: dôres e desgostos o perseguiram nos ultimos dias da vida.

José da Silva Lisboa falleceu no Rio de Janeiro em 20 de Agosto de 1835.

§ 2.º

Deve José da Silva Lisboa seus titulos mais recommendaveis de gloria ás obras que escreveu acerca do — Direito Mercantil, e da — Economia

politica. Para podermos avaliar em seu justo preço o merecimento d'estes importantes escriptos, convém-nos não só estudar as sciencias no estado em que actualmente se acham, senão tambem procurar conhece-las no estado em que se achavam na epocha contemporanea de José da Silva Lisboa.

Qualquer d'estas duas sciencias podem-se considerar modernas.

O Direito Mercantil sumia-se entre os Romanos no Direito Civil; as regras, as noções e os principios porque se regulavam as transacções commerciaes, não eram excepçoes, por assim dizer, como nos tempos presentes, derivadas dos principios, noções e regras de Direito, e das usanças, costumes e estylos do proprio commercio. Os meios para se conseguir a sancção legal, eram os meios ordinarios do Direito Civil, sem que isempções de privilegios, tribunaes, acções e processo fossem peculiares, como convém, e actualmente se adopta, com a rapidez e necessidades do commercio. Era a rasão que nos tempos antigos o commercio, si bem que fizesse a fortuna dos Phenicios, Carthagineses, Rhodios e de outros povos, não merecia consideração dos estados guerreiros, que unicos adquiriam e espalhavam a gloria.

Igual rasão se dava para que a economia politica se não tornasse a base de estudo e consideração particular, e não formasse uma sciencia, como o fórma na actualidade.

Venesa, Genova, Pizza e Marselha se elevaram na idade media pelo commercio; o Oriente lhes abria seus thesouros, communicando-se pelo Egypto e pelos portos da Asia Menor. Lisboa e Cadiz roubaram-lhes grandes riquezas com os descobrimentos da Asia, Africa e America; a Hollanda e a Grã-Bretanha substituiram a todos estes povos no sceptro do commercio.

Nem nos tempos antigos, e nem durante a idade media, eram conhecidas como sciencias especiaes o Direito Mercantil e a Economia politica. Noções dispersas, sem nexo e nem regularidade, não formam um corpo de doutrinas, como necessita uma sciencia. O Direito Mercantil e a Economia politica podem-se dizer que nasceram nos tempos modernos, irmãs na idade, irmãs no destino, e irmãs na necessidade que d'ellas reconhecem todos os povos modernos.

O augmento das publicas riquezas, o desenvolvimento do commercio, a marcha progressiva da navegação, as multiplicadas transacções que de uma a outra parte do mundo se estenderam e se ligaram, levaram os governos e os povos a applicar-se a profundos estudos de tão importantes materias, os quaes deram em resultado o nascimento das duas sciencias, que fazem progressos de dia em dia, e cuja lição cada vez se torna mais necessaria a todas as classes da sociedade.

Deixando de parte os demais escriptos de José da Silva Lisboa, — com os quaes conseguiu entre-

tanto nomeada extensa dos seus contemporaneos, e tambem patenteou os seus elevados talentos, — trataremos unicamente de louvar as suas duas obras capitaes de — Direito Mercantil —, e de — Economia Politica.

Actualmente mais facil seria a composição de um bom livro acerca do Direito Mercantil ou de Economia Politica, do que o era no tempo em que escreveu José da Silva Lisboa.

Começava o seculo XIX. Não tinham apparecido Simonde de Sismondi, João Baptista Say, Ricardo, Mac Culloch, Rossi, Flores Estrada, Theodoro Fix, Melchior Gioia, Ganilh, Storch, Lotz, Zachariae, Boulay Paty, José Ferreira Borges, Pardessus, Wollgrang, Heeren, Bender, Eduardo Chity, Kent e Moritz, que com seus escriptos tanto concorreram para o adiantamento de ambas as sciencias.

O Direito Commercial tem caracter e natureza peculiares; é cosmopolita como as necessidades do commercio que o crearam. Não considera os homens em um só povo, como o fazem o Direito Civil, o Direito Criminal e o Direito Administrativo; considera-os a todos e em todos os paizes e nações. O Europeo, o Americano, o Asiatico e o Africano, todos lhe parecem eguaes, porque o Direito Commercial trata de dirigir as relações commerciaes que entre si ligam os povos da terra. Não póde chegar a sua perfeição a sciencia do Direito Commercial, emquanto não houverem universalidade e unidade em todas

as nações do mundo, porque a legislação commercial tende por sua natureza a ser geral e universal.

A economia politica sendo a sciencia, que não só comprehende a formação, desenvolvimento e accrescimento das riquezas publicas e particulares, senão tambem a administração, e gestão dos negocios do estado, na sua mais ampla accepção, com os progressos da civilização, com o derramamento das luzes em todos os paizes, com a perfeição das industrias, e com a extensão das transacções mercantis, crescerá e desenvolver-se-ha, sendo como é tambem uma sciencia de progresso.

Na epocha porém em que escreveu José da Silva Lisboa, quer a Economia Politica, quer o Direito Commercial, não tinham conseguido o desenvolvimento que possuem actualmente.

A Economia Politica era ainda o infante que balbuciava as primeiras palavras. Adam Smith fora senão o seu creador, ao menos aquelle que mais importantes serviços lhe prestára, formando um claro e bem desenvolvido corpo de doutrinas que permaneceu e permanece ainda como a base de sciencia. Filangieri e Beccaria, Quesnay e Turgot, Law e Verri, Colbert e Necker, haviam apenas tratado especialidades d'ella.

O Direito commercial começava tambem a receber o seu character de especialidade e universalidade, que tanto o distingue e constitue sciencia tão peculiar. Especialidades d'elle existiam

espersas, já nos estatutos e costumes das cidades marítimas (*), já nas leys de Oleron (**), já no Consulado de Mar (***), já na Guia do

(*) As cidades marítimas do Mediterraneo na idade media tinham nos seculos XIII e XIV sua compilação de usos e costumes commerciaes, escriptos pela maior parte em latim, lingua que apesar de familiar nos sabios e jurisconsultos, já parecia morta, succedendo-lhe os diversos dialectos, de que resultaram as linguas modernas. Barcelona, Valença, Pizza, Venesa, Genova, Marselha, possuíam estas collecções de costumes locais, de onde emanaram os dous primeiros monumentos de jurisprudencia marítima europea, o Consulado de Mar, e as leys de Oleron. *Pütter Beitrag zur Voelkerrechts-Geschichte und Wissenschaft*, §§ 149, 153. *Hallam Middle Ages*, vol. 2.º pag. 2.ª. *Ducange, Collection des diplomes. Martens prises et reprises. Muratori Dissertat.*

(**) Bordeos, cidade de França, situada sobre o rio Garonna, tinha vasto commercio com os mares do Norte, e com a Hespanha; era o porto para a reunião dos navios a ilha do Oleron, na fôz da Gironda. Ali no anno de 1266 se estabeleceu uma collecção de costumes e usos mercantis, conhecida pelo titulo de — Leys de Oleron — *Rooles d'Oleron* —, que tiveram força executiva, em muitas partes da Europa; e especialmente no commercio d'ali, não por ordens de governos ou auctoridade, mas em virtude do poder e necessidades do commercio.

(***) A collecção de usos e costumes intitulada — Consulado de Mar — que appareceu nas cidades marítimas da Italia, França e Hespanha, no principio do seculo XIII, e cuja paternidade os escriptores francezes avocam injustamente para Marselha, é uma das mais importantes e curiosas collecções de leys marítimas, que estabeleceu principios emanados dos usos, praxes e costumes commerciaes, dos quaes muitos vigoram ainda hoje, e que regeram quasi todo o commercio do Mediterraneo e do Oriente.

A guerra marítima na idade media confundia-se com a pirataria na pratica barbara, que nem-uma selecção fazia de amigos e inimigos. O consulado de mar fixou as operações da guerra marítima. *Pardessus e Henrique Heaton (Collection des lois maritimes e Right of nations)*, sustentam que o Consulado de Mar foi redigido em

Mar (*), já no Codigo Mercante (**), já no Codigo da Marinha (***), já nas Ordenações de Bilbáo (****), já nas Ordenações de Wisbuy (*****), já nas da Liga Anseatica (*****), e já emfim em diversos actos do parlamento Britanico (*****). Alguns auctores

Barcelona na lingua romana, dialecto semelhante ao das provincias da Catalunha. O Consulado de Mar é o monumento mais antigo de jurisprudencia maritima.

(*) A Guia do Mar — apellidada por Henrique Heaton — *Hist. du droit des gens—Guidon de la mer*— é uma collecção de leys posterior de alguns seculos do Consulado de Mar e das leys de Oleron. Pardessus assegura que é a sua redacção do seculo XVI, e que foi composta por juriconsulto, cujo nome se perdeu. — *Collection des lois maritimes antérieures au XVIII siècle* 1.º, 2.º— As Ordenanças de Luiz XIV são pela mór parte extrahidas da Guia do Mar. — *Muratori-Antiquitates italicæ mediæ ævi*, tom. 4.

(**) É uma Ordenança Franceza de Março de 1763, que contém principios luminosos, muitos dos quaes são collidos nas Leys de Oleron.

(***) Publicado em 1781 em França, como complemento da Ordenança de 1763, que tinha o titulo de codigo mercante.

(****) Collecções de decisões Hespanholas sobre o commercio maritimo muito conhecidas e reputadas, extrahidas das leys de Barcelona de 1484, dos estatutos de Florença de 1523, e das outras leys que regiam então o commercio europeu; ainda actualmente as ordenanças de Bilbáo se cumprem no Mexico e nos Estados Americanos Hespanhóes.

(*****) As Ordenanças de Wisbuy regeram todas as nações do norte da Europa, e foram a base das ordenanças das cidades da liga Anseatica Lubeck, Hamburgo, Bremen e Colonia: é do seculo XIII para o seculo XIV.

(*****) As Ordenanças da liga Anseatica que comprehendia Lubeck, Hamburgo, Bremen e Colonia, são extrahidas das Ordenanças celebres de Wisbuy.

(*****) São tantos os diversos actos do parlamento Britannico, publicados para o fim de promover o commercio, desde que a Grã-Bretanha começou a tornar-se nação commerciante e maritima,

como Valin, Allan Park, Azuni, Emerigon, Fergusson, Grocio, Alberico Gentil, Rynkersœck, Oleirac, João Millar, Wesketh, Baldasseroni, Blakstone, Balthasar Ayala, Stracha, Hevia, Heineccio, Pothier e Targa, haviam deixado escriptos importantes acerca de diversas questões do Direito Commercial. Não tinha porém ainda o seu corpo de doutrinas que o fizessem reconhecer como uma sciencia especial, e que destacasse e fundasse os seus principios peculiares e seus proprios fundamentos.

Como economista pôde José da Silva Lisboa não ser lido na actualidade, e apenas lembrado, como outros muitos economistas, pelo facto de estar actualmente a sciencia muito avançada; seu nome conservar-se-ha porém na historia como um d'aquelles que concorreram para o progresso da sciencia. É a sorte de muitos sabios, cujos escriptos e descobrimentos servem para a primeira geração de seus successores, mas que passada ella, já se não lêem suas obras, porque os mais modernos aperfeiçoaram a sciencia, e apenas se guarda o respeito á memoria d'elles. Quem lê hoje o que escreveram sobre Economia Politica Beccaria, Filangieri, Turgot, Verri, Campomanez ou Genuense? Entretanto ficam-lhes seus nomes na historia da sciencia, como ficará o de José da Silva Lisboa.

que não ha espaço para numerá-los. O mais celebre é o acto da navegação de 23 de Setembro de 1660, que os Inglezes intitulam o seu palladio.

Algumas partes da sciencia foram tratadas por elle em artigos especiaes, e receberam amplo e luminoso desenvolvimento; a theoria dos bancos que se não conhecia então tão simplificada, e portanto tão aperfeiçoada como na actualidade, e a theoria do commercio franco, que tão disputada fora no tempo de Grocio e Selden (*), foram publicadas por elle, e confiam-nos o conhecimento do estado, em que se achavam no seu tempo, para se notar a differença e progresso da sciencia.

Não se póde dizer que José da Silva Lisboa illustrasse a sciencia da economia politica com novos dados ou descobrimentos; mas é certo que elle estudou e comprehendeu tudo o que se escrevera antes d'elle n'esta sciencia, e que soube desenvolver as luminosas ideias que recebera, com ordem, regularidade e clareza, organisando-as como anneis de uma cadeia que se ligam, e conseguindo para ella chamar a attenção do povo, e derrama-las por todas as classes da sociedade.

Acerca porém do — Direito Mercantil — é maior

(*) Hugo Grocio escrevendo em 1634 a sua obra — *Mare liberum* — teve por competidor Selden, que em 1635 respondeu-lhe com outra intitulada — *Mare clausum*. Anteriormente á estes já taes questões haviam sido bem debatidas entre Francisco Victoria — *Relectiones theologicae*, Francisco Suarez, *De legibus ac Deo Legislatore*, e Conrad. Brunus, *De legationibus*. Vide Hallam, *Introduction to the litterature of Europe in middle ages*, vol. 2.º Pütter, *ausserordentlicher Professor der Rechtswissenschaft an der Koenigl. Univ. zu Greifswalde*, *Beitrag zur Voelkerrechts-Geschichte*.

a gloria de José da Silva Lisboa. A elle cabe indubitavelmente o direito de haver sido o fundador da sciencia em Portugal e no Brazil. Seu tratado foi o primeiro que se publicou em lingua portugueza.

E com este tratado formulou um systema desenvolvido e completo da sciencia. Não existiam ainda as grandes codificações europeas que são o resultado pratico das theorias: conservavam-se em algumas nações os regimens de antigas ordenanças, de decretos governativos, de deliberações parciaes, sobre que os escriptores haviam estabelecido os seus commentarios. De todas as ordenanças, deliberações, decretos, escriptos e commentarios conhecidos colheu José da Silva Lisboa os dados e bases, sobre que assentou o edificio da sua obra.

Antonio Gouveia, João das Regras, Pascoal José de Mello e Freyre, Manuel de Almeida Lobão e João Pedro Ribeiro, haviam sido affamados jurisconsultos; é porém o Direito Mercantil uma sciencia moderna que elles não haviam perfeitamente conhecido, senão nos diversos principios que tinham similitude com o direito civil. Foi José da Silva Lisboa o creador do Direito Mercantil em Portugal, e levou tão longe a sua obra, que é ainda actualmente, e será no futuro consultada por todos os sujeitos que se dedicarem a esta sciencia, porque ha partes d'ella excellentemente tratadas, e perfeitamente desenvolvidas.

E quanto avançado não está entretanto o estudo

do Direito Mercantil? Como se não tem desenvolvido todas as questões que dizem respeito quer ás negociações, transacções, direitos, deveres, onus, obrigações do mar, quer aos direitos, deveres e transacções de terra? Ligado com o Direito das Gentes por vinculos estreitos, dando braços ao Direito Civil e ao Direito Criminal, e relacionado com o Direito Publico, fórma actualmente o Direito Mercantil parte dos necessarios estudos para todas as classes de cidadãos, para os militares de diversas armas, para os commerciantes, para os legisladores, para os ministros, para os diplomatas, para os reys e para todos os seus subditos.

Depois da publicação da obra de José da Silva Lisboa appareceram varios tratados de Direito Mercantil em algumas linguas europeas, especialmente na ingleza e na franceza; formularam-se os diversos codigos commerciaes europeos, Codigo Francez (*), o Codigo Hespanhol (**), o Codigo Hollandez (***), o Codigo Portuguez (****) e o Codigo Sardo (*****), e uma necessidade immensa sentem todas as nações de systematisar e codificar as suas legislações commerciaes. No nosso seculo todas as nações se procuram, se approximam e tendem a provei-

(*) Publicado em 1807.

(**) Publicado em 1829.

(***) Publicado em 1832.

(****) Publicado em 1833.

(*****) Publicado em 1843.

tar-se mutuamente dos trabalhos, descobrimentos, e experiencias umas das outras. Este movimento por ellas todas posto em execução, deve de produzir influencia sobre as sciencias e as letras: todas necessitam de uma identica legislação commercial e maritima, para melhor conseguirem os vantajosos resultados e beneficios de suas relações mercantis, que com o andar do tempo, com a conservação da paz, com o progresso das industrias, e com o augmento das riquezas publicas e individuaes, tem de crescer espantosamente.

O mundo como que se transformã; os melhoramentos materiaes galopam; os progressos da industria atemorizam, e o commercio marcha com tão agigantados passos, que é hoje o commercio a vida e a alma das nações. Sem commercio não ha hoje nação que subsista. A Inglaterra é a maior das nações do mundo, porque é a mais commerciante.

José da Silva Lisboa concorreu com todas as suas forças para que o Brazil e Portugal conhecessem seus interesses e suas necessidades, e tratassem de satisfaze-las. Seus escriptos não tinham outro fim senão illustrar o povo e guia-lo na obtenção da maior somma de bens.—Ao commercio—ao commercio clamava-lhes elle e com razão, porque só o commercio póde elevar o Brazil e Portugal, nações que possuem costas tão vastas, e portos tão appropriados, á grandeza e prosperidade a que tem indisputavel direito, e mesmo dever rigoroso.

José da Silva Lisboa comprehendeu a marcha do seculo: nos passados tempos era possivel a uma nação adquirir nome e gloria pelas armas ou lettras. Battia-se nos campos, illustrava-se nas guerras, enriquecia-se nas conquistas, e no fim das victorias, terrenos, exercitos, povos, armadas dos vencidos faziam parte dos seus triumphos, como despojos opimos. Ou então enchia o mundo com seus poetas, com seus litteratos, com seus philosophos e com seus sabios, e como a Italia ou a Grecia obtinha por este meio a reputação que ambicionava. No seculo que corre porém, a situação é outra; o commercio invadio tudo; as riquezas são a ambição geral das nações e dos particulares; para se obter riquezas não ha outro meio senão a paz, porque unicamente com ella as transacções germinam e crescem, unicamente com ella se podem manter e conservar as relações mercantis.

José da Silva Lisboa dividio sua obra em tratados especiaes. O primeiro descreve a theoria e a pratica de seguros maritimos, na sua formação, dissolução e execução, contracto de que nem-uma ideia tiveram as antigas nações da Europa, mesmo aquellas que mais se empregavam no commercio (*), e cuja invenção geralmente se attribue aos judeos, quando em 1182 foram banidos da França, e se espalharam pelas

(*) Grotius.—De Jure belli — Lib. 2, cap. 2.º — Rynkersoek — questiones de Jure publico — Lib. 1, cap. 21.

diversas nações da Europa (*), e cuja perfeição se deve aos commerciantes de Venesa, Pizza, Marselha, Genova e maritimas cidades da Italia.

A parte da obra que trata da theoria e pratica dos seguros nada deixa a desejar.

O segundo tratado é relativo ás lettras de risco ou cambio maritimo. Ainda no primeiro tratado encontrou algumas deliberações do governo Portuguez, como o Alvará de Regimento de 1796, o de Declaração e Ampliação de 9 de Maio de 1797, assignados por D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, e algumas varias decisões de outros ministros. Pouco, muito pouco porém encontrou de legislação portugueza para fundamentar a parte que tratava das lettras de risco. Usou porém do direito que a ley de 18 de Agosto de 1769, e alvará 2.º de 16 de Dezembro de 1771 garantem, de seguir-se as leys, usos e costumes das nações civilisadas, nos casos ommissos das leys portuguezas. As Ordenanças Francezas, as de Bilbáo, e o Codigo Maritimo da Russia publicado em 1786 por Catharina II, forneceram-lhe os melhores materiaes.

Tanto este segundo tratado como o terceiro, que falla da theoria das avarias, que é parte connexa dos seguros; o quarto que se refere as lettras de cambio; e o quinto que discute e demonstra todos os demais contractos mercantis,

(*) Tambem os judeos se attribuem pela mesma epocha a invenção das lettras de cambio.

encerram as mais claras noções, e o desenvolvimento plenário da materia.

O sexto tratado é baseado na policia dos portos e alfandegas, contendo as principaes regras de Direito Maritimo, em tudo o que toca a navios, seus proprietarios, carregadores e interessados, e a gentes do mar. É a parte menos desenvolvida da obra, e que deve de sujeitar-se á revisão e correccão. A sciencia tem de então para cá feito progressos taes, e especialmente nas questões maritimas, para cuja solução é tão necessario o conhecimento do Direito das Gentes, que José da Silva Lisboa, si bem que nos anteriores tratados de que fallamos, talvez si escrevesse actualmente, muito pouco teria de acrescentar, — no que diz respeito a alfandegas e policia de portos, grande reforma teria de effectuar certamente.

O setimo e ultimo tratado refere-se ao processo das causas commerciaes e aos tribunaes do commercio. José da Silva Lisboa comprehendeu a necessidade para o commercio de um processo summarissimo e de tribunaes especiaes. Sem summariedade nas discussões e julgamentos das causas, sem juizes proprios e privativos, perde o Direito Commercial o seu character peculiar, e confunde-se com o Direito Civil. Estabelecendo esta theoria por todos actualmente abraçada, José da Silva Lisboa avança a respeito da pratica opiniões que necessariamente teria abandonado, si na epocha presente tivesse de rever a sua obra. Em Portugal não haviam nem

processos e nem tribunaes que se podessem appellidar verdadeiramente especiaes do commercio. Nas demais nações da Europa appareciam anomalias que não offereciam nem-uns esclarecimentos. Tudo se tinha a crear, e como sem a experiencia da pratica poderemos judiciosamente accusar as opiniões que na boa fé emittira?

O Direito Mercantil de José da Silva Lisboa, tem tambem uma grande e notavel falta. É indubitavel que as quebras e banca-rotas constituem actualmente uma das suas partes mais interessantes. José da Silva Lisboa nada fallou d'ellas, talvez porque entendesse que existindo em Portugal a Legislação criminal do livro 5.º das Ordenações Philippinas, não convinha especialisar tanto o Direito Mercantil, comprehendendo tambem as infracções culposas dos seus contractos, e a penalidade pelas leys sancionada contra ellas. É entretanto na actualidade reconhecido que pela sua natureza, pelo seu character exige o Direito Mercantil principios especiaes, e processo peculiar para todas as suas partes, incluindo mesmo a parte criminal e sancção penal relativa aos actos exclusivamente commerciaes.

As boas qualidades encontram-se em maxima parte n'esta obra tão importante de José da Silva Lisboa. Sob o crescido numero d'ellas desapparecem os defeitos ou faltas por diminutas. É um deposito de todos os principios, e noções de Direito Mercantil, — principios e noções que conservam na actualidade o mesmo interesse

que na epocha de sua publicação; é uma obra que será sempre nova, e será sempre necessaria para a cõnsulta e para o estudo de todos os que procuram instruir-se na sciencia do Direito Mercantil. É um monumento extraordinario de erudição juridica e philosophica, que inscreveu o nome do seu auctor no livro de ouro destinado á immortalidade.

Com a publicação do primeiro volume de —
 o Instituto Brasileiro — se occuparam alguns pe-
 riodicos e revistas. Intentando que se aces-
 sarem os leitores ver impressos no segundo
 volume alguns dos artigos criticos que escreveram
 os illustres redactores, que se dignaram de
 analysar a obra. No fim desses artigos em que
 parece corrigido erro, que o seu auctor julga
 encontrar na obra de José Basilio da Gama;
 fazmo-lo acompanhar da resposta que consi-
 deramos dever dirigir-lhe, e que se pôde tam-
 bom tomar como agradecimento ao publico, pela
 benevolencia com que acolheu a nossa obra.

ARTIGO DA GAZETA OFFICIAL DO BRASIL

de 18 de Setembro de 1877.

O LETADO BRASILEIRO, RIO DE J. N. FERREIRA

DE SILVA

Naõ ha muito tempo que, acompanhando o
 movimento progressivo do nosso país, assigna-
 mos a tendencia dos espiritos para os estudos his-

EPILOGO

Com a publicação do primeiro volume do — Plutarco Brasileiro — se occuparam alguns periodicos e revistas. Entendemos que será agradável aos leitores ver impressos no segundo volume alguns dos juizos criticos que escreveram os illustres redactores, que se dignaram de analysar a obra. No fim d'esses artigos um apparece corrigindo erros, que o seu auctor julga encontrar na vida de José Basilio da Gama; fazemo-lo acompanhar da resposta que considerámos dever dirigir-lhe, e que se pôde tambem tomar como agradecimento ao publico, pela benevolencia com que acolheu a nossa obra.

ARTIGO DA GAZETA OFFICIAL DO BRASIL

DE 18 DE JANEIRO DE 1847.

O PLUTARCO BRAZILEIRO, PELO DR. J. M. PEREIRA
DA SILVA.

Não ha muito tempo que, acompanhando o movimento progressivo do nosso paiz, assignalamos a tendencia dos espiritos para os estudos his-

toricos. Nos paizes de uma civilização adiantada a sciencia historica não só entra como base da educação da mocidade, mas ainda a acompanha em toda a vida litteraria. O Sr. Guizot, desenvolvendo uma ideia de Jenisch, aponta o estudo da historia como elemento civilizador que explica a supremacia intellectual de certos povos. É assim que a educação allemã, ingleza e franceza firma-se essencialmente no ensino da historia e dos antigos classicos, como fonte de sciencia e de gosto. Realmente a educação que não tem aquella base é imperfeita, ou antes nem-uma; e a mocidade nem póde conscienciosamente comprehender as tendencias sociaes, e nem adquire o gosto e a critica litteraria.

Hoje, para facilitar os estudos historicos, os escriptores tem-se dedicado ás biographias. Muitos ha que pensam que a biographia adianta mais o espirito do que a historia propriamente dita; porque a biographia, como a escreveu Plutarco, refere não só os feitos notaveis do homem celebre, como ainda os factos domesticos e particulares de sua vida, os usos de sua epocha, o genero de educação que se recebia, o trato do mundo de então, o modo de julgar de seus contemporaneos. O individuo de que se escreve está, como diz Dunbar, no centro de um quadro com tal disposição de luz, que podemos conhecer sua marcha, actividade, influencia nos contemporaneos e o espirito de seu seculo. Não é porém assim que se escreve hoje a biographia. O estylo biographico

de nossa epocha é vicioso, incapaz de dar conhecimentos politicos e historicos. Uma biographia de hoje é um panegyrico ou uma satyra, conforme as disposições benignas ou desfavoraveis do biographo. Não foi assim que Plutarco de Cheronéa escreveu as vidas dos homens illustres gregos e romanos. Os costumes, os factos historicos, a chronologia, as ideias moraes e philosophicas da epocha, a influencia dos homens celebres, tudo isso Plutarco estudou e soube; de sorte que quando lemos uma das suas *Vidas*, parece que nos achamos no seculo que elle descreve, tão vivas são as suas côres e tão perfeito o seu trabalho! É por isso que Rualdus (*In vita Plut.*), diz que o mundo tornará a ver Numas, Pericles e Cesares, porém que jámais lerá um segundo Plutarco. Entretanto as nações civilisadas tem todas o seu livro nacional do resumo das vidas e trabalhos de seus homens mais notaveis. As obras d'este genero não sómente são necessarias aos litteratos, como mesmo servem de estimulo á mocidade que aspira por inscrever seus nomes entre tantos outros celebres.

O Sr. Dr. Pereira da Silva, já conhecido por diversos trabalhos litterarios, acaba de publicar uma selecção de biographias dos mais notaveis Brasileiros. O primeiro volume do *Plutarco Brasileiro* contém as noticias historicas de Jorge de Albuquerque Coelho, de Anchieta, do padre Caldas, de S. Carlos, de Basilio da Gama, de Gonzaga, de Alexandre de Gusmão, de Claudio

Manuel, de Antonio José, de Gregorio de Mattos, de Durão e de Alvarenga Peixoto. O poeta, o diplomata, o orador sagrado, o guerreiro, o autor dramatico e o colonizador; tantos são os quadros que o talento do Sr. Pereira da Silva teve de escrever!

O *Plutarco Brasileiro* é um trabalho que honra a seu auctor. Tem os dous essenciaes requisitos; grande lição historica e critica apurada. O Sr. Pereira da Silva não descreve simplesmente a vida *chronologica*, como diz Schlosser, dos Brasileiros celebres; descreve tambem a vida *intellectual* e os trabalhos litterarios e scientificos; julga-os depois comparando-os com os estrangeiros que se illustrarão em trabalhos correspondentes, e facilita por este modo á nossa mocidade o estudo comparado da litteratura brasileira. Se ha alguma cousa a estranhar no *Plutarco Brasileiro*, é talvez o excessivo colorido do estylo. Sua animação e vivacidade passa muitas vezes a ser poesia apaixonada, como se nota nas peregrinações do padre Caldas, no captiveiro de Albuquerque, e em quasi todos os lances principaes dos heróes do *Plutarco*; assim muitas vezes a biographia torna-se uma lenda ou uma *estancia*. Por este defeito não se deve entretanto criminar o Sr. Dr. Pereira da Silva; talvez se deva culpar a nossa epocha, a nossa litteratura, o gosto actual pelo romance, que repelle todos os escriptos do estylo severo.

ARTIGO DO PERIODICO — BRAZIL

DE 20 DE ABRIL DE 1847.

O PLUTARCO BRASILEIRO.

A litteratura brazileira nasce apenas; ainda não tomou aquelle desenvolvimento que aliás era de esperar em um povo collocado como o nosso, em contacto com as tradições da civilisação europea, e o spectaculo magnifico de um solo enriquecido das maravilhas da natureza.

Não é isso um desvio como parece á primeira vista, mas consequencia necessaria de nossa situação politica.

Assim moral como physicamente fallando, as primeiras necessidades, por mais imperiosas, são as que reclamam mais prompta satisfação. A politica é a sciencia da vida dos estados: emquanto pois a capacidade das intelligencias que ella requer não fór preenchida, não haverá sobras que se empreguem n'outro mister, e é o excedente das intelligencias absorvidas pela politica que tem de se applicar á litteratura. O bello ninguem o busca, senão depois de refeito do util.

Houve talvez nos tempos coloniaes movimento litterario mais caracterizado que actualmente. Engenhos sublimados espancavam as trevas da ignorancia colonial, envoltos na purpura brilhante da poesia ou nas vestes sagradas da tribuna religiosa. Tivemos chronistas de merecimento,

litteratos mais consummados que hoje talvez; é uma verdade que mais confirma nosso asserto.

Por simplicidade no seu modo de existir e obrar, as formas absolutas demandam menos consumo de aptidões do que as formas representativas. Sobravam portanto engenhos que se inscreviam em outra esphera de actividade, e no pulpito principalmente, tão elevado n'essa epocha, emulariam com as reputações colossaes dos Bossuet, Massillon, Bourdaloue, se tivessem por auditorio um paiz como a França, se fallassem uma linguagem universalmente conhecida, se menos descuidosos do futuro transmittissem á posteridade os materiaes de que se lhes podessem erguer as estatuas de que são dignos.

A familia illustre d'esses oradores sagrados que se succedem sem interrupção nos tempos coloniaes extinguiu-se no momento em que uma nova ordem de cousas appareceu, e uma organização social, diversa da do passado, abriu ás intelligencias as vias ruidosas e brilhantes da vida politica. O fóro, a tribuna e a imprensa roubaram a essa familia os seus successores.

Pois bem; hoje que os talentos medram ao influxo da instrucção que cada vez mais se derrama, e as posições politicas se vão occupando mais ou menos dignamente, as necessidades da intelligencia e do coração vão sendo mais exigentes, e toda a exigencia reclama meios de satisfação. É isso um axioma em economia politica, como em tudo o mais.

D'ahi esses esforços que o talento e a consciencia da situação dos espiritos, multiplicação para que a litteratura, encarada na sua accepção mais generica, se nacionalise, tome a posição que lhe compete e frutifique consolações, renome e gloria. D'ahi essas tentativas brilhantes na historia e na poesia, que todos os dias se publicam, e só esperam do tempo o character de factos consummados.

Estas observações nos foram suggeridas pela leitura de um bello livro com que o Sr. Dr. João Manuel Pereira da Silva acaba de brindar a litteratura nacional.

O Sr. Dr. Pereira da Silva, litterato distincto, conhecido vantajosamente por seus escriptos publicados em diversas epochas nos periodicos d'esta capital, tomou sobre seus hombros uma grande tarefa, se difficillima, tão gloriosa quanto póde ser a publicação de um livro destinado a transmittir á posteridade a noticia dos grandes homens que avultam, como monumentos, na historia da patria: e elle a desempenhou dignamente.

O *Plutarco Brasileiro* não foi escripto, nem o podia ser sem aturado estudo e meditação. Precizo foi examinar muitas obras, recompôr physionomias, caracteres inteiros com traços espalhados aqui e acolá em diversos volumes, reunir e dar vida a esqueletos destroncados pela força do tempo, carcomidos pelo pó das edades. E tudo isto foi feito com talento e consciencia.

O Plutarco Brasileiro, pela correnteza do estylo e pompa das imagens, seduz e prende a attenção como um romance. Instrue, porque vos guia pela mão ao conhecimento historico dos feitos do passado; vos familiarisa tanto com os homens dos outros tempos, como se com elles vivesseis. Attinge um fim tão moral quão patriotico, porque produz no leitor o desejo de imitar aquelles cujas nobres acções se lhe descrevem.

A ordem chronologica, estylo mais grave, e menos espirito de nacionalismo nas comparações de nossos poetas com os poetas estrangeiros, talvez déssem ao Plutarco Brasileiro um merecimento de mais. Entretanto, ainda quando esta simples observação se resolvesse em uma censura, nem por isso o bello livro do Sr. Dr. Pereira da Silva seria menos digno de aceitação e elogios.

O 1.º volume do Plutarco Brasileiro comprehende as biographias de Jorge de Albuquerque Coelho, José Anchieta, Souza Caldas, frei Francisco de S. Carlos, José Basilio da Gama, Thomaz Antonio Gonzaga, Alexandre de Gusmão, Claudio Manuel da Costa, Antonio José da Silva, Gregorio de Mattos, Santa Ritta Durão, Alvarenga Peixoto.

Não esmoreça o Sr. Dr. Pereira da Silva na carreira que tão dignamente encetou.

Anciosos esperamos pela publicação do segundo volume.

ARTIGO DA REVISTA UNIVERSAL BRASILEIRA

n.º 1.º, 1847.

PLUTARCO BRASILEIRO POR J. M. PEREIRA DA SILVA.

A litteratura Brasileira acaba de ser enriquecida com uma obra da mais valiosa importancia para a historia nacional, e que por si só seria bastante á fazer a reputação de seu auctor, quando outros trabalhos de identica natureza não lhe tivessem já consagrado o brazão de litterato benemerito: fallamos do Plutarco Brasileiro e de seu auctor o Sr. J. M. Pereira da Silva.

Na epocha actual, em que o talento e o saber se dedicam a juntar os materiaes para inaugurar devidamente o edificio historico d'este epico e romântico paiz, e quando o benemerito Instituto historico traça os alicerces d'esse gigantesco monumento, a obra do Sr. Pereira da Silva é um grande successo, e como tal é e deve ser considerado no publico.

O Plutarco Brasileiro, escripto em uma linguagem fluida e eloquente, é um rico e precioso thesouro de erudição e talento. O auctor com a mais profunda e inteira consciencia falla da litteratura e da historia; contorna com mão de mestre o vulto das personagens, e reveste-as com uma roupagem classica e brilhante.

Não é esta uma obra de aspecto severo, como costumam ser as obras de tal natureza: é a laran-

geira agradável nas suas flores, no seu viço, e proveitosa nos seus delicados pomos. O auctor soube repassar e ungir a sua obra com o perfume da poesia, sem comtudo sacrificar a verdade historica: as biographias dos Brazileiros illustres são pois ao mesmo tempo a chronica nacional, e apotheose academica do commemorado.

O Sr. Dr. Pereira da Silva percorrendo as epochas da maxima influencia jesuitica, e tendo de sentenciar, ou ao menos avaliar e apreciar esta questão altamente politica e religiosa, fê-lo com a maior felicidade e summa vantagem, e reconhecida prudencia. Expoz os factos com singeleza e verdade, e apreciação, — que é sempre discorde e desvairada — deixou-a o illustre escriptor á vontade e ao capricho do publico. Nem reccorreu á dedicação apaixonada de Saint-Alembert, nem ás profundas razões d'estado de Villemain, e nem ás iniciativas virulentas de Eugenio Sue: a sua missão foi desentranhar das chronicas, das memorias, escriptos e tradições, dos codigos e das viagens, das historias nacionaes e estrangeiras, o marmore para representar os bustos e as estatuas que devem collocar-se no pantheon da historia Brazileira: tomou o scopro de Canova, e formou o primeiro grupo, que é a criação de uma imaginação talentosa e artistica.

É innegavel que o auctor ao encetar esta proficua obra, começa a inaugurar tambem com a sua mão poderosa, um padrão á gloria da sua

patria : o seu nome de escriptor benemerito ficará tambem ligado á esse monumento : será o busto de Pombal no grande pedestal da estatua de D. José I de Portugal.

ARTIGO DO PERIODICO — MERCANTIL

DE 26 DE FEVEREIRO DE 1847.

O PLUTARCO BRAZILEIRO.

O Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva empreendeu uma obra eminentemente util ao paiz. O *Plutarco Brasileiro* é a historia do Brazil em algumas épochas : o auctor, segundo declara no prefacio, preferiu adoptar a formula biographica, por lhe parecer que, narrando a historia dos homens illustres do seu paiz, conjunctamente com a dos grandes successos que tiveram logar durante suas vidas, mais agradava a seus leitores, e mais folgas dava á sua attenção.

Não queremos estabelecer uma comparação entre a biographia e a historia propriamente dita: cada uma tem seu objecto, sua missão, seu gráu de utilidade. O que se não pôde contestar é a justeza da observação que induziu o Sr. Dr. Pereira da Silva a preferir o titulo de biographo ao de historiador. N'este seculo do romance, uma collecção de *vidas brazileiras illustres*, ornada com as galas da imaginação e da poesia, deve por certo agradar a maior numero de leitores, do

que uma historia completa do Brazil, escripta em estylo severo.

Além d'esta vantagem, que affiança maior vulgarisação, uma selecção de biographias dos cidadãos mais notaveis tem seu fim particular e sua utilidade propria. Os grandes acontecimentos porque tem passado uma nação, as acções gloriosas de que justamente se ufana, resumidamente relatados e despídos de uma multidão de circumstancias insignificantes ou accessorias, gravam-se com mais facilidade na memoria: os nobres sentimentos, as virtudes, o valor, o genio, a sciencia, a gloria dos antepassados pintam-se ali como n'um espelho limpido e fiel; nada lhes vem escurecer o nativo esplendor, nada intercepta os seus brilhantes reflexos.

O *Plutarco Brasileiro* é destinado a ser o mentor da mocidade, o guia da idade madura, o amigo da velhice. A uns offerecerá uma fonte inexgotavel de uteis lições; a outros, um assumpto de meditações profundas, a todos um modelo por onde regulem o seu comportamento. A estes servirá de poderoso estimulo; a esses, de consolação, áquelles de castigo. Aos bons cidadãos louvará o terem seguido o exemplo que lhes deixaram os antepassados; aos máos exprobrará o tempo e a honra perdidos no meio dos ruidosos prazeres do mundo, ou dos calculos do egoismo. Será o nosso companheiro inseparavel de todos os dias e de todas as edades. A mãe o repetirá a seu filho, o mestre o fará decorar por seus alum-

nos; o varão o lerá nas horas vagas; os velhos, sabendo de cór, tomarão gosto em experimentar a memoria dos netos.

Já se vê que o *Plutarco Brasileiro* não é livro que tenha de ficar muitas vezes ocioso na estante; cada um de nós o quererá ter, por assim dizer, á mão ou na escrevaninha, ou na meza da cabeceira, prompto a abrir-se no lugar marcado em que se interrompeo a ultima leitura.

Era pois para desejar que uma obra d'estas, destinada por sua natureza a andar nas mãos de todos, fosse um modelo de linguagem castiça e de bom gosto: cada biographia, só por si, deverá ser um primor de litteratura nacional, digno de servir de exemplo á mocidade estudiosa.

A historia dos grandes homens deve escrever-se com clareza, precisão e simplicidade: elles de per si avultam ou brilham bastante, sem ser preciso engrandece-los com hyperboles, ou adorna-los com a magnificencia do estylo. As menores particularidades tomam naturalmente proporções appropriadas á pessoa a que respeitam. Plutarco, dizia J. J. Rousseau, tem inimitavel graça em pintar os grandes homens nas pequenas cousas, e é tão feliz na escolha das feições, que muitas vezes basta-lhe um sorriso, um gesto para caracterisar os seus heróes.

O *Plutarco Brasileiro* terá por ventura todas as qualidades que lhe desejamos! Confessaremos com ingenuidade que a este respeito somos menos proprio a emittir dogmatico juizo. Deixaremos

esta tarefa a pessoas mais conhecedoras do que nós da lingua e litteratura portugueza. Em todo o caso, ainda quando se lhe notasse alguma affectação ou excessivo colorido, o Sr. Dr. Pereira da Silva devêra consolar-se com a lembrança de que o mesmo Plutarco de Cheronea nem sempre escapou a censuras d'esta e outra natureza. Bem que alguém tenha dito que o merecimento do biographo grego está todo no estylo, e que só cuidou em parecer habil escriptor, é justamente por este lado que deixa mais aberta á critica. O comprimento de suas phrases torna ás vezes a sua narração obscura e vagarosa. Além d'isto não possui essa pureza de linguagem attica que fórma o encanto das producções do bello seculo da Grecia; não porque se não cultivasse na leitura dos melhores modelos; e sim porque não nascêra em Athenas e escrevia no meio da decadencia.

Apezar dos seus defeitos, as obras de Plutarco, e especialmente as *Vidas parallelas*, tem tido uma acceitação universal. Si fizéssemos uma lista d'aquelles a quem a leitura d'este livro foi e é familiar, inscreveríamos os nomes dos homens mais notaveis do mundo civilizado. Plutarco agrada ás imaginações tenras e vivas, bem como aos espiritos mais serios. O philosopho genebrense diz que na idade de 9 annos eram já as *Vidas* do biographo grego « a sua leitura favorita »; e Montaigne que foram « as delicias de toda a sua vida. »

As obras d'esse immortal escriptor abrangeram

tudo, a historia, a methaphysica, a moral, a politica, a religião, a physica, a litteratura. Não ha talvez livro nem-um mais proprio a formar os homens, tanto para a vida publica, como para a vida particular. « O estudo constante que faço dos homens illustres, diz o mesmo Plutarco, serve-me de trato habitual com elles; parece-me que de alguma sorte os hospedo e conservo em minha casa; e n'essa escola de virtude, vou-me tornando mais virtuoso. »

O Esperamos que o Plutarco Brasileiro tenha, ao menos entre nós, igual acceitação e influencia. O primeiro volume que sahiu á luz, contém as biographias de doze illustres Brasileiros, Jorge de Albuquerque Coelho, Anchieta, padre Caldas, S. Carlos, Basilio da Gama, Gonzaga, Alexandre de Gusmão, Claudio Manuel, Antonio José, Gregorio de Mattos, Durão e Alvarenga Peixoto.

O poeta, o diplomata, o orador sagrado, o guerreiro, o auctor dramatico e o colonizador, tantos são, liamos ha pouco n'um excellente artigo da *Gazeta Official*, os quadros que o talento do Sr. Pereira da Silva teve de descrever!

Prosiga o joven escriptor na sua interessante empresa, na certeza de que não lhe faltarão nem as sympathias da imprensa periodica, nem a gratidão do paiz.

ARTIGO DO JORNAL DO COMMERCIO

DE 1.º DE JULHO DE 1847.

Sr. Redactor. — É tão inexacta a breve noticia que o Sr. Dr. João Manuel Pereira da Silva nos deu, no seu excellente Plutarco Brasileiro, relativamente á ascendencia do nosso distincto poeta José Basilio da Gama, que força me é corrigi-la; e pois tenho de rogar-lhe a publicação no seu *Jornal* dos seguintes documentos, cujos originaes, bem como outros muitos minuciosos e exactos, a respeito de José Basilio da Gama e seus ascendentes, existem em meu poder e serão presentes ao Sr. Pereira da Silva, se por ventura me constar que deseja S. S. dar-se ao trabalho de os ler.

Tenho por sem duvida que á vista d'elles conhecerá o Sr. Pereira da Silva quão mal informado estava quando, fallando de José Basilio, diz elle que se não sabe quem fora seu pai; que ha quem affirme descender elle de pobres sertanejos, companheiros de João de Serqueira Afonso, grande copia dos quaes eram Portuguezes que procuravam fortuna; e finalmente que tambem se assevera ter ficado o infeliz infante, por morte de seu pai, que pouco tempo sobrevivera ao seu nascimento, entregue aos cuidados de sua desgraçada mãe, que nem meios tinha de subsistencia para si, quanto mais para criar um filho!

« Eu, a rainha, faço saber a vós, D. Thomaz de Lima Vasconcellos Nogueira Telles da Silva, visconde de Villa Nova da Cerveira, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, que servis de meu mordomo mór, que, attendendo a José Basilio da Gama, natural da freguezia de Santo Antonio da villa de S. José do Rio das Mortes, do Estado do Brazil, filho do capitão mór Manuel da Costa Villas-Boas, estar servindo ha treze annos, dous mezes e oito dias, contados de vinte e cinco de Junho de mil setecentos setenta e quatro, té o presente, de official da secretaria de estado dos negocios do reino, mostrando sempre muito prestimo, aptidão e zelo no meu real serviço em que continúa; em consideração do que e do exemplo que allegára, hei por bem e me praz fazer-lhe merecê de o tomar por escudeiro fidalgo de minha casa, com quatrocentos e cincoenta réis de moradia por mez, e juntamente o acresciento logo a cavalleiro fidalgo d'ella, com trezentos réis mais em sua moradia; para que tenha e haja setecentos e cincoenta réis de moradia por mez de cavalleiro fidalgo, e um alqueire de sevada por dia, paga segundo ordenança; e é a moradia ordinaria. Mando-vos o façais assentar no livro da matricula dos moradores de minha casa, em seu titulo, com a dita moradia e sevada. Lisboa, seis de Agosto de mil setecentos oitenta e sete. —

RAINHA. — *Visconde da Villa-Nova da Cerveira, &c., &c.* »

Não era pois José Basilio da Gama descendente d'esses *pobres sertanejos* do Sr. Pereira da Silva, mas filho legitimo do capitão-mór Manuel da Costa Villas-Boas, casado com D. Quiteria Ignacia da Gama.

Foram seus avós o capitão Luiz de Almeida Ramos e sua mulher D. Helena Josepha da Gama; e quanto a seus bisavós, eis o que consta:

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Diz José Basilio da Gama que elle carece que o secretario d'este estado lhe passe por certidão o teor da patente que em 26 de Janeiro de 1700 se passou a seu bisavô Leonel da Gama Belles do posto de capitão de infantaria do terço, pago d'esta capitania do Rio de Janeiro: e porque se não passe sem despacho. — Pede a V. Ex.^a se digne manda-la passar na fórma pedida. — E. R. M. »

Do teor da patente a que se refere o requerimento, bem como de varios outros documentos originaes, que já disse existirem em meu poder; se mostra que Leonel da Gama Belles, bisavô de José Basilio da Gama, e natural do Além Tejo, viera militar na colonia do Sacramento, em companhia de seu tio o capitão de cavallaria, Bartholomeu Sanches Xára, e que em Maio de 1683 principiára a servir no posto de tenente de cavallaria, até 10 de Janeiro de 1699, em que passára á côrte, onde foi nomeado capitão de infantaria do regimento novo do Rio de Janeiro, a 26 de Janeiro de 1700.

A 19 de Janeiro de 1701 foi nomeado capitão

de cavallaria, por fallecimento do seu tio Bartholomeu Sanches Xára.

Tomada a colonia em 1703, veio para o Rio de Janeiro e seguiu para Villa Rica a crear as companhias de dragões, e por occasião da invasão de Duclerc em 1710, e da de Duguay-Trouin em 1711, marchou com essas companhias em soccorro d'esta cidade do Rio de Janeiro, passando ao depois a governador da fortaleza de S. João, d'onde voltára mezes depois para a colonia, onde fallecêra em 1729 com 90 annos de idade, seguindo-o pouco tempo depois, com mais de 80, sua mulher, D. Maria Josepha Corrêa, natural da freguezia do Alecrim em Loreto, irmã do capitão de cavallaria, Manuel Felix Corrêa.

Outros talvez possam devidamente apreciar se foi o Sr. Pereira da Silva quiçá mais feliz a respeito das demais biographias que se contém na sua obra; pela minha parte, só me resta rogar a S. S., com quem muito sympathiso, e de cujos talentos faço mui subido conceito, que não attribua a publicação d'estas linhas a qualquer outro motivo que não um tributo que julgou dever á memoria de José Basilio da Gama

Um. seu parente.

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1847.

ARTIGO DO JORNAL DO COMMERCIO

DE 2 DE JULHO DE 1847.

Sr. Redactor. — Acabo de ler no seu *Jornal* de hoje uma correspondencia assignada por *Um parente de José Basilio da Gama*, em que se me tacha de inexacto na parte em que o — PLUTARCO BRAZILEIRO — trata da ascendencia d'este illustre poeta.

Louvo o procedimento do seu correspondente. Tende a pagar um tributo á memoria de tão digno Brasileiro e esclarecer o publico acerca das qualidades de seus progenitores.

Direi tambem algumas palavras em minha defesa.

O periodo unico do — PLUTARCO — que causou a mencionada correspondencia, visto que sómente esta inexactidão refere o seu correspondente, é o seguinte:

« Quem fôra seu pai? D'onde procedera? Nem
« um biographo no-lo diz. Ha quem affirme ter
« seu pai fallecido pouco tempo depois do nas-
« cimento de José Basilio da Gama e descender
« elle de pobres sertanejos, companheiros de
« João de Serqueira Affonso, grande copia dos
« quaes eram Portuguezes que procuravam for-
« tuna. Assevera tambem que ficára o infeliz
« infante entregue aos cuidados de sua desgra-
« çada mãe, que nem meios tinha de subsistencia

« para si, quanto mais para criar e educar um
« filho. »

Vê o publico que o — PLUTARCO BRASILEIRO —
não dá como certo o que suppõe o seu corres-
pondente.

Declaro agora que estas circumstancias são
referidas em alguns esboços biographicos de José
Basilio da Gama, que se tem publicado no Brazil
e em Portugal, e cuja noticia tenho, notavel-
mente no do Sr. F. A. de Varnhagen, que assim
se exprime :

« Ignoramos de quem era filho ; mas sabemos
« que seu pai lhe faltou logo aos primeiros annos,
« e que José Basilio abriu, por assim dizer, os
« olhos da razão, presenciando a pobreza de sua
« mãe. »

Folhee para escrever o — PLUTARCO BRASILEIRO —
bastantes livros antigos e modernos, e copia
mesmo de manuscriptos. Colhi o que havia
n'elles. Não vi tudo o que existe impresso ou
não impresso. Necessariamente me faltaram ma-
teriaes ; e a prova encontro nos documentos
manuscriptos a que se refere seu correspondente,
e que inteiramente desconheço. Ficar-lhe-hei
summamente agradecido se se dignar de m'os
confiar, porque, a haverem erros ou inexacti-
dões, procurarei emenda-los na nova edição que
está reservada ao — PLUTARCO —, visto que tão
bem foi recebido pelo publico, que poucos
exemplares restam do seu primeiro volume.

Creio porém não merecer desapiedada censura

por ter succedido comigo o que succedeu aos biographos meus antecessores, isto é, por ter ignorado a ascendencia de José Basilio da Gama. Nem elles e nem eu poderíamos adivinhar que o seu assignante, cujo nome não sei ainda, possuia documentos tão importantes como os que apresenta, e que guardava nos seus archivos particulares.

Alegro-me de, com o — PLUTARCO —, ter sido causa de apparecerem elles á luz da publicidade.

Accresce que, se na França, na Inglaterra e na Allemanha, onde tudo se imprime e tudo se sabe ácerca dos *homens* que adquirem renome por seus feitos, muitas publicações são por vezes tachadas de inexactas na narração de um ou outro facto historico ou biographico, como tem succedido com Thiers, Capefigue, Johnston, D'Israeli, e Anéillon, Saint-Beuve, Ebert, Clarke, Schlegel e Butterweck, me parece que no Brazil, onde redobra o trabalho para se conseguirem quaesquer noticias e esclarecimentos, onde ha falta quasi absoluta de materiaes ácerca da historia e da litteratura, dada mesmo a hypothese de uma ou outra inexactidão no — PLUTARCO — e que se póde corrigir, não ha muita razão na sua censura rigorosa.

Entendi que fazia com o — PLUTARCO — serviço ao paiz. Outro não foi meu desejo, outra a minha ambição, afóra o fazer conhecer e respeitar por Brasileiros e estranhos aquelles homens que por

seus feitos e seus escriptos se tornaram dignos de legar seus nomes á immortalidade.

Tenho consciencia de que o paiz assim tambem o julgou e me fez justiça com sua sentença, já pela extraordinaria extracção da obra, já pelos elogios que recebi dos periodicos *Tempo*, *Diario*, *Brazil*, *Mercantil do Rio*, *Gazeta Official*, *Monitor Campista*, *Revista Universal Brasileira* e outros muitos periodicos pertencentes a diversos partidos politicos, e escriptos todos por habilissimas pennas; elogios que eu aproveito a occasião para muito agradecer, e que me animam a continuar na encetada empreza.

Aceito com prazer todos os documentos e esclarecimentos que me queiram confiar sobre a historia e a litteratura do Brazil; rogo mesmo a todos os senhores que possuirem quaesquer materiaes relativos á vida de Brasileiros illustres tenham a bondade de m'os entregar, que não me servirei d'elles senão para proveito e gloria sua e do paiz.

J. M. Pereira da Silva.

Rio de Janeiro, 2 de Julho de 1847.

FIM.

